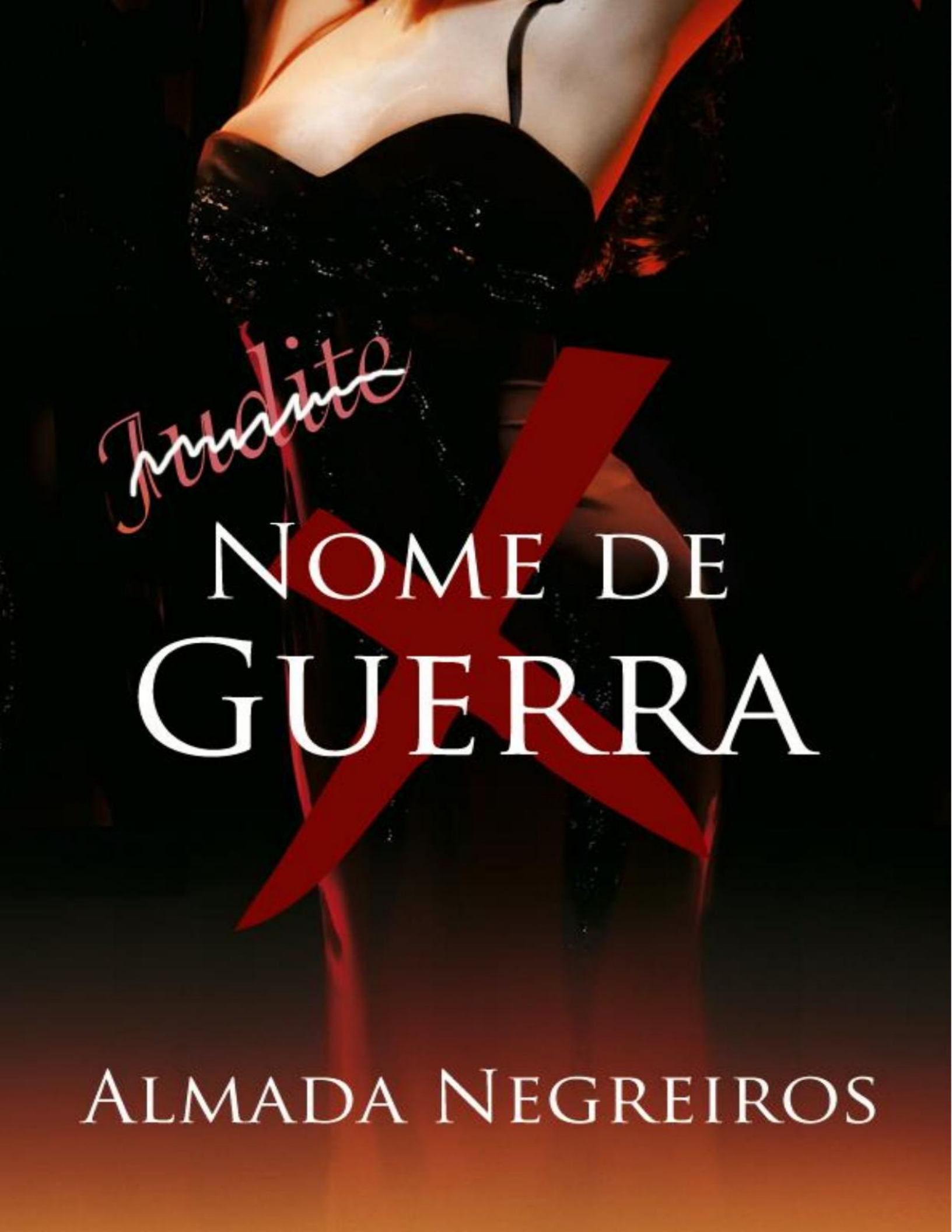
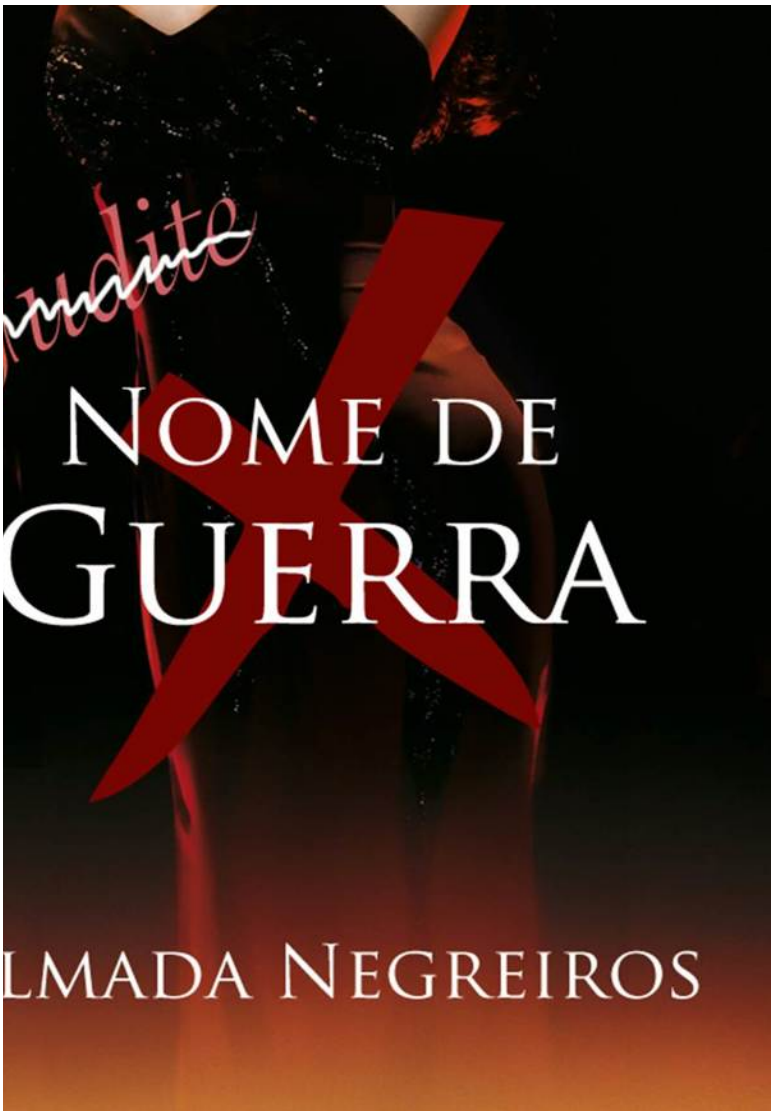

Judite
Nome de
Guerra
Almada Negreiros


Nome de
Guerra
LMADA NEGREIROS

NOME DE GUERRA

ALMADA NEGREIROS

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: http://www.luso-livros.net/

LUSO LIVROS
UMA NOVA FORMA DE LER

O leitor há de ver já a seguir que o autor não é forte em ciência, de modo que tudo quanto ficar escrito não terá absolutamente nada de científico. Será exatamente nem científico nem falso, ao mesmo tempo.

O AUTOR

CAPÍTULO 1

AS PESSOAS PÕEM NOMES A TUDO E A SI PRÓPRIAS TAMBÉM

Das duas uma: ou as pessoas se fazem ao nome que lhes puseram no batismo, ou ele tem do seu o bastante para marcar a cada um Será imprudente deduzir o nome próprio através das fisionomias ou dos caracteres; no entanto, uma vez conhecido o nome próprio de uma pessoa, ficamos logo convencidos de que este lhe assenta muito bem. Jules Renard tirou um esplêndido retrato da vaca em tamanho natural: "*On l'appelle la vache et c'est le nom qui lui va le mieux*." Como vedes, este corpo-inteiro está extraordinariamente parecido, é vaca por todos os lados.

Por sorte, a vaca não tem apelidos de família para lhe complicarem a existência. Mas, como é animal doméstico, vem a dar-lhe na mesma que tenha ou que não tenha apelidos. O ser animal doméstico faz com que fique dentro

da circunscrição dos apelidos da família em casa de quem serve. As vacas chamam-se e os donos das vacas apelidam-se. A vaca é Pomba, Estrela, Aurora ou Vitória como uma pessoa podia ser apenas José, Maria, Luís ou Judite. É a domesticidade que leva a estas designações e para evitar o opróbrio da fria enumeração. São efeitos da gentileza com facilidades para distinguir. Mas a verdade é que o facto de alguém ser Joana ou Manuel já é mais do que ser apenas homem ou mulher. Ser homem ou mulher é apenas a natureza; chamar-se João ou Manuela já é a natureza mais a vida inteira: é o problema. E se o João é Sousa e a Manuela é Pereira, então, à natureza e à vida junte-se-lhes ainda por cima a existência e complicou-se o problema.

Ser Sousa ou Pereira ou outros apelidos quaisquer é logo uma árvore genealógica tamanha que, embora o próprio a desconheça, tem sempre muito que se lhe diga.

Nós todos, inclusive os expostos, temos todos as nossas árvores genealógicas do mesmo tamanho. Lá no tamanho das árvores somos todos iguais. Mas é precisamente nas árvores que está a nossa diferença. Vê-se perfeitamente que a cada um aconteceu qualquer coisa que não se passou

com mais ninguém. E aconteceu-nos antes ainda de nós termos nascido. É a árvore genealógica. Esse segredo do nosso segredo. Esse mistério do nosso mistério. Nós somos hoje o último fruto dessa árvore secular, secularmente secular! O fruto! Mas, por mais genuíno que seja o fruto da sua árvore, esta nasce tão incomparavelmente anterior à Bíblia que não se vê da árvore senão o que está mesmo ao pé do fruto, e até isto quase sempre se ignora e muitas vezes mentiu-se. Contudo, o fruto nasceu. E que é o nosso instinto senão uma memória que é nossa e que já nos pertencia antes de termos nascido? E o nosso feitio moral e o físico? E a nossa vontade? E a nossa tendência? E a nossa vocação? Não vem tudo isto de longe, de tão longe que a memória viva não atinge, mas que apesar disso vem dirigindo-se para cada um de nós através de séculos e séculos, desencontrados, de altos e baixos, como se quis ou como pôde ser? Não! Não somos um fruto qualquer, somos como qualquer outro fruto.

Claro está que todo aquele que tenha a veleidade de querer servir-se da sua árvore genealógica como de uma estatística para deduzir-se não faz senão aleijar-se. Como

antes se disse, é completamente impossível conhecer inteira uma árvore genealógica; o que pode é cada um possuí-la toda no seu carácter. A árvore genealógica não funciona como ciência. É mesmo o contrário de ciência: mistério! Um mistério que se espelha só em cada um de nós! Um verdadeiro mistério humano, que ultrapassa a sociedade e a ciência, que respira apenas ar de Arte e de Religião!

CAPÍTULO 2

A SOCIEDADE SÓ TEM QUE VER COM TODOS NÃO TEM NADA QUE CHEIRAR COM CADA UM

Cada um tem o destino universal de fazer consigo mesmo o modelo de mais uma estátua humana. E esta fabrica-se apenas com íntimo pessoal.

O nosso íntimo pessoal é inatingível por outrem. E é este o fundamento de toda a humanidade, de toda a Arte e de toda a Religião. O nosso íntimo pessoal é de ordem humana, estética e sagrada. Serve apenas o próprio. É o seu único caminho. O melhor que se pode fazer em favor de qualquer é ajudá-lo a entregar-se a si mesmo. Com o seu íntimo pessoal cada um poderá estar em Ioda a parte, sejam quais forem as condições sociais, as mais favoráveis e as mais adversas. Sem ele, nem para fazer número se aproveita ninguém.

A individualidade e a personalidade são florescências desse invisível do nosso ser a que chamamos o nosso íntimo. Tudo quanto de bom ou de mau, de ótimo ou de péssimo, exista em cada qual, nasceu com ele e formou-se secretamente, intimamente, a despeito de todo o aspeto que lhe venha do exterior, de toda a educação e ação alheias.

O papel da sociedade é imediatamente mais evidente sobre cada pessoa do que o atropelado movimento das gerações que a antecederam e lhe determinaram o seu sangue, mas aquela não vale esta. Que uma pessoa tome ao seu cargo dirigir o próprio destino que lhe coube, é com ela. Que seja a sociedade quem se proponha dirigi-lo, é ingenuidade. O mais que neste caso poderá a sociedade é eliminar esse destino pessoal. A sociedade só tem que ver com todos, não tem nada que cheirar com cada um!

Cada um nasce já bem ou mal educado. E, depois de nascido bem ou mal educado, tudo quanto se faça pode pouco para imediatamente. Vereis gentes humildes, analfabetos, simples e perfeitamente bem educados, sabendo medir as distâncias entre pessoas, sem se

atrapalharem com as escalas sociais, e perfeitamente uníssonos com o seu próprio caso pessoal. Vereis, por outra, gentes de opinião, passadas superiormente por cursos, e, uma vez na altura oficial, não saberem distinguir pessoas de formigas, e outras vertigens dos sítios altos, e, o que é pior, de costas voltadas para si mesmas como para o diabo. Isto é, aquilo em que elas poderiam merecer o nosso interesse é precisamente ao que elas voltaram as costas!

O autor destas páginas também desenha, e não sabe expressar por palavras a extraordinária impressão que recebe sempre que copia o perfil de qualquer pessoa. A natureza chega tão complexa às feições de cada um que somos forçados a não poder aceitar cada qual resumido ao lugar em que a sociedade o põe. Através dos séculos, uma linha única e incessantemente seguida acabou por tornar inimitável o perfil de cada um. Essa linha passa agora desde o alto da testa até por baixo do queixo, e às vezes lembra a de outros, mas é intransmissível.

CAPÍTULO 3

UMA JUDITE QUE NÃO SE CHAMA ASSIM

Era uma vez uma rapariga chamada Judite. Mas o seu nome verdadeiro não era Judite. Só às vezes, em ocasiões muito íntimas, é que ela esteve quase para dizer tudo:

— Eu não me chamo Judite. Mas não digas nada a ninguém. O meu nome verdadeiro é...

E calou-se.

Judite é um nome de mulher a quem a Bíblia faz cortar a cabeça de Holofernes. Ambos são verdadeiros e garantidos. O teatro fez-lhes tragédias para ressuscitá-los. A pintura e a escultura inventaram-lhes retratos como se os tivessem visto. Mas a Bíblia é de todos ainda quem sabe mais. Parece que, de facto, um destino imponente cruzou as linhas de Judite e Holofernes, linhas que ambos traziam cruzadas nas palmas das suas mãos esquerdas.

Esta Judite ignorava que tivesse havido outra e célebre, quanto mais um Holofernes. Ninguém a conhecia por outro nome. Este tinha para ela uma voz especial que a fazia corresponder à chamada. Conseguira depois de sérios trabalhos aparentar toda uma naturalidade para esse nome de mulher, sem denunciar que escondia o autêntico. Mas aquilo agora já estava feito.

Parece que, em verdade, um nome suposto facilita. Não sei o quê, mas facilita. E se facilita é porque o nome verdadeiro transtorna ou transtorna-se. Haverá assim necessidade da mentira para defender a verdade?

Com certeza o leitor já teve, como eu, o prazer inesquecível de sentir-se anónimo! Simplesmente, há quem sinta prazer em proceder como anónimo. Não é ao que o autor se refere. O anónimo sabe ver. É até condição para saber ver: ser anónimo. Mas proceder como anónimo é contra as regras do jogo.

CAPÍTULO 4

ÀS VEZES O DIA COMEÇA À NOITE

Chamam-se clubes a umas casas abertas toda a noite e nas quais a razão mais forte é o jogo.

Destas casas saem grossas quantias, extraordinariamente superiores às correspondentes licenças e impostos, o que justifica momentaneamente a tolerância dos poderes civis, transformados por este facto em benfeitores da miséria pública. Isto é apenas para dizer que corre por estas casas tanto dinheiro que dá por vezes a ilusão da abundância e do bem-estar. Uma vezes ganha a banca, e outras vezes os pontos, de modo que o azar e a fortuna estão sempre nestas casas.

Quem inventou o jogo talvez acreditasse em milagres, mas pensava seguramente nos que acreditam em milagres. As expressões mais desastradas da nossa humanidade ficam em redor de uma mesa de jogo. A esperança está

toda no verde do pano da mesa. O fumo iguala tudo, e nítidos só os números. Três dúzias e um zero.

Quem necessitar de distrair-se pode escolher entre o jogo, o bufete e a dança. Está tudo bem organizado, desde a fachada até às mesas. Há umas raparigas pagas pelo clube, para que a sala esteja sempre frequentada, e outras são voluntárias. Às primeiras chamam-lhes papillons, mas as outras não lhes ficam atrás. Todas são conhecidas por uns nomes próprios arranjados por elas e quase sempre acompanhados por uma palavra acrescentada por outros e que define melhor a posição. Estas raparigas tiveram todas a mesma vida mais ou menos fantasiada e uma única história absolutamente verídica e a qual as levou todas a dançar na mesma sala. A história verídica é a única que vale e pode-se contar: o primeiro homem que elas conheceram era um pulha! E cada uma teve o seu para virem juntar-se todas ali na sala das distrações, dos estranhos e do esquecimento.

CAPÍTULO 5

DESGRAÇADOR

Um dia na cidade do Porto presenciei uma cena entre um homem e uma mulher que nunca mais pude esquecer. O cenário onde isto se passou é dos mais pitorescos que os meus olhos viram: a Ribeira, ou a Ribeira Velha, creio eu que lhe chamam. É um cais sobre o Douro, perto da Ponte de D. Luís. Todo o aspeto em redor é pesado e amontoado, conforme o carácter da cidade. Desde aquele cais a cidade sobe sempre em todas as direções até à Torre dos Clérigos. Na outra margem a ascensão iguala-se à de cá, de modo que o rio parece ter metido pelo mais alto de um monte que ficou dividido. Tudo isto faz com que o cais nos dê a estúpida impressão de estar enterrado. Lembro-me de umas interessantíssimas casas cujos alicerces se adivinham por causa da solidez com que as suas fachadas intimam os nossos olhos. Julgo serem vermelhas, ou foi a impressão

violenta da cor que me deixaram. Do que bem me lembro é dos arcos em vez de portas e de umas janelas que pareciam desviadas dos seus respetivos lugares. Os arcos abriam umas lojas não sei de quê, pois fixei apenas os seus fundos negros, os mais negros e os mais fundos que lenho conhecido.

Pondo por cima disto tudo uma camada de antiguidade cor de ardósia e de ferrugem, de nevoeiro fabril e de salitre, a descrição deve ficar aproximada, descontando, é claro, o autor e a circunstância de ter gozado esta vista apenas uma vez.

No cais as pessoas são bem as das respetivas casas. A aglomeração de gente é como a do casario. Um mercado justifica aquela frequência. Além disto, a carga e a descarga das fragatas ocupa uma quantidade imensa de mulheres e de homens, mas sobretudo mulheres. É uma raça diferente da do mercado. Poucas vezes me foi dado compreender melhor o que significam aquelas palavras: ganhar o pão de cada dia, do que ao ver essas mulheres que iam e vinham sobre duas grossas e compridas pranchas de madeira lançadas desde a borda da fragata até ao cais,

numa distância parecida com uns dez metros. O equilíbrio dessas mulheres não tinha uma hesitação à altura de três homens da água, e em menos de três palmos de largura durante os dez metros.

Acrescente-se a isto que levavam à cabeça as canastras, umas vezes vazias e outras vezes cheias até acima, em pirâmide, conforme iam ou vinham da fragata. Daquela vez não me lembro que descarregavam; apetecia-me que fossem laranjas, mas não insisto com a memória; tenho, contudo, ainda na mente a maneira rápida como davam conta daquele serviço, conservando sempre um tempo ginástico, e não digo militar, porque, além dos gestos sóbrios e simplificados, corrigidos para o próprio trabalho repetido em que andavam, havia também uma beleza de linhas e de formas à qual não era estranha a sua natureza feminina. O gesto de abaixarem-se para acertar a cabeça ao meio da canastra carregada, a marcha sobre a prancha com o peso todo à cabeça, o modo de despejar a canastra inclinando o corpo de lado pela cintura, eram exatos e cheios de graça. As alcochetanas que descarregam das fragatas o carvão inglês no cais de Lisboa por este mesmo

processo não podem infelizmente ser-lhes comparadas. Se não lhes falta a graça, a sua graça é outra, mas não dispõem das ossaturas opulentas das mulheres do Norte e muito menos daquela dignidade externa, a qual me surpreendeu em mulheres de pé descalço. Eram umas dezenas de mulheres todas semelhantes. Por contraste com a sua atividade, havia no cais uns homens sentados e outros deitados ao sol em sacas de sarapilheira cheias de mercadoria. Para um destes homens aquelas dezenas de mulheres não eram todas a mesma; esperava sempre que essa passasse mais perto donde ele estava para lhe dizer o que tinha a dizer-lhe. A rapariga não fazia caso e seguia como as outras. Era um dito qualquer e talvez sempre o mesmo de todas as vezes que acontecia chegar a altura de ela passar por onde ele estava. Centenas de vezes, e não falhou uma! Mas de uma vez a rapariga vinha a meio da prancha com a canastra carregadinha, e ele começou logo como de costume a gracejar com ela; sem ninguém esperar, ali mesmo de cima da prancha parou de repente, despejou a canastra no rio, apontou o braço livre em direção ao tal homem e com o sangue todo nas faces disse-lhe esta única palavra:

— Desgraçador!

Nunca mais esquece esta palavra.

CAPÍTULO 6

UM EXPERIMENTADO APRESENTA UM ESTREANTE

Naquela noite entraram no clube dois sujeitos. Um entrava ali pela primeira vez e o outro era mesmo muito conhecido. O que era conhecido ainda se fazia mais por causa do outro. Ia puxando dos porteiros e de quem encontrava pelo caminho provas inequívocas de consideração, familiaridade, estima e assiduidade. Ao entrarem na sala o estreante ficou encadeado com as luzes:

— Parece dia!

O companheiro fazia de experimentado e trocava olhares de inteligência com cada qual. A perfeita execução de um renome ali no seu verdadeiro lugar. De facto, ele chegava como quem fosse esperado, mas apenas seria estranho se ele não tivesse vindo. Parou a um criado, pondo-lhe a mão aberta diante do estômago a fazer de parede que não se pode transpor, e ordenou-lhe uma oitava acima do natural:

— Uma mesa para quatro!

Como eram só dois, quatro não entrava na cabeça do seu amigo. Contudo, este seguia-o como o resto de um barco segue a proa. Sentaram-se. Os músicos pareciam cada um para seu lado. O da rabeca e o saxofone andavam metidos por entre os pares que dançavam na mesma cadência com trejeitos estrangeiros. Logo de entrada aquilo tudo fazia-lhe um bocado de impressão. Nunca ouvira tanto barulho nem no Carnaval. Mas gostava. Achava graça. Dizia ele. Com efeito, antes de mais nada, ele apenas fazia por gostar, mas os seus olhos rebolavam por todos os lados e não paravam em nenhum. O experimentado companheiro tamborilava com o talher nos pratos e copos a dar com a música. O exemplo estava dado e pegou como uma epidemia nas outras mesas. O estreante aprendia aquela maneira de usar o talher, porém, incapaz de orientar-se na chinfrineira, copiava de preferência a mecânica do gesto do mestre. Quando os pares se desfizeram e cada um foi restituído à sua mesa, ele não percebeu que foi por ter acabado a música e a dança. Os sons continuavam-lhe nos ouvidos como num sino.

Uma rapariga passava por entre as filas de mesas e à sua passagem todos se levantavam respeitosamente, ela correspondia com distinção e quando tornavam a sentar-se riam às gargalhadas.

Era por graça. E ela fazia-o bem feito. Ao passar por diante da mesa, o experimentado masculinizou mais a voz e tornou mais convexo o peito:

— Olá, ó princesa!

A rapariga levava o ritmo do seu jogo, mas por deferência retribuía a saudação com um aperto de mão e prosseguiria se a sua mão não ficasse na do experimentado. Tentou libertar-se em vão pela força e depois por uma desculpa:

— Deixa-me! Estou ali com um gajo, eu já cá venho ter!

O experimentado também lá tinha a sua fisgada e apertava-lhe a mão de modo definitivo, com os olhos em hipnotizador. A rapariga dependente da sua própria mão deixou-se sentar de lado na mesa, sem força para fazer força:

— Ora que chatice esta!

Ouviu-se mal este desabafo, porque o experimentado previra-o, e com a sua voz masculinizada a mais e acompanhada de gestos que transpiravam solenidade por todos os poros, indicava, com a palma da mão esquerda virada para cima, o seu companheiro de mesa:

— Judite! Quero apresentar-te aqui o meu amigo Antunes, o grande Antunes, o amigo mais fixe que encontrei em toda a minha vida!

E fazia por dar às palavras o som sincero que não podiam ter. Ela aproveitou para tirar a sua mão da do experimentado e passá-la para a do apresentado. Este pôs-se de pé como um homem. Ela não estava prevenida, mas aquilo ficou para pensar depois.

— Homens como este... — declarava o experimentado —, homens como este... — e repenicava com o indicador no mesmo sítio da toalha—, homens como este... — e veio-lhe por fim uma ideia para continuar: — homens como este queria eu vê-los ao meu lado todos os dias e não esta choldra que agora aparece por aí! Homens como este... — e confiava em que acabaria por encontrar uma continuação como da primeira vez —, homens como este... — e evitava

olhar para o Antunes com medo de que não saísse diferente: — homens como este... é que é! O resto é caca!...

E ficou com todo o ar de se dar por satisfeito.

Ela ainda focou a atenção dos olhos para a cara do Antunes e teve ocasião de arriscar em segredo para si que aquela fachada não lhe diria nada sem as palavras que lhe punham por cima. Como não queria ser mais papista do que o papa, arrumou este assunto com os seus botões desta maneira: “Cá me ficas.” Mas a sua boca disse em voz alta:

— Então, com a sua licença, até já.

Pôs simpatia nos cantos da boca e foi-se.

O experimentado debruçou-se sobre a mesa, todo torcido para obrigar a atenção do Antunes a focar a ausente:

— É uma camaradona! Telhuda como um raio que a parta, mas cura unhaca. Tivemos uma crença um pelo outro. Cá uma fezada. Hoje estamos quites.

E apontando pelas mesas:

— Tudo isto é gado meu conhecido. Mas como ela, fica-te com esta, não encontrei segunda. Nem como mulher...

sobretudo como mulher. Tu me dirás depois.

Mas o Antunes ainda ia no aperto de mão à rapariga. Não tinha reparado em nada que fosse dela, mas havia-lhe ficado um começar não sabe de quê. Ele ainda não sabia acompanhar aquelas velocidades e disse-o:

— Há muito tempo que eu não vinha a Lisboa!

— Há quantos anos?

— Não há dúvida que Lisboa está uma grande capital!

— Isto ainda não é nada comparado com o que há lá fora. Em mulheres, então, não se fala.

— Já mo tinham dito muita vez, mas eu nunca esperei que isto fosse assim!

O experimentado ficara a ouvir-se do que ele próprio tinha dito e achava que trazia perigo de arrefecimento imediato. Visto isso, puxava por esta compensação:

— Mas, meu caro, temos que nos governar com a prata da casa.

É o que se pode arranjar.

O Antunes, das duas uma: ou não compreendia bem ou não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro. O próprio Antunes não sabia qual das duas era.

— É verdade! Tu ainda namoras aquela rapariga?...

E não sabia mais. O Antunes viu quem ele queria dizer.

— O teu tio falou-me assim por alto... — insistia o experimentado.

— Não, não namoro. Quero dizer: namoro e não namoro. Namoro, para os outros. Para os outros, somos namorados. Ela não está falada com outro. Eu também não.

— Isso dura há muito tempo?

— Desde crianças — disse o Antunes, sabendo de cor o que lhe perguntam.

Em todo o caso aquela pergunta tirou-o daquele sítio. Ficou parado e com os olhos por cima da direção dos telhados. Como Santo António, quando pregava em Itália e veio num instante a Lisboa para salvar o pai, assim também o Antunes foi com certeza naquele momento à província passar por baixo da janela da namorada.

CAPÍTULO 7

O TIO

Os pais do Antunes ainda vivem. É gente sumida na sua casa de província. Conheceram-se num piquenique para o resto da vida. Se não nasceram um para o outro, ficaram um para o outro desde então. Daqui nasceu o Antunes. Porém, tudo eram episódios desde a data memorável daquele piquenique nos pinhais. E correria tudo pelo melhor dos mundos se não fosse um tio, irmão da mãe, o qual fazia todo o barulho da terra e arredores os trezentos e sessenta dias no ano. Homem de vinho e de cavalos, com o seu competente bigode de passar por diante de mulheres e outras evidências que o arvoravam, sem competidor, a figura de mais prestígio da região. Tinha a boa intenção de se meter de permeio onde não era chamado, o que em qualquer outro seria logo mal visto. Sem filhos, queria fazer do seu sobrinho o seu digno Sucessor no barulho da terra e

nem Deus lhe tirava isso da ideia. Tinha-o já experimentado em todas as provas masculinas e, como ele mesmo o confessava: “antes o não tivesse experimentado!” Mas ainda que rebentasse não descansaria enquanto não fizesse do sobrinho qualquer coisa que se visse. A última prova era esta agora em Lisboa, aos cuidados do D. Jorge, o experimentado companheiro, o qual o tio adorava por ser “bruto como as casas e ordinário como um homem”. O colega tinha carta branca do tio para lhe pôr o rapaz “pronto a funcionar”. A sua última recomendação foi um ultimato:

— Vê-me lá isso bem, hã? Leva-me daqui o filho da minha irmã e traz-me um sobrinho que seja meu!

Os “filhos dos tios” são um aleijamento social como outro qualquer. Mas não é bem esse o caso do Antunes. O tio policiava de longe o crescimento masculino do sobrinho e a sua imaginação caía toda num resultado viril, à sua maneira regional. Mas a verdade diga-se: o Antunes não era nem podia vir a ser como seu tio o queria. Ainda mais viril ou nada que se parecesse com tal, o Antunes nascera para diferente do que estava no programa do seu tio. De

todas as maneiras esta ambição do tio tinha o condão de bulir à vez em dois destinos: o seu e o do sobrinho. Em dois, pelo menos, por enquanto.

Por mais discretas que sejam as magicações de alguém a favor de outrem, este ainda é mais discreto acerca dos seus próprios assuntos íntimos. Mas há artes do diabo, e quem está atento aos seus botões não dá logo por quem lhes faça outras contas. O trabalho para a autobiografia não é mais do que evitar aquilo a que outros nos quiseram forçar. Os pais têm o instinto da independência de ação de um filho. Pelo contrário, os tios veem os sobrinhos projetados socialmente e não integrados em si mesmos. E sempre preferível a um tio ou uma tia ou a um casal de tios um estranho para substituir pais. Um cordão umbilical não se falsifica. Ou há ou não há.

Aos filhos de padres e a todos os outros ilegítimos, a sociedade chama-lhes “filhos do amor”, isto é, reconhece neles o prejuízo social, mas é forçada a respeitar-lhes o que não pôde deixar de ser natural. Enquanto que nos “filhos dos tios” é precisamente tudo o que não pôde ser natural o que se deseja recuperar na projeção social. Mas aqui no

Antunes, repete-se, o caso ainda era outro: era “filho de tio” sem o saber. Não poderia sequer lutar contra aquele inferno invisível, duas vezes inferno!

Era com efeito o maior desgosto que poderia atingir aquele tio o de que o seu sobrinho único tivesse perdido para sempre a semente dos Alves. A sua maior preocupação, constante e tão disfarçada, foi sempre a de que os Antunes não tivessem nada que cheirar com os Alves, ou até mesmo que fizessem má liga. E isto não se perdoaria ele nunca, porque, não haja dúvida, fora dele e só dele a ideia do piquenique e a do resultado que dera. Mas por então as suas preocupações foram outras: era urgente não deixar a irmã ficar para tia. E o piquenique foi o que esteve mais à mão. E ainda não era por então o tempo de ver os Antunes por dentro.

Era com grande espanto que recordava agora as suas próprias palavras no dia do casamento da sua irmã:

— Tudo está escrito, não haja dúvida, mas é preciso alguém que faça as coisas! Sim, não fui eu que escrevi, mas sou eu que faço!

Era a frase que andava mais com ele, esta de que “é preciso quem faça as coisas”. Nesse dia referia-se a que não bastava estar escrito para acontecer, como não era o bastante haver padres que casem os noivos, era necessário ainda quem fizesse o principal: transformar dois estranhos em noivos para o padre os casar, e o escrito ser feito! Este prazer durou-lhe por ali fora até ver o sobrinho deixar de andar de gatas e pôr-se de pé por si. Nada daquilo condizia com o futuro que ele andava a organização para o petiz. Esteve para desistir. Mas a sua vontade aqui de nada lhe servia por ser mais forte do que ele o seu futuro do rapaz.

Um dia calhou de ficar só com a criança na saleta. Pareceu-lhe que Deus lhe mandava aquele momento para tira-teimas. Meteu-a entre os joelhos, deitou-lhe a cabeça para trás e ajeitou-a para a decifrar. Meteu os olhos pelos dela e, claro, a criança perdeu a confiança e desatou num berreiro.

Mas quem poderá ver uma coisa onde é outra a que lá se quer ver? À parte de que não é para pessoas o decifrar pessoas, o tio do Antunes ignorava até que houvesse um natural em cada pessoa. Para ele dividiam-se todos em duas

espécies: os que não racham e os que não prestam para nada. O resto eram lamúrias. Esta classificação coincidia por vezes com realidades curtas, mas para ele era sempre infalível. Fora destas duas categorias já não cabia mais nada a ninguém. Ou sim ou sopas. De modo que o mundo ficava-lhe reduzidíssimo.

Há uma condição para sabermos o que nos é alheio: é não lhe pormos nada nosso. Disto era incapaz o tio do Antunes. Sentia-se tão arraçado, tão bem servido pela natureza, que tudo em redor se lhe oferecia e aguardava a sua iniciativa. A realidade era um ângulo com o vértice posto nele. Ele é quem dava direção à realidade. Todos tinham de sentir-lhe a decisão. Menos o Sol e porque não era pessoa.

Seria contudo contra a verdade não dizer que era precisamente esta ligeireza todo o segredo de certo encanto que transparecia da sua presença. Vestindo-se como toda a gente, parecia que usava penachos. A sua maneira de andar fazia uma mímica de certezas e, embora estas não valessem nem passassem dele, tinham o dom de fazer comunicar certezas. Segundo ele mesmo: até hoje ainda nenhuma lhe tinha saído mal, nem uma só vez. E o

que viesse cá o encontraria a ele! Porém, o facto é que nunca se tirou nem aos outros de dificuldades por as ter sabido resolver, mas por ser mestre em distrair os aflitos das suas tremendas aflições.

Não era temê-lo nem buscá-lo o que acontecia: era a sua presença que afetava de tal maneira a realidade que todos recebiam em cheio a impressão de terem estado a dormir até ele chegar. Havia, porém, a contrapartida a este privilégio, um furo donde o barco metia água, e todos o ignoravam ao seu respeito: o de que ele não só evitava como nem sequer se consentia o estar sozinho. Em resumo: o homem da grande presença não sabia estar sozinho. Sozinho não havia nenhum destino que o solicitasse, que necessitasse da sua iniciativa. Nem o seu. Só entre os outros é que a sua iniciativa tomava aqueles foros de insubstituível.

Há gente com muita vida e que não tem vida do seu. Mas como “é preciso alguém que faça as coisas”, o tio do Antunes não faltava nunca por toda a parte.

A sua grande distração (e bem necessária lhe era) consistia em sentir a ilusão de que era indispensável na

vida dos outros. Mas às vezes, de repente, ia dar consigo sozinho. Estes momentos pareciam-lhe do outro mundo. Sabia contudo a receita para afastar estes maus pensamentos: ir ter com gente. Com isto passava aquilo. Era o bastante. Passava com gente.

Sentir-se sozinho excitava-o de tal maneira que não se aguentava. Tinha por força que sair de ali, de estar sozinho. Senão, rebentava! Aquilo dava-lhe uma vez por outra: vinha-lhe, agarrava-se-lhe lá dentro, com unhas e dentes, como um estranho, e suava para desenvencilhar-se. Às vezes prevalecia mesmo em companhia. Mas um pouco mais e surgiam as grandes combinações da terra.

De uma vez, talvez a única, conseguiu falar-se a si mesmo. Era uma confidência: “Que não tinha casado. Que o podia ter feito com quem quisesse. Que teve todas por onde escolher. Que não estava arrependido de não ter escolhido nenhuma. Que gostava de ter casado para estar casado agora e ter um rapaz, uma semente, uma continuação autêntica, infalível, não como o sobrinho cheio de Antunes.” E deitou sortes entre as várias possibilidades passadas, na mira do que seria o provável herdeiro. A melhor pesquisa, a

mais querida, dava-lhe um bastardo. Mas seria bastardo por enquanto, e amanhã a genuína raiz sanguínea dos Alves. Deu brado a improvisada ceata dessa noite.

A pouco e pouco foi-se dando conta que por este andar tudo lhe iria acabar antes dele. Com efeito, se um dia se lhe fossem aquelas energias com que afetava a sua presença no meio dos outros, com que mais podia contar? Mas havia de aguentar-se nos seus créditos. Aquilo agora tinha de ir assim até ao fim, para honra da firma. Via-se metido numa alhada feita por ele. O final seria um desastre. Um desastre é que seria um bom final! Um desastre é que cria uma boa ideia! Um desastre a tempo é que teria sido uma boa ideia!

Aquilo já dera o que tinha a dar. Os outros começavam a fingir que não lhe notavam diferença nenhuma. E o pior é que ele lambem já reparava nos disfarces dos outros. Todos simulavam os olhares para que ele não lhes visse nos olhos que já lhe tinha passado a vez. Dir-se-ia que tinham ido desenterrar o próprio morto para andar com ele na sua comemoração.

CAPÍTULO 8

ONDE SE MOSTRA QUE QUEM COMPLICA AS ESTREIAS SÃO OS EXPERIMENTADOS

Estavam quatro a mesa: o experimentado companheiro, o Antunes e duas raparigas avulsas. Havia tanta coisa de beber e de comer em cima da mesa que mal se via a toalha. Parecia um desastre.

Uma das raparigas era a Judite, que ali tinha ficado encalhada na mão do experimentado. A outra, tanto podia ser aquela como qualquer rapariga que enchesse o quarto lugar. Estava ali só para não desequilibrar a mesa, para fazer quatro para parecer dois pares. A pobre andava tão atrasada de víveres que nem deu porque havia ali coisa no ar. Estava na altura de beber muito para empurrar. Tinha aproveitado bem aquela aberta até quando Deus quisesse. Foi a Judite que a trouxe. Encontrou-a demasiado encostada ao corrimão da escada. Para a Judite não era

novidade aquela posição. Senão, bem podia o experimentado estar ainda a estas horas à espera da Judite.

O Antunes só respondia e por isso o experimentado perguntava-lhe pouco. Não ia mal aquilo, o pior seria se se prolongasse. Contudo, apesar de conduzida por mão de mestre, a situação talvez que pedisse mais uns copinhos de conhaque. E dito e feito.

A Judite olhou como de costume para o Antunes, com aquela curiosidade que lhe fizeram ter por ele. Aquela cara não lhe dizia nada. Pelos dados que tinha para ver homens, este era exatamente dos de não terem saído da casca. Tinha bebido o bastante para não se enganar. Mas havia de tirar a prova. O experimentado estava com uma fachada que para ela era novidade. E estava nisto quando viu um olho do experimentado pôr-se significativo para ela e com um gesto de boca indicar-lhe o Antunes. A Judite tirou disto tudo que era para que ela se metesse com ele, e como estava bem disposta deu um piparotezinho no ar por diante do nariz do Antunes. Este espantou-se, sorriu-se, fez todo o possível por encontrar de repente a naturalidade para corresponder ao piparote da senhora, mas quem salvou a

situação foi o experimentado companheiro com uma destas palmadas na testa do Antunes que até pareceu mais do que foi.

— Tás lá ou saíste a cavalo? — foi a pergunta que acompanhou a palmada na testa.

O Antunes arranjava sorrisos, gostava de saber dizer qualquer coisa para quando há daqueles momentos, queria sobretudo ser como um de quatro à mesma mesa. Ele já o tinha reparado: só subia estar atrás, no passado, até ontem, o mais tarde até entrar naquela sala. Tudo o mais era imprevisto, não estava no seu programa, ele bem não queria ter vindo a Lisboa. Mas já que eslava, ele gostava de poder estar. Nunca na sua vida fizera um esforço tão grande como agora. Inútil. A primeira vez é a primeira vez. Amanhã fará melhor. E sorria-se. Não sabia porquê, mas sorria-se. Sorria-se indistintamente para o companheiro e para a Judite. Para a outra rapariga o Antunes não achava necessário sorrir-se.

A Judite não destrinçava “boia” daquelas maneiras do Antunes. E então teve uma ideia que lhe veio à cabeça: escachou-se na cadeira, traçou uma perna na outra e

piscou-lhe descaradamente o olho como se fosse ela o homem.

— Ai credo! Chá de tília! — disse a outra rapariga com uma afetação especial para imitar invertidos.

Como foi a primeira vez que ela falou, o Antunes estranhou-lhe a voz. Não percebia aquilo do chá de tília. A Judite deu uma gargalhada que lhe fez cair a cabeça para trás. Mas o experimentado, vendo que por aquela forma a noite se lhe ia por "água abaixo”, recorreu ao absurdo de uma valente bofetada na pobre rapariga que fazia de número quatro.

— Então o que é lá isso? — dizia com voz de trovão a cara em sério do experimentado.

Como uma mola, o Antunes agarrou-se ao amigo para defender a dama. Mas o companheiro voltou a sentá-lo pelos ombros como quem força violentamente uma mala para a fechar. Para remate deu-lhe os nós dos dedos para cheirar.

— E para a outra vez não é só ela quem prova da “canja”, são os dois!

Os dois eram a esbofeteada e o Antunes. O Antunes estava varado. Não percebia patavina. Teriam os quatro bebido demais? Ainda espreitou, de repente, os olhos do amigo. Viu que batiam certo com o que dizia e ficou branco como o guardanapo. O Antunes sentiu que até aqui ainda não tinha sabido o que era ficar parvo de todo.

O experimentado buscou uma das garrafas pelo gargalo e deixou a mesa para receber a sala que se tinha levantado em peso. Pôs os olhos num por um, para ver quais deles eram os que queriam que ele lhes desse as explicações. Mas já começava a ouvir-se o ajeitar das cadeiras às mesas. O último a sentar-se foi ele.

Em toda a sala ninguém chegou a saber do que se tratava. Nem o Antunes nem as duas raparigas. Quer dizer: a Judite é que talvez. Mas melhor representado do que isto, meus senhores, nem no teatro!

— Tu andas sempre com fitas, mas... — ia a dizer a Judite.

O experimentado acabou-lhe a frase com um hã?, que parecia um klaxon de camião. E deixou-lhe outra bofetada

no ar, pronta à primeira voz, e pelos vistos levava vantagem à primeira.

O Antunes alheava-se como podia daquelas desagradáveis violências e sentia saudades dos pais, do namoro e do seu quarto de dormir, sossegado, na província.

O que salvou tudo foi a música começar um fox. Ao criado também lhe pareceu boa ocasião para servir outro prato. Mas informou-se primeiro junto do experimentado:

— O senhor Dom Jorge quer que sirva?

— Sim, e mais vinho — disse D. Jorge, o qual e o experimentado eram ambos a mesma pessoa.

CAPÍTULO 9

QUANDO PARECE TERMINADA A MISSÃO DO EXPERIMENTADO NÃO TINHA AFINAL COMEÇADO AINDA

Poucos minutos depois aquela mesa estava irreconhecível, pois linha-se generalizado e estava rodeada de quase toda a gente que havia na sala. Era uma rapariga que cantava à guitarra uns fados especiais só para a mesa. Uma outra rapariga estava francamente sentada nas pernas do Antunes. Era com efeito um dos melhores lugares para não se perder uma palavra da cantiga. O Antunes nunca estivera tão perto de gente. Além disso, estava com vinho bastante por causa de uma frase-receita do experimentado companheiro: “Não estar bebido no meio de bêbedos é tão indecente como estar bêbedo no meio de gente fina!” Porém, eram tantas as impressões, e todas em primeira mão, que, por mais que fizesse, o Antunes não

adivinhava uma maneira de sair dali ou como aquilo iria acabar. Por outro lado, a promessa do D. Jorge ao tio nada tinha que se parecesse com o que devia ser. E aquela cabeça experimentada maquinava qualquer coisa de definitivo a tal respeito. Entretanto o Antunes recebia a sensação de um incêndio com a sala cheia de fumo de tabaco.

Já tinham retirado os músicos. A sala começava a ter o aspeto de uma casa de negócio à hora de fechar. Lá fora andavam os primeiros carros que acordam o sol das cidades. Mas aquela mesa ia no meio da festa. Aos fados sucederam-se as anedotas de madrugada, as quais se referem todas à mesma coisa. As gargalhadas eram gerais e estrondosas, como não podia deixar de ser. Até que o D. Jorge ordenou uma roda de bagaço para os presentes, amadores e profissionais, sem admitir outras variantes acerca do álcool potável. Cumpridas as ordens, a mesa foi desviada movimentadamente em sinal de fim de festa. O D. Jorge agarrou em três mulheres ao mesmo tempo e com elas em peso subiu para uma cadeira, da cadeira para cima da mesa, da mesa desceu para a cadeira e da cadeira para

o chão, onde deixou as três mulheres sem novidade. Não houve grandes aplausos, porque aquela façanha era vulgar em D. Jorge, de madrugada.

Uma vez na rua, apagada já a iluminação pública, começava a nascer o azul da manhã, e o D. Jorge tinha dois chapéus na cabeça e uma mulher em cada braço. O ar frio aliviava as fontes escaldantes do Antunes, o qual àquela hora fazia uma única diferença do D. Jorge: a de estar em cabelo. De resto, lá tinha também uma mulher em cada braço. Apesar disso, o Antunes tinha ocasião para observar que aquele fresquinho tão bom da manhã vinha com certeza da província, e também reparou em que o seu experimentado companheiro iniciava o passeio matutino em sentido contrário ao do hotel onde tinha ficado a mala.

Quando o Antunes já não sabia a que distância iam do hotel ou do clube, os dois únicos sítios seus conhecidos, o D. Jorge enfiou com as damas por um café cujas portas nunca tinham sido fechadas desde a sua inauguração. Atrás, pouco depois, vinha o Antunes com as outras duas e já estava na mesa uma garrafa de bagaço, com os respetivos seis copinhos. Como de costume, o Antunes

queria pagar tudo e puxou da ordenada carteira onde as notas grandes ficavam com as cores de fora. O D. Jorge deitou-lhe uns olhos terríveis e a verdade é que o Antunes pôde não ter percebido, mas fechou a carteira e meteu-a no bolso, o que era equivalente a ter percebido. E assim ficou o D. Jorge em paz. Este chamou o criado e deu-lhe uma nota visível, várias vezes o valor do bagaço, e não quis o troco. Queria um automóvel.

O motorista fez má cara com o número de passageiros. Não podia levar mais de quatro. O D. Jorge aceitou discutir. Explicava que dois homens e quatro mulheres é inferior a quatro homens. Quatro passageiros, ensinava o D. Jorge pelos dedos ao motorista, é igual a dois homens e quatro mulheres, sendo duas para cada um, não contando, é claro, com o motorista, que vai ajudar a beber mais uma garrafa de bagaço. Bateu as palmas e pediu o bagaço para dentro do café. As quatro raparigas já estavam no carro. O motorista deu-lhe para achar graça e disse-lhe:

— ’Tá bem, senhor Dom Jorge.

Este e Antunes subiram para o carro. Veio o criado com a garrafa e os copinhos. O D. Jorge apanhou logo a garrafa e

perguntou ao criado, como quem o desafia:

— Devo-te alguma coisa?

O criado disse logo que não. O motorista queria saber para onde era.

— Para onde tu quiseres. Para longe. Quanto mais longe melhor. Prá província. Pró estrangeiro, para onde tu quiseres. Pró inferno. Pró desconhecido. Pró incógnito. Contanto que seja de automóvel.

CAPÍTULO 10

UMA VOLTA DE AUTOMÓVEL PARA IR PARA OUTRO SÍTIO

Era difícil saber quais eram as pernas de uns e de outros. O D. Jorge com um alfinete era quem fazia a experiência. Mas de uma vez houve um incidente. Uma das raparigas empurrou com um palavrão o braço do D. Jorge. Este segurou-lhe o pulso e a rapariga, não podendo livrar-se, mordeu-o na mão com ganas. Então o D. Jorge entalou-lhe a cabeça contra a portinhola e pôs-lhe um joelho no peito. Ela ficou sem um movimento. Meio abafada pela enorme mão do D. Jorge, dizia-lhe as maiores ofensas, até que se calou. Em face da vitória deixou-a, sem contudo retirar de cima dela uns olhos de quem manda. Por causa da pouca luz no interior do carro, só quando a rapariga falou é que soube pela voz que era a Judite.

— O filho! Já me tiraram o medo há muito tempo!

Com uma rapidez vertiginosa deitou a mão à garrafa e, de pé, ficou com o gesto decidido de lha esmigalhar na testa. Ele não esboçou uma única defesa. Limitou-se a não tirar os olhos de cima dela.

— Lá por seres o Dom Jorge!...

Era uma franganita para o D. Jorge, mas naquele repente estava tão decidida que era a maior de todos quantos iam no carro. E atirou com a garrafa para longe. Ouviu-se o fim da garrafa contra um muro.

— Bravo! — fez com entusiasmo o D. Jorge, e para seguir no seu pensamento bateu no ombro do motorista e disse-lhe: — Eu não te dizia? Cá só vão dois passageiros, o resto é palha.

Não foi palha o que ele disse.

Estavam numa estrada. De ambos os lados era o campo. As casas Iodas longe.

— Alto! — gritou o D. Jorge.

Apeou-se e disse para dentro do carro:

— Essas três gajas que não refilaram com o alfinete descem aqui. Ordinário, marche!

As três raparigas apearam-se.

— Agora a gente deixa aqui as madamas. A primeira que chegar onde o carro estiver, sobe. As outras duas ficam desclassificadas. Motorista, siga!

As três raparigas ficaram na estrada. Uma disse: “Ora a chatice!” Outra achou piada àquilo, arregaçou a saia até às virilhas para começar a corrida. A terceira pôs-se a chorar. Em vista disso, o D. Jorge convidou a rapariga das saias arregaçadas a subir para o carro e disse para as outras duas:

— Desclassificadas, minhas senhoras! Está feita a seleção natural!

Quando o automóvel começava a andar com os quatro, a da cena da garrafa revoltou-se. Queria ficar ali com as outras. Não houve força para a meter na ordem. Teve de parar o carro por causa da discussão e da luta violentíssima. Mas quem levou a melhor foi, apesar de tudo,

a rapariga, pois seis vieram no carro e seis no carro voltaram.

Já era dia. A luz do Sol, ainda fraca, era mais forte do que a animação do álcool e o cansaço entrou-lhes nos ossos.

Quando chegaram à casa onde o D. Jorge vivia de acordo com a sua independência, vinham apenas três passageiros: o D. Jorge, a revoltada e o Antunes. As outras três tinham descido durante o caminho.

CAPÍTULO 11

OS PROCESSOS INFALÍVEIS DO EXPERIMENTADO NÃO D AO RESULTADO NO ESTREANTE

A rapariga vinha fulminada pelo sono. Tinha usado até ao fim de loiças maiores do que as suas. O D. Jorge pegou nela ao colo para a descer do carro e levou-a para um quarto, onde ficou como morta cm cima da cama. Abandonada a uma fadiga completa. Parecia ter perdido os sentidos. O D. Jorge disse ao Antunes que a fosse despindo e a metesse na cama enquanto ele ia pagar ao motorista. O Antunes executou a tarefa de despir a rapariga como um obediente, e entretanto o D. Jorge levava mais tempo do que o necessário para pagar ao motorista. Tinha vindo de volta e quis garantir-se pela vidraça do que acontece a um homem com uma mulher nua nos braços. Mas o Antunes, depois do que fora incumbido, ficara rigorosamente à espera de novas ordens do seu amigo. Em vista disso, o D. Jorge veio

de roda e fechou à chave a porta do quarto pelo lado de fora.

Às seis da tarde era um estardalhaço de pontapés e murros por aquela porta fechada à chave, até que veio o D. Jorge abrir pessoalmente.

— Seu malandro! O que é que você pensa? Então você fecha-me aqui à chave com este filho da puta?

O Antunes estava como havia entrado, e tinha utilizado uma cadeira para não incomodar a rapariga.

Vão insultar as suas irmãs! — gritava, encarnada, a Judite, ofendida.

Ela ia para dizer tudo quanto sentia, e avançou para o Antunes. Não lhe deu palavra, mas deitou-lhe tal desprezo que não pôde deixar de lhe cuspir na cara. Depois para o D. Jorge, com uma indignação que a fazia subir nas pontas dos pés:

— E a ti, juro-te por alma da minha mãe que mas hás de pagar!

O D. Jorge foi-se deitar outra vez, mas não pegava no sono por estar embaraçado com a carta que ia escrever ao tio do Antunes dizendo-lhe que tinha feito o possível para ser-lhe agradável, mas estava arrependido da promessa que lhe fizera e por isso desistia de caso tão bicudo e sem conserto.

CAPÍTULO 12

POR CAUSA DAS AJUDAS, O ESTREANTE JÁ NÃO SABE SENÃO OLHAR PARA TRÁS

Por fim o Antunes lá deu com o hotel.

Subiu para o quarto. Embora a mobília lhe fosse estranha, aquele isolamento fê-lo encontrar-se outra vez e aos seus pensamentos.

Toda a gente sabe que ninguém neste mundo é estúpido senão por não saber estar onde está! Ora o Antunes, para qualquer parte onde vai, já não sabe onde está! Contudo, sozinho, ele tem, só para ele, uma maneira de ver as coisas muito sua.

A sua memória abrangia todos os momentos em que andou acompanhado e em todos os pormenores. A par disto a sua crítica fazia-se, embora os seus julgamentos fossem no fundo de um poço, longe do testemunho de toda a gente.

Assim ele era o primeiro a reconhecer que, em tudo o que se tinha passado, havia um único ridículo: era ele! Via-se forçado a pensar desta maneira para respeitar a verdade. Mas ele amava a verdade acima de tudo. Acima até das desculpas que ele soubesse inventar para se justificar. Quem pensa sozinho não quer senão a verdade, as justificações são por causa dos outros.

Quando está só, o Antunes tem um sentido traçado no seu íntimo, e, se este não lhe vale, contudo é o único. Mas quando está acompanhado ignora por completo a idade moral dos outros, de modo que é em contacto com o próximo que melhor se nota o desequilíbrio entre a sua imaginação e a realidade. Em contacto com os outros o Antunes é o homem que ignora tudo. Em sociedade desaparece-lhe o homem que pensa sozinho.

O Antunes recordava a noite passada. Não entendia nada de útil deste mundo e muito menos o que é violento. Ora nunca ele assistira a um espetáculo tão brutal como o de ontem. Estava como depois de uma viagem arriscada através de perigos. Ele nunca vira de tão perto a realidade. Abrira-se no seu íntimo a janela que dava para a vida: os

outros, o próximo, a multidão, a humanidade, esse campo de onde saem escritos os livros, essa escola onde se aprende a arte de comparar forças e definir qualidades.

Imaginava o que seria um Antunes com a rijeza de um D. Jorge ou a de uma rapariga como aquela!

Bateram à porta do quarto. Era a criada que perguntava admirada:

— Vossa Excelência ainda não foi jantar?

Efetivamente eram horas de acabar de jantar em toda a parte.

CAPÍTULO 13

QUANDO AS AJUDAS DESISTEM PEGA A CONSPIRAÇÃO

Quando o Antunes entrou na sala de jantar do hotel havia apenas metade das luzes e já estavam servidas e desocupadas todas as mesas, exceto uma onde ficavam depois do café! De modo que o Antunes sentiu-se o retardatário que não está a horas na vida e o criado fez má cara.

Aquela sala fora de horas fazia-o pensar que a vida ainda era um daqueles monstros da Idade Média com imensos tentáculos cheios de ventosas para chupar por uma vez os que andam perdidos do conjunto.

Não tinha apetite, mas ser-lhe-ia mais fácil comer contra vontade do que ter expediente de abalar a meio. E vinha um prato e servia-se de nada, outro prato e outro nada, e saiu cheio da sala de jantar.

Entretanto o Antunes andava ocupado em agarrar a vida com as suas mãos. Mas, ou ele não tinha mãos para isso, ou havia outras mãos metidas no assunto. E não estava longe da verdade. Assim era que o tio, ao ler a desistência do D. Jorge, antes queria que o sobrinho tivesse ficado debaixo de um carro. Mas o que nem um nem outro sabiam era que a conspiração tinha pegado. Não como eles queriam, mas como devia ser. Há gente muito próxima da realidade, como o D. Jorge e o tio do Antunes, os quais não descobrem senão o que está à vista. Depois são incapazes de ver como a verdade foi parar à mão de outro. É uma coisa parecida com alguém que tendo tirado o curso de Medicina se revelasse afinal com personalidade nas Letras.

CAPÍTULO 14

A SEGUNDA VEZ QUE SE NASCE, ASSISTE-SE AO PRÓPRIO NACIMENTO

Na sala de fumo também já tinha passado a vez de lá encontrar gente, mas estavam os maples. O Antunes foi perguntar a um maple onde ia depois do jantar. Este, porém, sentou-o melhor do que o próprio Antunes.

A luz coada pelos abat-jours verdes dava muito bem a ilusão de paz, e o facto de não estar mais ninguém deixava-o à vontade com a sua memória.

Em três cenários diferentes passava-se um conto da sua cabeça: uma terra de província, um clube da cidade e um quarto de cama. No primeiro cenário entravam cinco personagens: marido e esposa, o seu filho, o tio deste e uma rapariga que o filho namorava e não namorava, um conhecimento que durava desde crianças. Este cenário era uma espécie de presépio com figurinhas humildes em barro

de cores e só se abria em noite de Natal. Destas figurinhas de barro, a única que falava e mexia era a do tio, que andava a cavalo por toda a parte, sem descansar. As outras não eram de mexer.

No segundo cenário eram inúmeras as personagens, todas em movimento: frequentadores de clubes, homens e mulheres, o Antunes no meio deles, e músicos, dançarinos, criados, etc.

No terceiro cenário, duas únicas personagens: um rapaz e uma rapariga. O rapaz despia a rapariga, que estava como morta, e metia-a dentro da cama e depois fechavam-lhe a porta por fora.

Ora o Antunes amava a verdade acima de tudo e não tinha necessidade nenhuma de estar a mentir a si próprio e, portanto, disse a verdade: aquele corpo nu de mulher foi o mais belo espetáculo que os seus olhos viram em toda a sua vida!

CAPÍTULO 15

CADA QUAL VÊ EVA PELA PRIMEIRA VEZ

Sozinho, enfiado no maple, o Antunes estava vexado com as recordações da sua entrada na cidade.

Lembrava-se perfeitamente daquelas palavras e do tom da voz da rapariga, vencida pelo D. Jorge:

— Ó filho! Já me tiraram o medo há muito tempo!

Esta frase continha para o Antunes uma significação: perder o medo era ganhar o conhecimento da vida.

Aquela rapariga deve ter tido um grande mestre para conhecer daquela maneira a realidade. Esse mestre foi sem dúvida a própria realidade. Não há mestre mais categórico do que a realidade a seco.

O Antunes começava agora a perceber que tinha ofendido essa rapariga. Ele tinha cometido a mais grave ofensa que

pode ser feita à mulher: tinha sido indiferente para com a sua nudez!

O Antunes dava-lhe razão. Mas era tarde para emendar. Devia ter ajoelhado aos seus pés, abraçar-lhe o corpo contra si, essas formas que o faziam perder o conhecimento; devia confessar-se vencido pela realidade, rendido pela força da beleza, pelo poder da mulher, e se tudo isto tivesse sido feito pelo Antunes teria sido sincero, pois era exatamente desta maneira que ele a desejou naquele momento. Mas o Antunes é educado. Entre ele e a mulher nua a sua educação punha uma distância que não era destruída pelo desejo da carne. A sua educação obriga-o a uma posição vertical, com os braços bem juntos ao corpo, a cabeça direita e os olhos em frente, para ser um homem diferente de um animal!

O Antunes via que a sua educação e a realidade estavam em guerra, naquele momento só que fosse. A realidade, por ironia, tinha posto uma mulher nua nos braços da sua educação. E quando a realidade fala com tamanha brutalidade é seguramente porque não pode ser ouvida de outra maneira.

O Antunes reconhecia que a sua imaginação estava doente. Esta doença era a falta da companheira da sua vida. Era o que lhe dizia hoje a realidade.

O Antunes decidia fazer convergir todos os seus passos num único fito: a escolha da sua companheira. O motivo desta resolução estava na lembrança do que era a sua vida ultimamente, sem progresso, sem explicação, parada, inútil, nula. A causa desta estagnação era a falta de uma companheira.

E o Antunes discorria sozinho, rei e senhor da sua maneira de pensar: o organismo humano é uma série de necessidades que se sucedem e acompanham o seu próprio desenvolvimento. Necessidades são necessidades, e não caprichos. Mas se estes hão de ser reprimidos é precisamente para apurar aquelas, as quais têm forçosamente de ser cumpridas. E se não o forem, pode não pegar a vida. O Antunes empregava “pegar” no seu justo valor de “surtir efeito”. Ele fazia diferença entre viver e existir e, ao separar estes dois verbos, um fantasma velado atravessou a sombra de repente. Ele via em pessoa no seu pesadelo essa maldição possível de ter vindo a este mundo

e não ter feito parte da vida. Havia uma grande lacuna na sua vida, e sentia-se afastado do resto do mundo, como se tivesse crescido a maré e ele ficasse no mar em cima de um rochedo sem ligação com a terra. Ele estava efetivamente na idade de juntar-se. Ia muito seguro no que pensava e bem atento, por isso soube agarrar uma ideia feliz que lhe veio de repente:

— A mulher!

CAPÍTULO 16

CADA UM VAI ATRAS DA SUA IDEIA OU É A SUA IDEIA QUE VAI ATRÁS DE CADA UM?

Uma força alheia e irresistível obrigou-o a ir ao clube. Tremiam-lhe as pernas ao subir as escadas. Era um esforço para vencer a altura de cada degrau. Subia contra vontade, atraído por um íman poderosíssimo. Sentou-se a uma mesa. Nem um sorriso de mulher. Sem amigos. Não conhecia ninguém. Pediu ao criado o mesmo que bebiam ao lado. Deu-lhe os sinais da rapariga que procurava. O criado não conhecia nenhuma pelo retrato tirado pelo Antunes. Quando lhe disse que ela se chamava Judite, o criado perguntou-lhe: “Qual delas? ” Por fim lá pareceu ao criado que ela não podia deixar de ser senão aquela que não era certa todas as noites e que deixava às vezes passar meses e meses sem lá pôr os pés! O Antunes, ao ouvir estas palavras, foi como um doente incurável e a quem o médico

acaba por desiludir. Sentia dentro do peito a mão invisível apertar-lhe o coração e espremer-lho todo até ao fim.

— Há mais de um ano que ninguém lhe põe a vista em cima — juntou o criado.

O Antunes disse que ainda ontem tinha ceado com ela naquela mesa.

— Nesse caso não sei qual é a que o senhor diz — acabou o criado.

O Antunes começou a ver as mulheres que estavam na sala. Não era nada em que se reparasse; ele, porém, achava-se atrevido. Queria ganhar o hábito de ver mulheres como quem escolhe livros para ler. Não desejava ser tímido nem impertinente, mas procurava ser normal. À primeira vista todas lhe pareciam ela. Quando alguma entrava na sala o Antunes sustinha o ar na respiração.

Lembrou-se que ela tinha-lhe escarrado na cara. Ficou espantado por se ter esquecido disso. Pediu a conta, pagou e saiu.

Poucos passos tinha dado quando ouviu uma discussão. Era uma rapariga que insistia com um porteiro formidável

por este a não deixar entrar. Eram as ordens que tinha. Ela estava irreverente de palavras e gestos e ousava forçar a entrada, apesar do porteiro, que tinha sido escolhido a dedo. Ela ameaçava pôr a careca à mostra a Iodos e citava já algumas das vergonhas que tinham de desacreditar aquela casa. Juntaram-se aqueles curiosos que chegam sempre primeiro do que a Polícia e, quando já se formavam partidos, o porteiro fechou a porta e a rapariga era a que o Antunes procurava. Sem se importar com a multidão nem com os amigos que lhe davam paciência, ela desembaraçou-se de todos e foi sozinha por ali fora, com pressa. Quando ela desapareceu na esquina, o Antunes começou a andar naquela direção. Ele chegou à esquina precisamente quando a rapariga já ia na outra. O Antunes começou a andar depressa. Ainda pensou em correr, mas apressou apenas o passo. Ao chegar à travessa, a rapariga ia mesmo a voltar no fim do quarteirão. Então o Antunes alargou o passo o mais que pôde, sem correr, e ao dobrar a esquina ia chocando com uma pessoa que vinha em sentido contrário. Como não havia maneira de a ver, deu uma corrida até ao fim do passeio e, uma vez nesta esquina, como não a visse ainda, continuou a correr. E ficou admirado por estar outra

vez diante da porta da discussão. Ainda lá estavam os mesmos a apreciar. Apesar do balanço que levava, o Antunes parou de repente. Pensou que andava a fazer uma triste figura. Parecia-lhe inacreditável tudo quanto se passava com ele. O seu juízo repreendia-o duramente por causa do seu procedimento inconsciente. Fez um esforço dos nervos sobre os músculos para ter vontade de ir imediatamente para o hotel e, com efeito, o seu estado inconsciente foi instantaneamente substituído pelo esforço daquela decisão e ia direito ao hotel que nem um fuso.

Só quando chegou ao hotel é que largou os nervos esticados que zuniam. Sem acender a luz foi para a janela e parecia querer respirar o ar todo por uma vez. E ficou pesado sobre o parapeito.

Estava sem um pensamento, sem uma recordação, sem uma esperança, vazio, seco. O frio entrava-lhe no peito. Os ombros pareciam quererem juntar-se e não podiam. Fechou a janela. E o Antunes reparou então que a cama do seu quarto naquele hotel era de casados!

CAPÍTULO 17

NA SUA NOVA VIDA O PROTAGONISTA PEDE ADIANTAMENTOS À NATUREZA

No dia seguinte, ao acordar, recordou a véspera e ficou zangado consigo. Descompunha-se em voz alta, como se ele fosse uma segunda pessoa ali no quarto:

— Tu queres que a besta acorde ou não queres?! Se queres, não há cá juízos, porque espantas a besta!

Levantou-se e, decidido, começou a preparar-se como quem tem onde estar a horas certas.

Quando chegou à rua olhou uma rapariga que passava, mas de tal maneira que ela repontou:

— Parece parvo!

Apesar disto ele fazia grandes esforços para não esquecer a sua missão iniciada aquela manhã, e quando se julgava

por qualquer motivo afastado do combinado dava este beliscão na vontade:

— Deixa vir a besta!

Um rancho de varinas, ao passar por ele, deu uma grande gargalhada, a um tempo e sem combinação. Aquilo era com ele. Mas, fosse como fosse, ele insistiria. Era irrevogável e para a frente a sua decisão.

A certa altura do seu passeio sentou-se num banco público. Passavam homens e mulheres em todas as direções. Alguns iam contentes, eram os acompanhados. Os que iam sós não riam. Nem todos os acompanhados riam, mas apenas riam os que iam acompanhados. Ele queria saber se havia alguma lei para estas coisas.

Vinha um rapaz de um lado e uma rapariga em sentido contrário. Quanto mais se aproximavam mais parecia que iam ter um choque. Efetivamente, apesar de ambos verem muito bem a direção em que o outro seguia, chocaram-se e não foi ao de leve. Estava-se à espera de um grave conflito. Mas não. Aquele choque fê-los rir e continuar cada um o seu caminho com a mesma pressa com que vinham, mas

com a diferença de que olhavam agora repetidas vezes para trás. Quando já se tinham afastado um bom bocado, deram ambos uma grande volta, que vinha ter ao mesmo sítio. Aí pararam em frente um do outro. O rapaz tirou o chapéu, apertaram as mão se riram-se muito. E lá foram os dois a par, esquecidos de que iam com pressa.

O Antunes tinha seguido o jogo com interesse e ficava com a chave do segredo. Achou muito fáceis de aplicar aquelas regras. Mas lembrava-se de ter tido nos seus braços uma mulher nua. Ela tinha carradas de razão quando lhe cuspiu na cara. O Antunes não queria perdoar-se. E dava grandes murros teóricos na sua imaginação, os quais não deixavam por isso de fazer sinal nas suas feições.

— Ignóbil! Que falta de besta! — dizia sem receio o Antunes ao seu próprio respeito, porque queria ser violento para consigo mesmo.

CAPÍTULO 18

O PROTAGONISTA NÃO CONCORDA COM O ESPELHO

O Antunes via que de facto a sua imaginação tomava novo rumo, mas também não deixava de ver que isto não alterava em nada os seus gestos, as suas maneiras, nem a sua vida. Continuava como dantes: não fazia parte de nada deste mundo. A multidão passava e ele ficava só, sem ter para onde ir. Era como um prisioneiro que saía em liberdade depois de anos e anos ausente da vida. Estava tudo mudado. Era outra a gente. Havia de começar outra vez, como se tivesse aparecido só agora neste mundo, aos trinta anos, pela primeira vez.

O seu empenho era misturar-se com a multidão, fazer parte da humanidade. E era o que não sabia fazer. Não bastavam os pensamentos, faltava-lhe a aplicação. Tudo se passava exclusivamente na sua imaginação.

De repente, o Antunes viu diante de si uma cara horrível, espectral, parada, que não tirava os olhos de cima dele. Era a sua própria cara que estava no espelho. Ele e a sua imagem eram como duas estátuas de pedra voltadas uma para a outra. Nunca o Antunes sentira na sua vida uma impressão mais desagradável do que aquela! A sua própria fisionomia enchia-o de pavor: a cara inerte sofria sem dor, desejava sem prazer, não chorava, não ria, era de pedra como as estátuas, fria como o espelho. Sentia ganas de esbofetear-se para fazer acordar as expressões. Ferir-se, golpear-se, abrir as fontes e as artérias, para ver se era ardente e vermelho o sangue que lhe batia no coração!

E o Antunes falava para a sua imagem no espelho:

— Ó máscara, ri, chora, fala, grita, sofre, goza, canta, ama, mata, odeia, vive ou morre!... — E a sua imagem no espelho continuava parada, espectral, horrível!

— Corre atrás da mulher que te faz correr! Vinga-te, se sentes vingança! Roja-te aos seus pés, se não podes de outra maneira! Torna-te o seu escravo, se o és!... — E a sua imagem no espelho ficava na mesma, hirta, sem o mínimo

estremecimento. Era a reprodução fiel da sua fisionomia parada e não impassível. E ele revoltava-se sem efeito.

CAPÍTULO 19

O PRIMEIRO ENCONTRO DO PROTAGONISTA COM AQUELA QUE FOI O SEU ÚLTIMO ENCONTRO ANTES DE TER NASCIDO PELA SEGUNDA VEZ

Quem visse o Antunes aquela tarde sair do hotel não o reconheceria. A cara insípida tornara-se aguda e cortante, e tão afiada que tinha dois gumes em cruz, no perfil e nos olhos.

Diante da porta do hotel o Antunes não sabia se voltava. Deixava a mala como se voltasse, mas não sabia de nada.

A multidão passava e ele seguia firme, decidido. Os seus olhos cruzavam-se repentinamente com vidas alheias, autênticas, a passar. Os mais desencontrados destinos passavam em pessoa ao seu lado. E ele seguia como um estranho que há de voltar a casa e dar contas do que viu.

Mas, desse lá por onde desse, ele havia de encontrar a porta por onde se entra para a humanidade. Fosse essa porta no cimo de um calvário ou fosse uma abertura ignóbil no fim dos esgotos! Ele ia entregar-se à vida, ele queria viver, e, por isso, ia deixar-se viver!

— Se eu tivesse aquela idade em que saí do colégio e soubesse o que sei hoje...! — dizia o Antunes, como toda a gente. Mas faltava-lhe mais a ignorância talentosa daquela idade do que lhe serve saber agora que está errado.

Ele tinha deixado passar a vez natural de todas as suas idades. Não foi criança na idade de ser criança, não foi selvagem na idade de ser selvagem, não foi violento na idade de ser violento, não errou em todas as idades de errar, por culpa da sua educação em que o quiseram levar a bom fim, mas na qual ficou, afinal, encalhado no meio da vida! Agora tinha que emendar: havia de ir buscar outra vez o seu inconsciente, desenterrar as suas energias espontâneas que ficaram sequestradas, para ter uma vontade que luta.

Mas o mais difícil era esquecer o que lhe ensinaram. O mais difícil era ficar outra vez ignorante: aquela genial

ignorância das idades onde se começam todas as coisas deste mundo.

Se era sabedoria o que faltava ao Antunes não era contudo o que ele desejava para já. Pelo contrário, o que ele queria era ter contacto com a multidão, fazer parte dela, das massas ignorantes e inconscientes, ter a inconsciência e a ignorância dos que nada sabem e vivem assim mesmo. Será uma grande desgraça, mas eles aí vão todos juntos!

Talvez o Antunes viesse um dia a ser um homem da sua época: um experimentado, um conhecedor, um crítico. Mas, como não era nenhuma destas coisas, havia forçosamente de começar pelo princípio.

Mas, de repente, diante dele, estava uma cara que já conhecia. A cara tinha rancor. Rancor e desprezo. Um misto de repugnância e de querer desforçar-se. Toda esta hostilidade era sem disfarce dirigida contra ele. Tão rápido quanto isto aconteceu ele o soube ver e dar provas de que era firme a maneira como aquela tarde saíra do hotel.

— Que deseja? — perguntou ele abertamente e cheio de autoridade.

Os olhos da rapariga abandonaram instantaneamente toda a hostilidade de que estavam carregados e perturbaram-se com uma infinidade de interrogações que a fizeram estacar de repente sem sua vontade.

Ele esperava que ela lhe respondesse e esperaria por todo o tempo que ela quisesse, para isso tinha o olhar fixo no dela e o corpo inclinado na sua direção. Entretanto a rapariga refez-se, viu bem que ele era o próprio e, inspirando-se fortemente no que a explicava rancorosa e cheia de nojo contra ele, disse-lhe, aproximando-se mais do que devia:

— Sim, você! — O “sim” foi dito destemidamente, mas o “você” foi cuspido por entre os dentes com o ódio de quem aceita um duelo para matar ou morrer. — Ainda te hei de tirar esses olhos ou eu seja mais desgraçada do que a filha da minha mãe.

As lágrimas rebentaram-lhe com a última palavra. Havia gente que parava à roda. E ela cega de raiva abriu caminho

na sua frente, desviando o Antunes com brusquidão. Ele, porém, sem perder um segundo, agarra-a nos pulsos, leva-a diante de si no ar, sem ver ninguém, contra a parede, aperta-lhe a cara com as mãos dela pelas bochechas para dominá-la e diz-lhe na boca que o quer cuspir e morder: — Mas qual de nós é o doido?! Tu ou eu? — Várias pessoas correram logo para os afastar. Conseguiram afastá-los, mas o Antunes não cedia os pulsos da rapariga. Todos tomavam o partido dela e exigiam com veemência e outros com ameaças para que ele lhe largasse os pulsos. Entretanto ela, como não podia morder-lhe as mãos por causa dos que separavam, procurava acertar-lhe um pontapé vergonhoso e decisivo. Havia bengalas exaltadas no ar prontas a intervir contra a força. Ao chegar a Polícia toda aquela nervosidade se escoou como por encanto. Um sujeito bem posto, sorridente e calmo estava entre a rapariga e o Antunes explicando ao guarda:

— Coisas entre amigos.

E tudo aquilo dispersou incognitamente. Apenas dois rapazes iam a dizer:

— Que foi isto aqui?

— Era a Judite.

— A Judite? Com quem?

— Com um tipo qualquer.

CAPÍTULO 20

UM POUCO MAIS DA RAPARIGA QUE O PROTAGONISTA TRAZ NA IDEIA

Este incidente, em vez de comprometer a firmeza com que o Antunes saíra do hotel, pelo contrário, reforçava-a. Acertava a sua atenção para compreender apenas o que exatamente se passara. E parecia-lhe que tinha acontecido com honra para ambas as partes. Mal pensara que o primeiro encontro com aquela rapariga que tivera nua nos seus braços fosse aquele. O Antunes estava contente consigo. Não lhe pesava a consciência por não ter participado com a sua parte naquele instante imprevisto. Talvez tivesse abusado da força, mas tinha a desculpa de confessar que desconhecia a sua própria força. Tinha perdido a cabeça. Estava contente por ter perdido a cabeça. Seguramente que a rapariga também levava mudada a opinião ao seu respeito, pela segunda vez. Em

todo o caso, o Antunes sentia remorsos por não lhe ter escarrado na cara, para se pagar. A culpa era da sua vontade, que não lhe tinha dito logo tudo o que devia fazer. Mas a sua vontade era ter-lhe escarrado na cara.

Tudo isto, porém, não era senão, por assim dizer, o aspeto exterior da questão. No seu íntimo, o Antunes não podia deixar de admirar sinceramente aquela braveza da rapariga. Tudo aquilo era o seu corpo nu acordado e não desmentia o seu corpo nu a dormir nos seus braços. A vida para ela era uma luta constante, ofensiva e defensiva, sem tréguas, sem repouso mais do que no dormir. E os seus próprios sonos não eram um repouso, a agitação continuava como se fosse o seu estado normal, como se fosse o próprio bater do coração em sinal de vida. O sono para ela era cair fulminada pelo excesso e pela fadiga. Apenas acordava, tudo lhe era hostil em redor. Os móveis do quarto, o vestido que despira ao deitar e que ficara metade no chão e metade na cadeira, os sapatos distantes um do outro, o chapéu na maçaneta da cama, as recordações da véspera, o sol a querer por força entrar pelas frinchas, o movimento da cidade que se ouvia lá fora,

o dinheiro espalhado no mármore do toilette, o estômago, a bronquite, tudo, tudo contra ela, tudo lhe gritava, a uma, a mesma palavra: Guerra!

Contudo, mais do que dinheiro, mais do que amor, mais do que felicidade, o que ela procurava primeiro que tudo era paz. Era tumultuosamente que ela procurava a paz, sem descansar.

De todas as mil vezes que ela renunciara à vida desbaratada que levava, de todas as mil vezes caíra na amargura de reconhecer que não havia afinal outra vida para ela senão aquela a que renunciava. O tédio esmagava-a na solidão. E ela fugia horrorizada dos lugares pacíficos que lhe negavam a paz e ia misturar-se na multidão para não se ver, para não se sentir. Ela não tinha medo de morrer a dançar ou numa casa com muita gente. A explicação dos seus múltiplos amantes era a de uma companhia para de noite. Mas quando o seu orgulho estava em ignição, e que lhe repugnava, por conseguinte, o homem que não fica para sempre na sua vida, inventava uma alegria, teatralizava um sorriso, incendiava tudo, em redor, de animação, e dirigia a vertigem com um

brilhantismo que lhe ficava superior, com uma resistência inconcebível, até ao último gesto possível de um esforço excessivo que fulmina e perde os sentidos.

Mas ainda que parecesse ela a mais feliz de todos os que a acompanhavam, ainda que fosse ela a que conseguia divertir-se mais no meio dos que procuravam distrair-se, contudo, no seu íntimo, estava sempre uma palavra única: Guerra!

CAPÍTULO 21

NÃO SABENDO BEM POR ONDE ANDA A REALIDADE, O PROTAGONISTA COMEÇA A FAZER FOTOGRAFIAS COM A IMAGINAÇÃO

Chegada a noite, o Antunes recusou-se a regressar ao hotel. O hotel parecia-se com o colégio, com a casa dos pais, com tudo o que era passado e doloroso neste dia de revolta em que caminhava firme no seu propósito de ir entregar-se pessoalmente à humanidade. Tinha acabado a hora do grande movimento, e a pontualidade dos que jantam esvaziava as ruas e as avenidas em todo o seu comprimento. Este deserto comunicara-se ao Antunes. Porém, caminhava firme em sentido contrário ao hotel, ao colégio, à casa dos pais. Discernia sobre o que lhe passava diante dos olhos, a geometria das cidades, as consequências da população aglomerada, o levantamento de andares, a vizinhança das famílias, o choque das ideias,

os conhecimentos forçados pelas circunstâncias, e concluiu:

— É isto mesmo a humanidade. Não se procura, encontra-se. — Ele também não ia procurá-la, nem sabia. Ia a caminho, curioso de a encontrar, como alguém que deseja ver determinada pessoa para quem não pode dirigir os seus passos porque ignora o seu paradeiro. Ele ainda não tinha visto pessoalmente a humanidade. E parecia-lhe imensa diferença entre o ter ouvido falar dela e o tê-la visto com os próprios olhos.

Nos andares, sobrepostos, acendiam-se luzes interiores nas janelas, luzes que juntavam à roda de uma mesa simpatias e interesses recíprocos. Cada andar iluminado era uma organização a caminho, uma obediência em andamento, um contrato que se cumpria. Tudo isto era evidente para os olhos do Antunes. Faltava-lhe apenas descobrir o princípio de tudo aquilo para ele, a origem de cada instalação tornada independente do conjunto dos andares, enfim, o começar de uma decisão que nos leva aos compromissos vitalícios.

O Antunes acreditava que era o amor que começava e resolvia essas coisas que deviam durar para sempre. O amor? Era um pensamento simples ou complicado, o que é tudo a mesma coisa. E o Antunes amava? O Antunes ficava na interrogação, não sabia se amava. Havia duas imagens que assomavam à superfície quando ele pensava em amor. Eram duas figuras de mulher, ambas muito nítidas

à tona da imensidade. Uma estava vestida e nua a outra. A primeira era suave, tão suave que não apetecia acordá-la no sono branco em que dormia; a segunda tinha as carnes sequiosas e mordia com os dentes, e cuspia com a raiva, e beijava com os lábios, e arranhava com as unhas, e acariciava com as mãos, e defendia-se com os músculos, e juntava aos músculos os nervos para se defender, para conquistar, para abrir caminho, para não deixar nenhum estranho chegar-lhe ao coração.

Entre a mulher vestida e a mulher nua, o Antunes hesitava. Caso curioso: enquanto havia, apenas a mulher vestida o Antunes não sabia que tinha de decidir-se. Quando aparecia a outra o Antunes sentia que havia de escolher uma, e não podia decidir-se por nenhuma. As

imagens destas duas mulheres sobrepunham-se e faziam coincidir os seus contornos numa única figura que torturava o coração do Antunes. Estes seus pensamentos involuntários davam-lhe a impressão de irem ofender quem não se mete com o mundo, mas por outro lado o Antunes estava curioso de ouvir o seu coração falar sem escrúpulos. O Antunes queria saber claramente tudo quanto se passava no seu íntimo. Pouco lhe importava saber se o seu desejo era detestável desde o momento que o soubesse. Se o fosse, talvez não procedesse segundo o seu desejo, talvez não fosse leal para com a sua atração, não o seria, jurava que o não seria. Mas queria saber exatamente qual era o seu desejo. E o Antunes assistiu a uma espécie de visão fantástica, a qual se passou da seguinte maneira: num vasto campo cheio de relva verde estava adormecida uma rapariga. Parecia morta. A sua cara era pálida e os seus vestidos humildes. Tinha os cabelos soltos e os pés e as mãos atados com cordas que davam muitas voltas aos braços e às pernas e cheias de nós dificílimos de desfazer. Nesse campo ia a andar um rapaz que seguia para o trabalho. A certa altura viu a rapariga. Ao ver como ela estava, correu para ela. Quis acordá-la. Por mais que

fizesse, a rapariga não falava e, mal abria os olhos, fechava-os logo, sem ver nada. O rapaz queria desatar-lhe aqueles nós, mas eram tantos que procurou uma faca para cortar as cordas. Mas não trazia uma faca consigo. Começou depressa a querer desatar os nós, que eram dificílimos de desfazer. Ainda desatou uma dezena deles, mas depois achou que ia pouco depressa e começou a roer as cordas com os dentes. Depois de longos trabalhos lá conseguiu desatar-lhe completamente as pernas c os braços. Nisto a rapariga acordou. Olhou serena para ele e teve um sorriso suave. Estendeu a mão ao rapaz, para que ele a ajudasse a levantar-se. Ele assim o fez. E ela, uma vez de pé, agradecida, começou a tirar os vestidos e ficou nua diante do rapaz. Ele não tinha visto nunca nada de mais maravilhoso do que aquele corpo de mulher. E o rapaz tomou-a em peso nos braços e levou-a para casa dele, onde vivia sozinho.

Mas o Antunes, ao passar-lhe por diante dos olhos esta visão fantástica, viu que quem estava deitada na relva, a dormir, atada de pés e mãos, era aquela rapariga que ele namorava na terra. O rapaz que a veio salvar era ele. E até

aqui tudo estava bem. Mas quando a rapariga ficava nua já não era aquela que ele namorava na terra. Quando ficava completamente nua, passava a ser aquela outra que ele despira uma noite em Lisboa, quando ele e ela estavam, sós os dois, no mesmo quarto!

Era tal a curiosidade do Antunes em querer saber exatamente o seu desejo que seguiu com toda a atenção a sua visão fantástica, como quem escuta a sentença do que será de si amanhã. Mas esta sua visão era apenas a fotografia da sua própria impaciência, e as personagens correspondiam paralelamente às desordens da sua cabeça, do seu coração e da sua vida inteira. De modo que tudo o que o Antunes ficou sabendo foi que tinha uma grande curiosidade de saber a verdade.

CAPÍTULO 22

MAIS GENTE NOVA OU A CONTINUAÇÃO DO MESMO ASSUNTO

Quando o Antunes chegou ao fim do capítulo precedente, estava diante da única porta aberta àquela hora. Viera ter ao clube, como se fosse por querer. Não havia ninguém nas ruas fora de horas, e os andares iluminados juntavam aqueles que durante o dia estiveram afastados. E o Antunes não tinha senão dois sítios para onde ir: o hotel e ficar só no quarto, e o clube e ficar só no meio dos outros. Preferia mil vezes o clube.

Na sala não havia mesas livres. Esperava de pé quando deu com um conhecido, o único com quem na província ainda falava às vezes de coisas elevadas. Tiveram uma surpresa agradável do primeiro momento e o Antunes foi falar-lhe. Estava com outros rapazes. Eram uns amigos que festejavam naquele dia qualquer alegria comum. Tinham

juntado várias mesas para caberem todos na mesma comemoração, que metia smoking. Tirava-se pela conversa que eram todos solteiros, e, como tais, amadores de hipóteses futuras e de reais provas. Desde o colégio aquele dia era só dos que estavam por arrumar. Em dez anos faltava a metade.

Quando o Antunes chegou junto do seu conhecido, um dos rapazes tinha a atenção de todos numa história que estava a contar: tratava-se de um rapaz que gostava de uma rapariga. E ela detestava-o. Havia outras que gostavam dele, mas isso pouco lhe importava. Quem ele queria era a outra. E queria! Porém, perguntava a si próprio se não seria uma aberração sua gostar precisamente da que o detestava. Ele não era nenhum estúpido e pôs-se a olhar para estas coisas. Para ver. O tempo foi passando, ele foi olhando e por fim viu. Era tão extraordinário que ele não podia acreditar. Os homens ignoram em geral o efeito que produzem nas mulheres. E era o que acontecia com este rapaz: as mulheres recebiam ao vê-lo uma forte impressão. Mas esta impressão era errada. E era forte de mais! Uma vez, em Paris, fez

conhecimento com uma mulher que o surpreendeu vivamente. Porque ela julgava que ele... enfim, a verdade é para se dizer: julgava que ele era um aventureiro, um homem capaz de tudo e de mais alguma coisa. E não se convenceu do contrário. Essa mulher apreciava o género e via nele o tipo. O rapaz tomou-a por uma doida, e pronto, passou. Mas este caso virgem não ficou por ali. Cenas idênticas repetiram-se com outras mulheres.

Eram todas doidas? Aceitemos que sim. É possível. É o que há de mais por este mundo fora: doidos. Mas os doidos têm cada um a sua mania, não têm todos a mesma. Até que chegou o dia em que ele gostou de uma rapariga, a tal que o detestava. E detestava-o, porque ele também lhe dava aquela impressão! O pobre rapaz ia endoidecendo. Andou para trás e para diante, em sérios embaraços para desfazer o mal-entendido de um efeito que produzia nos outros contra a sua vontade. E foi tão feliz nos esforços que empregou neste sentido que, ao fim de muito tempo, lá conseguiu que a rapariga desse conta do seu estranho caso, e apreciasse mais justamente a lealdade e a constância que tivera para com ela. E fiquem sabendo que quando uma

mulher detesta um homem que gosta dela é porque este não lhe pode de maneira nenhuma ser indiferente. E é o que era: esse rapaz tinha uma bela figura, insinuante, inconfundível. As suas feições eram concluídas, amplas, afirmativas. Bastava vê-lo uma vez para nunca mais ninguém dele se esquecer. E a rapariga detestava-o, não porque a sua opinião sobre ele fosse também errada e igual à das outras mulheres, mas porque já pressentira que não lhe escaparia. Esta é que era a verdade. E não escapou.

Houve muitas palmas e o Antunes não sabia se estava no clube, no hotel ou a sonhar.

— E quem nos diz a nós que esse efeito que produzia nas mulheres o aspeto desse rapaz não era o único verdadeiro? — arriscou outro camarada.

— Fale, fale! — gritaram-lhe todos. E ele continuou:

— Será contra a moral, não haja dúvida, mas pode ser também precisamente esse o perfil com que a natureza bizarramente o marcou. E, quando digo “o perfil com que a natureza bizarramente o marcou”, não me refiro, bem entendido, à astrologia, pela simples razão de que a

desconheço. Bem sabem quanto detesto esconderijos e subterfúgios. Gosto das coisas bem ao cimo da terra. O que se compreende, o que seja claro, visível, à luz do Sol. Mas é precisamente o Sol que faz parte da astrologia. Os astros mandam. Haverá quem ignore que o homem tem um carácter espontâneo e independente da educação que receberá depois? Peço a palavra sobre este assunto para daqui a dez anos.

— Também eu conheço um exemplo pessoalmente — levantou-se outro. — Uma rapariga que desde criança era de uma altivez de maneiras tão imponente que exasperava toda a gente. Afinal tomavam-lhe aquilo tudo por insolência. Com os anos a pobre quis emendar-se, por ver que os seus modos inconscientes faziam afastar-se todos de si. E sabem o que aconteceu? Essa rapariga que, altiva e soberba, era de uma beleza extraordinária, radiante, parecia que estava acesa por dentro, passou a ser pavorosa nas maneiras doces e cativantes, numa palavra, apagou-se. Toda a velhada começava agora a adorá-la e as bruxas já lhe chamavam santa. Mas eu disse-lhe: “Você é uma mulher que nasceu diferente das outras, e só as fêmeas velhas que

já viveram a parte delas é que têm a mania de não deixar as novas viver as suas. Você nasceu para se impor, para dar ordens, para ter a cabeça erguida, para fazer acordar as paixões dos que pensam à grande, para ter mãos intransigentes de despertar heróis! Não lhe dará grande sossego este seu destino, mas é o seu. Não o engula, nem consinta que a velhada lho faça engolir. Deixe-se de querer ser como as outras. Não há ninguém parecido com os outros. Mande para o diabo isso de você ser cativante ou agradável. No fogo não se toca! Senão você entorta a verdade e não consegue mais do que ficar pavorosa. Se dá ouvidos aos que estão desta para melhor, você mente com quantos dentes tem na boca a própria vida que Deus lhe deu. Deus lha deu, não deixe que o Mundo lha tire.” Tenho dito. — E sentou-se.

— Apenas uma pequena objeção — disse o seguinte. — Se o homem pode reconhecer-se pela impressão que produz nas mulheres, é admissível que às mulheres lhes aconteça o mesmo quanto à que causam nos homens.

— Apoiado!

— Mas estas coisas do amor não são equilibradas nem simétricas como o pretendem determinados tratadistas. Tanto assim é que a mulher sabe perfeitamente melhor o efeito que produz nos homens do que o homem nas mulheres. Porquê? Parece tão parva a pergunta como o de querer saber a razão de ser a mulher mais fraca do que o homem. É assim, e pronto! De modo que, conclusão: aquele que souber melhor o efeito que produz nos outros leva de facto esta vantagem sobre os outros. E, como é a mulher, logo: a mulher tem preferência na escolha do amor!

— Ó filho! Juro-te que eu cá não sou mulher e que hei de ser eu quem há de escolher a que eu quiser! Ou julgas que sou de qualidade de deixar que me escolham se não for da minha vontade? — dizia o que interrompia todos os oradores.

As falas sucediam-se entre eles e com uma aparente ordem de academia. Era próprio daquela brincadeira em que estavam dar uns ares de seriedade à comida, cada qual fazer o possível por não escangalhar o assunto, e, se também pudesse ser, com graça ou talento. O Antunes, coitado, é que ainda não tinha descoberto isto, e absorvia

com sofreguidão todas as palavras como receitas ajudativas para o seu caso particular.

— Meus senhores! — pôs-se de pé um latagão com uma voz de menos corpo do que o dele. — Há aí uma grande confusão e sobre a qual é necessário pôr os pontos nos ii.

— E se não tiver ii? Uma confusão ainda que seja grande não tem nenhum i em português.

— Isso de ser o homem ou a mulher quem escolhe não pode ser — continuava o orador.

— Alguém há de escolher.

— E não pode ser por isto: a mulher vê as coisas com olhos diferentes dos do homem. A mulher tem uma intuição da realidade que o homem não pode ter. Entendamo-nos: a realidade para a mulher vai para o lado da natureza, a realidade para o homem vai para o lado da sociedade. A mulher sabe distinguir os homens entre si, lá por razões que ela sabe e que a natureza lhe segreda ao ouvido. Outro tanto não sucede com o homem, o qual só sabe ver a mulher no lugar que ela ocupa socialmente. Se não fosse a mulher neste mundo... eu não tenho o dom da palavra, más

assim mesmo cá a minha ideia ninguém ma tira. Se não fosse a mulher neste mundo, a natureza já há muito tempo que tinha deixado de existir neste mundo. Porque o homem é incapaz de achar ordem na natureza, apenas sabe pôr ordem na sociedade. Os homens estão todos empregados a ganhar dinheiro. E as mulheres ficam em casa à espera. E para que ganham dinheiro os homens? Julgais, acaso, que é para ir comprar alguma coisa? Está claro que é? Com o dinheiro pode-se comprar tudo. Tudo menos uma coisa: amor! Mas ide perguntar a qualquer se pode viver sem amor. Seja quem for responder-vos-á que não. E acrescentará que é só para isso que vive. E então para que andam os homens a ganhar dinheiro e as mulheres à espera que eles o ganhem? Andam os homens a ganhar dinheiro porque as mulheres precisam muito disso. E julgais que as mulheres preferem porventura os que têm menos dinheiro? Está claro que não. Os homens lá arranjaram as coisas de tal maneira que as mulheres também hão de passar pelo dinheiro que eles andam a ganhar. E aqui está porque os homens estão todos empregados a ganhar dinheiro. E o amor, que é a única coisa deste mundo que não se compra, é contudo a que faz gastar mais dinheiro. Em resumo: se o

homem está à espera de juntar o bastante para escolher uma mulher, também é certo haver sempre uma mulher pronta para escolher um homem que já tenha juntado o dinheiro bastante. E daqui não saio.

Deram-se as palmas e levantou-se outro:

Como engenheiro, a minha opinião definitiva sobre o amor ainda não está solucionada. Todavia, os meus cálculos inclinam-se para um princípio que pode desde já ser enunciado por estas palavras: assim como um engenheiro vai a uma casa de especialidade buscar determinada peça que lhe falta numa locomotiva, assim também cada um deve saber qual é a companheira que melhor lhe calha para a sua vida. Antes disso, porém, e é a razão de estarmos todos aqui à volta desta mesa, proponho, primeiro: bacalhau à Gomes de Sá, e a seguir carne, carne de mesa, bem entendido. Mais proponho que, para evitar embaraços de escolha, cada convidado o seja de novo a fazer-se acompanhar da dama que menos trabalho lhe dê a arranjar neste momento.

Aprovada por aclamação, a mesa foi abandonada uns momentos. Um dos rapazes já levava uma fixa na ideia, e

dizia-o em voz alta para avisar a lealdade dos camaradas!

— A Judite é para mim! A Judite é para mim!

O Antunes fazia-se invisível, julgando que não o era para todos os presentes.

CAPÍTULO 23

O PROTAGONISTA CONTINUA A SER LEVADO PELO QUE VAI DENTRO DELE

O Antunes saiu do clube para evitar-se mais surpresas. Também o seu amigo das conversas elevadas às vezes na província lhe dissera ter pena de não ser aquele o momento melhor para o apresentar à rapaziada, senão que o faria com todo o prazer.

Estava a meio caminho do hotel. Não fazia tenções nenhumas de ir para lá. Não tinha fome. Sentia-se fraco. Parou diante de uma montra apagada. Não olhava para a montra, apesar de estar bem virado para ela. Não via nada. A iluminação pública não dava luz bastante para ensinar-lhe a montra. Queria saber para onde iria. Pareceu-lhe que já estava parado ali há muito tempo e começou a andar. Pôs-se a destrinçar se marchava em direção ao clube ou ao hotel. Ia fazendo como quem vigia um louco que é preciso

não contrariar. Ia para o clube. À medida que se aproximava do clube, os seus passos demoravam-se, mas não mudavam de direção. Achava que não devia entrar. Estavam os rapazes a cear. E um deles com a Judite. Mas ele também ia comer. Noutra mesa. Não havia mais onde ir comer àquela hora. E voltava outra vez para trás, em direção ao hotel, com a vontade de contrário. Seguia devagar, mas seguia para não parar. Talvez não reparassem se ele fosse sozinho para uma mesa. E ia para o hotel, muito devagar, para o hotel ser mais longe. A sua Lisboa era entre o hotel e o clube. Quando já avistava o hotel, voltava para trás, devagar, para o clube ser mais longe. Talvez a rapariga não fosse ao clube, por lhe terem cortado a entrada. Nesse caso, preferia ir para o hotel. Tinha chegado à porta do clube. Fechada? Estaria enganado? A porta abriu-se. Ficava aberta. Ninguém saía. O Antunes entrou. O porteiro fechou a porta.

Numa volta da escada um par falava em particular. O Antunes ouviu com toda a nitidez as condições daquela mulher para aquele homem:

— para a tua mulher eu própria faço todo o serviço da casa. para a tua amante tens de me pôr criadas.

CAPÍTULO 24

QUANTO MAIS SE SABE, MAIS VAI FICANDO POR SABER

Sem reparar que já tinham levantado as toalhas e que punham as cadeiras em cima das mesas, o Antunes foi entrando na sala, onde ainda sobravam uns pequenos grupos de pé! Sentou-se a uma mesa em frente da porta. Já ali não havia memória da ceia dos rapazes. Veio um criado que lhe disse, para despachar, que não havia mais nada, já se tinha acabado tudo. Mas depois de reparar avaliou-o de outra maneira:

— Mas se a vossa Excelência deseja alguma coisa…

O Antunes limitou-se a dizer que sim, que desejava qualquer coisa, que era favor. E o criado ajudou-o a encontrar-lhe o apetite. Os empregados da casa, à paisana, atravessavam a sala. Aquela noite já dera o que tinha a dar.

Depois de encomendar os pratos é que reparou em que não queria comer. Queria só ter voltado ali. Já estava satisfeito. Já não havia mais nada até amanhã à noite. Até amanhã à noite ia passar-se muito tempo horrível de passar. O que farão estas raparigas no intervalo entre duas noites?

Vexava-o aquela refeição fora de horas até dos de fora de horas. A vontade de comer teria sido uma explicação. A vida engelhava-se-lhe nos pensamentos e ele não sabia de outra reação mais imediata que a de se acariciar mentalmente. Prometia-se um futuro risonho como chocolates para que não chore um petiz.

Neste momento chegava à porta da sala, em frente da sua mesa, uma rapariga de saia e casaco de fazenda cinzenta, e a desenhar-lhe a nuca um chapéu de feltro negro, o qual fazia contraste desejado com a pele branca e desmaiada. A única nota de cor era falsa nos lábios. Sobre o branco da pele fazia um ás de carta de jogar. Era a mulher nua! A sua mulher nua! O Antunes teve um sobressalto, receando novo incidente. Ela parecia ficar desolada por não ver ninguém e a sala já arrumada para a limpeza. Só agora o Antunes

reparava que ela era extraordinariamente míope e que arrepanhava a cara toda num trejeito azedo, para deitar a vista à distância que queria. Assim o fez em direção ao Antunes e, quando devia tê-lo reconhecido, voltou-se para descer a escada.

O Antunes chamou o criado e pediu-lhe a conta depressa. Depressa foi favorável para o criado, que estava estranho com a adição e tinha de pedir informações fora da sala, para o total. O Antunes, impaciente, pensava em deixar-lhe inteira uma de cem. Gostava de explicar à rapariga o mal-entendido. Os dois mal-entendidos: o da mulher nua e o da rua. Pelo contrário, sentia por ela a maior das considerações. Não tinha metido prego nem estopa no que se tinha passado.

Depois de vir a conta, havia dificuldades de trocos. Mas a rapariga aparecia de novo à porta da sala e sem se deter vinha direita à mesa do Antunes, tão serena como se viesse ter com um amigo de todos os dias. Os passos lentos e propositadamente indiferentes. De cada passo que dava o corpo virava-se para os lados, como se fosse de cada vez mudar de direção. Só parou na mesa do Antunes, a deixar a

mesa vincar-lhe as coxas, e, com o tique de míope a olhar para aquele enigma de homem, pediu-lhe:

— Um cigarro.

Antes mesmo que o Antunes o pudesse oferecer, ela própria se serviu do maço e dos fósforos. Ele não estava em altura de andar por cima do que lhe acontecia imediatamente. Com a chegada da rapariga ali à sua mesa, e aquele cigarro dele que ela fumava, sentia a sensação de que outro Antunes novinho em folha tinha vindo sentar-se ali no seu lugar.

Chegou o criado com um imenso troco de papel e moedas numa bandeja. O Antunes só via a rapariga. Melhor: só sentia a presença dela. de uma só vez agarrou o troco todo e meteu-o na algibeira de fora do casaco. O criado continuava perfilado, sem retirar a bandeja vazia, só com a conta. A rapariga pegou na conta, leu-a e pediu ao Antunes:

— Tens dez mil réis?

O Antunes apressou-se a puxar pela carteira, abriu-a e ofereceu-a aberta à rapariga.

— Tens ali — disse-lhe ela, não fazendo caso da carteira e apontando-lhe a algibeira de fora do casaco.

O Antunes fez com o troco o mesmo que lhe fizera com a carteira. A rapariga com dois dedos pescou com toda a limpeza uma nota de dez mil réis. Deixou o gesto parado no ar e perguntou-lhe:

— Quantos eram os que cearam contigo?

— Ninguém! Comi sozinho — disse o Antunes de boca aberta.

A rapariga deitou um gesto de desprezo ao criado, desviou o braço com a nota, fixo pelo cotovelo, como uma grua de cais, despejou os dedos e a nota caiu inglória na bandeja. O criado agradeceu só a ela e saiu.

Já havia uns momentos que as luzes da sala se estavam apagando por secções.

— O Dom Jorge? — perguntou ela, ao mesmo tempo que ajeitava a cinta da saia à cinta do corpo.

— Nunca mais o tornei a ver.

Hum!... — fez ela para dentro com a boca fechada. E levou imenso tempo a saborear um pensamento. E continuava em voz alta: — Não sabia que ele agora tinha dado naquilo!... Hum!... E você? Tu és como ele! Vocês lá se entendem! Tanta vergonha tem ele em se prestar a isso como tu em... Então o menino não tem vergonha de andar a pedir que lhe mostrem as madamas?

— Eu não pedi nada a ninguém!

Levantou-se tão impetuosamente o Antunes que ela defendeu a cara com o braço. Encontrando de novo os olhos do Antunes, ficou arrependida de ter defendido a cara com o braço. Aquela impetuosidade era de outra classe.

— Só conheço o Dom Jorge daquela noite. Nunca o tinha visto mais gordo. Tinha ido naquela mesma tarde buscar-me ao hotel a pedido do meu tio. Você compreendeu-me mal. Sofri pela sua causa. Nada daquilo foi com o meu consentimento. Esta é a verdade. Os meus defeitos são outros, que não fazem mal senão a mim. Respeitei-a como respeito a mulher, seja ela qual for. Não entrei em nenhuma combinação. Em caso algum eu admitiria intermediários nos meus negócios íntimos. Ofende-me a ideia de que você

o tivesse pensado. Andava ansioso por dizer-lhe isto mesmo, a si. E agora pode pensar de mim o que quiser.

Ela ouvia-o atentamente. Sabia-lhe bem aquele tom de sinceridade com que aquele homem descarregava a sua consciência. Lisonjeava-a a importância daquelas palavras que lhe eram dirigidas. Nunca nenhum homem lhe tinha dado tão cavalheirescamente o título de senhora. Acostumada a gente noturna, aquelas palavras soavam-lhe a novidade. Novidades que, afinal, já não lhe diziam nada. E, reparando a tempo que já se estava a deixar ir "por água abaixo", recuperou-se com estas palavras:

— Ora, ora! Já ouvi essa mesma história...

O Antunes queria falar e não podia, só fazia com a cabeça muitas vezes que não. Mas depois saiu e com força:

— Mentira! É mentira! Esta história é só minha...

— Cuidado! — interrompeu ela, aproveitando o grupo de criados que atravessava a sala para ir para suas casas. E, em voz baixa, familiar, explicou: — Escusam de saber as nossas coisas.

A veemência com que o Antunes começara a falar foi cortada bruscamente e deixava-o no lado oposto do seu balanço inicial.

Chegavam as mulheres da limpeza. Todas as noites acabavam nelas. Abriram as janelas e estava a romper o dia.

A rapariga deu uns passos para vir encostar-se ao Antunes e fazê-lo sentir o seu corpo.

Ouvia-se o Antunes respirar.

— Saímos? — perguntou-lhe a rapariga.

E sem esperar resposta deu-lhe o braço, acertou o passo com o dele e levou-o dali.

CAPÍTULO 25

UM PAR SEM OUTRO SENTIDO ALÉM DE PAR

Iam os dois ao acaso por aquela manhã e passavam de braço dado ao lado daqueles que se levantam com o Sol e nada têm que perguntar à noite.

Ele era para todos os efeitos um homem que leva uma senhora pelo braço. E ela rebuscava nas suas memórias as várias comparações que lhe dissessem agora como devia lidar com mais aquele. E ele sentia-se mais forte por levar pelo braço uma mulher. Não tinha medo de encontrar fosse quem fosse. Ele tomava a responsabilidade. Aquela mulher apareceu-lhe na sua vida. E, se era uma mulher livre, não era por culpa dele. Não era por culpa dele que as mulheres não eram senhoras.

Na verdade, a companhia daquele homem fazia-lhe confiança e transformava-a em defendida.

Foram ver o Tejo. Ela perdeu-se a acompanhar o voo das gaivotas. Estava encantada como se nunca tivesse visto aquilo. E o ar limpinho da manhã, e os reflexos da água, e aquilo tudo era melhor do que ela linha pensado. E os seus olhos divertiam-se com tantas novidades! O branco das asas ia e vinha e ficava negro nas voltas contra o Sol. Aquela chiada das gaivotas a rir, a cantar, às gargalhadas, e as mais pequeninas a gritar e a chorar, era uma linda música que lhe fazia bem estar ali a ouvir. Ela estava inocente como se nunca tivesse saído de casa senão acompanhada. Muito gostava ela de estar a ver aquilo! Era capaz de ficar ali para sempre, se isso pudesse ser.

— Para que lado é que fica Paris?

Com esta pergunta, virou-se para ele: parecia-lhe ter acordado e visto diante de si um homem que não conhecia! Os seus olhos não sabiam mentir aquela surpresa. Abriu a mala, espreitou-se no espelhinho e compôs-se com pó-de-arroz e cor. Tirou uma lagrimita do canto do olho, e pronto!

— Vamos? — E foi indo adiante dele.

CAPÍTULO 26

ONDE SE COMEÇA A VER QUE NUMA MESMA VIDA MAL CABE UM QUANTO MAIS DOIS

Meteram-se num táxi. O destino era só ela quem o sabia. Porém, antes de lá chegar, fez parar numa loja, onde se forneceu de variadas coisas que fizeram um embrulho formidável e o qual ia consideravelmente além das suas posses. Veio à porta do automóvel pedir auxílio. Entrou de novo na loja e, quando voltou ao carro, trazia dois embrulhos, tão grande o segundo como o primeiro.

Pouco depois, o carro parava em frente de uma porta. Com um embrulho em cada mão, viu quanto somava o contador e disse-lhe que tinha ambas as mãos ocupadas. Apeou-se e experimentou uma porta que ainda estava fechada àquela hora. As chaves estavam na mala. Não havia meio de ele acertar com o jeito da fechadura. Passaram os embrulhos para as mãos dele. Nisto a porta

abriu-se de dentro e apareceu um velhote bem dormido que ia para o trabalho.

Ela foi adiante para ensinar. No segundo andar ele ficou à porta e ouviu-se o fechar das janelas e ficar a luz elétrica. A noite para eles começava só agora, para todos os efeitos.

Ela voltou à porta e ele estendeu-lhe os embrulhos. Ela falava-lhe como se ele já tivesse entrado. Mas ele continuava na escada. Como ela continuasse a falar, ele tirou o chapéu. Como ela falava de maneira que dava a entender que ele já tinha entrado, entrou. E encostou a porta sem ruído, para fingir que já lá estava há muito tempo.

Havia uma pequena sala antes do quarto. Ela disse que a criada lhe tinha feito a partida e pediu-lhe um instante para fazer a cama. Pôs-lhe uma cadeira. O Antunes sentou-se logo ali. Ela tirou-lhe o chapéu para não estar com ele na mão. O Antunes estava dentro da realidade, com a porta fechada e sem chapéu.

Quando ela apareceu outra vez, o Antunes levantou-se e deu-lhe imediatamente as boas-noites. Ela disse-lhe que se

soubesse não tinha feito tanta despesa. Mas dali a pouco ela estava em cima da cama com os dois embrulhos abertos, e o Antunes sentado aos seus pés não queria perder de vista a porta da escada, nem a escada, nem a porta da rua, nem a rua, e assim sucessivamente, pelo menos até ao hotel.

— Toda a gente faz de mim uma coisa e eu sou outra muito diferente. A Judite é isto, a Judite é aquilo, e não é nada disso. E eu é que lhes dou que dizer. Mas quem é a Judite ainda ninguém acertou. Como é que você se chama?

— Luís.

O abat-jour vermelho tingia a sombra em cena de apaches e o Antunes não queria nada mais do que ir para o hotel. Ela tirou os sapatos, que lhe doíam. Ofereceu bolos. Como ele não quis, fez outra vez os embrulhos. Também não queria.

— Você é casado?

O Antunes disse que não.

— Tem uma amante?

O Antunes disse que não.

— Ah, é livre?! Como eu. Tem cara de ter noiva.

O Antunes disse que não.

Ele não queria aquilo de maneira nenhuma. Era contra todos os seus princípios. Ia despedir-se e pronto. Faltava-lhe só a ocasião para o fazer delicadamente. Do seu íntimo subiu uma energia animada pela palavra seriedade. Mas o desencontro dos seus pensamentos com as perguntas de Judite não deixava completarem-se as suas decisões nem vir a ocasião para despedir-se.

— Você deve andar pelos trinta.

O Antunes disse que sim.

— E a mim quantos me dá?

O Antunes ficou a olhar para ela e esqueceu-se de que ela estava à espera da resposta. E foi ela quem respondeu.

— Dezanove!

Com este número o Antunes viu que ela não tinha aquela proporção que lhe deram as cenas violentas. Agora estava efetivamente mais do seu tamanho: longe da necessidade

de deitar a mão a forças que não tinha. Na sua boca, o número dezanove era uma crueldade. E o Antunes não podia com estas coisas: o mundo inteiro indiferente com a desgraça daqueles dezanove anos! O primeiro dever da civilização é evitar que fiquem os desgraçados pelo caminho! Os desgraçados são a vergonha da humanidade, são a desonra da civilização! Mas a vida passava-se lá muito acima disto tudo, ocupada com a vida de todos, indiferente com a vida de cada um. Nunca ele se sentira tão pequeno como neste momento diante daqueles dezanove anos: não podia nada em favor dela. Incapaz, impróprio, inútil, vergonhoso de ignorância da vida de todos os dias.

— Luís — disse a rapariga.

E ele ficou assombrado ao ouvir o seu nome, a sua vida inteira, a palavra única do seu segredo na boca daquela mulher. Ele era Antunes para todo o mundo e Luís daquela maneira para ninguém. A sua vida inteira estremeceu de alto a baixo ao ouvir o seu nome naquela voz de dezanove, anos. E tamanha foi a impressão que a não pôde calar e, caindo de joelhos ao lado da cama, disse:

— Minha Judite! Minha Judite!

Ela ficou como uma virgem cortejada pela primeira vez. Sentiu um prazer rebentar-lhe no coração e passar-lhe par^ o corpo inteiro, como se pensa que seja a felicidade. Depois quis perceber melhor. Parou o corpo todo, para ficar mais atenta. Mas era necessário puxar por ele:

— Luís! Tu gostas da tua Judite?

— Muito, muito, muito — respondeu o Antunes, três vezes sincero e dando-lhe os olhos lealmente. — Só peço a Deus que me dê forças para te defender na vida.

— Olha! Ouve! — disse a rapariga, a fingir que não chorava e com voz e gestos de criança que tem confiança no seu amigo. — Não fales assim dessa maneira, não! Faz-me muito mal ouvir falar assim! Tu não vês como eu estou aborrecidinha? Anda cá! — Deu-lhe espaço na cama e fê-lo obedecer como um petiz. — Deita-te aqui ao lado da tua Judite. Vamos falar muito, sim? Tu gostas de histórias? Mas não vale fazer outra vez como ainda agora. Senão eu zango-me muito com o meu Luís.

O Antunes não podia compreender que aquela voz fosse a mesma da refilona dos outros dias.

— Eu não sabia que tu eras assim! Tens soninho? Estás cansadinho? Eu vou ali para o sofá e tu ficas aqui à tua vontade, sim?

O Antunes fez que não.

— Então ficas aqui ao pé de mim, sim?

Ela ajeitou-se ao seu lado e abraçou-se com os braços mortos do Antunes.

— Anda, vá, faz oó.

E embalava-o como as mulheres fazem às crianças. E, muito baixinho, tão baixo que ela própria mal se ouvia, cantava-lhe ao ouvido aquele segredo das mães para adormecerem os filhos:

Tão-ba-la-lão cabeça de cão orelhas de gato não tem coração.

Mas daí a bocado o Antunes dormia de verdade. Ela escapou-se ao de leve dos seus braços, desatou-lhe a gravata, desapertou-o todo, tirou-lhe os sapatos, despiu-o completamente e meteu-o na cama. Arranjou-lhe os lençóis em volta do pescoço e foi fazer a sua cama no sofá.

CAPÍTULO 27

FINALMENTE NA SUA NOVA VIDA COMEÇA A PROSA

Há cinco dias que a Judite e o Antunes não saíam do quarto. Desde que ela cantara a cantiga da mãezinha para o fazer dormir. Durante esses cinco dias, tiveram a noção do viver no céu: ele e a Judite, os dois só no mundo, longe de todos, eram verdadeiramente felizes. Eles próprios faziam troça um do outro, por terem dormido a primeira noite cada um no seu sítio. Não havia uma contrariedade, um dissabor, nada, tudo corria admiravelmente, com uma intimidade natural e cheia de graça, um acordo perfeito em todas as coisas. O Antunes sentia no corpo um bem-estar de quem vive em liberdade. A dona da casa, uma senhora estrangeira, ruiva, muito branca de pele e cheia de sardas morenas, era de uma grande amabilidade para com o Antunes e muito dedicada à rapariga. Numa palestra confidencial, esta senhora estrangeira disse ao Antunes que

abria uma grande exceção para a Judite, entre as mulheres que vivem naquele meio. Achava-a muito boa, muito infeliz e digna de melhor sorte do que a que Deus lhe deu. Felicitou o Antunes pelo seu bom gosto na escolha que fez dela e pediu-lhe que se dedicasse muito à Judite, porque podia fazer a felicidade de ambos. Atacou com palavras duras as más companhias que a estragavam e prometeu dar-lhe bons conselhos, para que ela soubesse avaliar melhor com quem estava e não deixar perder um futuro bonito, que não aparece assim todos os dias. Com tudo isto e mais, a doce intimidade passada nas refeições e durante o dia nas conversas, nas recordações, nos projetos, o Antunes andava radiante e suspenso de uma alegria até ali ignorada por ele e que lhe aparecia finalmente como um ideal satisfeito. A sua adaptação à nova vida era evidente, a ponto de ter aprendido a jogar à bisca, jogo que dantes lhe repugnava, como todos os jogos de mesa. E tão feito estava já àquilo tudo que o Antunes nem reparava que havia precisamente cinco dias que nunca mais tornara a ver a luz do sol, que as portas de dentro das janelas nunca mais se abriram, que viviam de noite e dormiam de dia. Ainda não havia muito tempo que o Antunes se apoquentava por ver

que andava atrasado na vida, mas mal sabia ele então que poucos dias depois deixaria de estar atrasado, para passar a andar ao contrário da vida. Mas sentia-se tão feliz na sua lua-de-mel que o Antunes não dava por nada. Passados cinco dias, a Judite lembrou-lhe, como medida de economia, que fosse ao hotel buscar a mala e também porque não havia mais dinheiro, porque tinha calhado aquilo tudo com o fim do mês e tinha-a apanhado descalça.

Eram umas quatro da tarde quando o Antunes saiu e viu a luz do dia depois de passados cinco dias. Sem uma hesitação, dirigiu-se apressadamente para o hotel. O porteiro não o reconheceu, sobretudo pela maneira despachada como ele entrou. Disse que vinha buscar a mala e subiu ao quarto para arranjar as suas coisas. Quando estava pronto para sair e que já tinham descido a mala, uma criada trouxe-lhe quatro cartas. Sentiu um esticão. Três cartas tinham a mesma letra. A quarta era a conta do hotel. Foi a única que abriu. Puxou da carteira e viu que em menos de quinze dias fora-se todo o dinheiro para um mês. Já não tinha com que pagar a segunda semana do hotel. Lembrou-se das palavras dos pais:

“Se precisares de alguma coisa, manda logo dizer num telegrama.” O tio também lhe dissera outro tanto. De modo que desceu ao porteiro e encheu um impresso para o pai: “Peço mande imediatamente mais dinheiro. Saudades... Luís.” Ainda tinha na mão por abrir as três cartas da mesma letra. Contou: uma, duas, três. Fez de cor umas contas quaisquer e rasgou o impresso que tinha escrito e encheu um novo: “Peço mande imediatamente”... e ficou a pensar. Para não estar com as cartas na mão, meteu-as no bolso. E escreveu: “... mesma importância da outra vez. Muitas saudades... Luís.” Seguiu o telegrama. O jovem pedia a morada para levar a mala. O Antunes não sabia o nome da rua, não sabia o número da porta, não sabia o apelido da Judite, nem o andar ao certo. A solução era ele acompanhar o jovem. Estava resolvido. Mas a conta é que não estava paga. O porteiro disse-lhe o costume nestes casos. O Antunes tirou da algibeira um relógio de ouro, abriu a tampa de metal, tirou um retratinho pequeno e entregou o relógio ao porteiro. E, para não perder tempo, saiu depressa com o jovem.

CAPÍTULO 28

PRIMEIROS RESSAIBOS A DEFINITIVO

Em menos de doze horas tudo se tinha resolvido. Chegou o dinheiro, voltou o relógio e continuava o bem-estar sem a mais pequena preocupação. Comia-se, falava-se, jogava-se a bisca, dormia-se e tornava-se a fazer as mesmas coisas. O Antunes achava imensa graça a tudo o que fazia e dizia a Judite, cheia de vida e de boa disposição. A dona da casa disse que, quando ela lá não estava, o prédio parecia desabitado. E, com grande simpatia misturada com muita ternura, a senhora estrangeira dizia comovida:

— Não há dúvida, o diabo da rapariga deixa saudades!

O Antunes andava encantado por todas as razões. Até a maneira de falar da dona da casa, com muitos rr e umas palavras fora dos seus lugares, era uma brincadeira pegada para todos três.

Neste momento já o Antunes conhecia toda a vida da Judite, contada por ela própria. Uma vida acidentadíssima, que o fez chorar a cada passo, estimar e odiar pessoas desconhecidas e amá-la cada vez mais. Um dos grandes prazeres da Judite era estar deitada de costas na cama a contar as suas memórias. Era divorciada. Fugira do marido por culpa dele. Tinha um filho, que vivia com o pai dela e que ela roubara ao marido com grandes trabalhos. O pai tinha a mania das mulheres, ou as mulheres tinham a mania dele. Matou a mãe dela com desgostos. Quando se referiu à mãe, a Judite teve uma expressão feliz que encantou sobremaneira o Antunes:

— Minha mãe? Tu não imaginas, era uma Senhora!...

O orgulho que pós nesta última palavra era o melhor retrato da mulher pela sua própria filha.

— “O grande defeito do meu pai era o vinho. Tem o vinho mais mau que eu tenho visto. Nós tínhamos que fechar-nos nos quartos à chave por dentro. Batia! E dizia que matava! Hoje, coitado, já não vale nada. Chegava a levar mulheres para casa, quando estava com o vinho. De uma vez, nós tínhamos ido passar o dia fora e voltámos muito tarde. A

minha mãezinha a meio da escada parou de repente, esteve um grande pedaço parada e depois desceu outra vez a escada com nós todas. Coitadinha, ela lá percebeu o que se passava na nossa casa. Ela só dizia para a gente: “Minhas ricas filhas! Minhas ricas filhas!...” Tinha uns olhos claros muito bonitos! Chorava, chorava que se fartava, muito agarrada à gente, e viemos por ali fora, mulheres desacompanhadas, altas horas da noite, sem elétricos nem nada. Eu era a mais pequena, uma miúda, muito raquítica, cheia de tumores por todo o corpo. Apertavam-me aqui no pescoço e saía-me o pus pelos pés! Apertavam-me os pés e saía-me o pus pela cabeça. Coisas arranjadas pelo meu pai. A minha mãezinha sofreu tudo o que a Nossa Senhora sofreu e mais a companhia do meu pai. Depois fomos por ali adiante até ao outro lado de Lisboa e chegámos de madrugada a casa da nossa tia, onde tínhamos ido passar o dia fora. A minha mãezinha a chorar pediu de joelhos e mãos postas à nossa tia para proteger aquelas inocentes. Eram as suas filhinhas. Todas nós chorávamos por ver chorar a nossa mãe. Depois ficámos lá em casa e a minha mãe voltou sozinha, a pé, para nossa casa. Desde essa noite nunca mais quis tomar alimentos. Era só chá, chá, chá, e

mais nada. Ainda durou assim quase dois anos. Depois, quando percebeu que estava tísica e viu que ia deixar-nos, quis emendar o que tinha feito, mas já era muito tarde. Queria sempre a gente ali ao pé dela e o médico tinha proibido. Mas eu fugia sempre para o pé dela. Escondia-me debaixo dos lençóis entre as pernas da minha mãezinha e julgavam que tinha ido às compras, ou à escola, ou a casa das vizinhas. De noite ia muito devagarinho para ninguém saber, e ela coitadinha já estava sempre à minha espera. Uma noite, coitadinha, eu fui ter com ela e beijou-me muito, deu-me muitos beijinhos pelo corpo todo, nas perninhas, nas maminhas, aqui na barriga, nas costas, na cara, na cabeça, muitos, muitos beijinhos, eu até chorei, depois enfiou um rosário de contas ao meu pescoço e dormimos as duas abraçadas uma à outra. Afinal só eu é que dormi, ela tinha morrido.”

O Antunes de repente abraçou-a e ficaram ambos abraçados a chorar pela mesma razão.

As palavras qua ambos diziam eram para dentro da boca do outro, eram duas bocas que se respiravam uma à outra.

Ao princípio, quando te encontrei no clube a acompanhar com aqueles tipos, julguei que tu eras um “fiteiro” como os outros. Mas tu, não! Tu levas a vida a sério. Eu também era assim. Agora: à certa já ninguém me leva. Houve um: foi o primeiro.

— E eu?!

— Tu? É outra coisa.

CAPÍTULO 29

PRIMEIROS RESSAIBOS A PROVISÓRIO

Uns oito dias depois da chegada da mesma importância da outra vez, não só não havia mais dinheiro como ficavam muitas coisas por pagar. Uma vez era um vestido de soirée que uma senhora da aristocracia tinha posto só uma vez, outro dia era um casaco de peles muito barato por causa da dona ter que ir para o estrangeiro, uns sapatos da última moda que vinham oferecer à porta muito em conta, meias de seda baratíssimas que nunca mais se apanham por aquele preço, um empréstimo feito a uma irmã precisada, a mesada para o seu querido filhinho, a prestação para a perfumista e muitas outras coisas que infelizmente não podiam esperar. O Antunes começava a ver que, afinal, aquele viver no céu era muito caro. Olhou para dentro de si e quis manobrar o travão da descida, mas a sua dignidade fê-lo enganar-se na direção e viu de repente que estava

mesmo em frente da responsabilidade do sustento daquela rapariga, que trocara tudo pela sua companhia. Em vistas disso, estava resolvido a fazer seguir outro telegrama, pedindo que lhe enviassem mais uma vez a mesma importância do costume. Mas o seu pensamento foi interrompido por uma discussão que subia à porta da escada. A Judite saiu da cama completamente nua e foi encostar o ouvido ao buraco da fechadura. O Antunes ouvia as vozes crescerem, mas não sabia senão que a Judite estava a escutar. Aquela posição da mulher nua chocou-o. Viu segredos na vida, coisas escondidas, segundos sentidos, combinações, mistérios. A Judite tinha o hábito de dizer segredos: a ele diante da dona da casa, e à dona da casa diante dele. A Judite e a dona da casa por vezes trocavam o olhar entre si, e desse olhar o Antunes sabia que elas o tinham trocado. A franqueza com que exibia o seu corpo nu era bem diferente da impressionante posição de escutar à porta. Lembrava-se o Antunes de que. mais de uma vez o seu entusiasmo o levara a prometer-lhe casamento. Porém, agora, via que a sua mulher não tinha nada que indagar dos buracos das fechaduras. Sem querer, o Antunes demonstrava que a Judite não era a sua mulher. Quando

muito, seria uma mulher que era sua. Passava por conseguinte do definitivo para o provisório. Lembrava-se do que a Judite dissera, quando ele lhe prometera casamento. Parecia ouvir-lhe as mesmas palavras: “Isso é que era uma grande bofetada que eu dava em muita gente!” O Antunes pensava que lhe era agradável servir de utensílio para a regeneração de uma mulher, mas teve o pressentimento de que essa regeneração nesta mulher se resumia na grande bofetada a muita gente. Observou o Antunes qua a vida ali naquele quarto era comer, beber, dormir, estarem juntos, encostados um ao outro, jogar a bisca, pagar contas e nem mais nada. O que ela fazia mais do que tudo era comer e beber, o que ela fazia mais do que tudo era dormir, o que ela fazia mais do que tudo era jogar a bisca, e depois disto nem mais nada. Começava o Antunes a ter os sentidos azedos como o estômago e a boca, sentia um grande entorpecimento motivado por um excesso de facilidades materiais, uma espécie de indigestão por causa de uma falta de aspetos variados diante dos seus olhos; parecia-lhe que estava numa prisão, condenado a um regime repetido diariamente, sem saída, sem uma crença, sem fé em nenhuma transfiguração, sua, dela ou dos dois. Ele

acreditava nos milagres, não como supersticioso, mas como se acredita em milagres, como infeliz. E verificava que ali naquele quarto era inadmissível um milagre. Aquelas portas de dentro das janelas nunca seriam arrombadas do lado de fora por nenhum mensageiro de milagres. Pela porta da escada continuariam a entrar apenas as contas, apenas!

A discussão na escada crescia sempre, cada vez mais, como uma trovoada que passa por cima dos que estão cá em baixo, forçados a pensar nesse momento com mais cuidado do que quando faz bom tempo. A Judite escutava sempre e roía as unhas pavorosamente e cerrava os olhos míopes como para ver melhor o que afinal não estava diante dos olhos, e o seu corpo nu encolhia-se, tremia como se fizesse frio dentro do quarto.

— O que se passa? — perguntou o Antunes para que só ela o ouvisse.

Ela fez-lhe, irritada, um sinal com a mão para que ele esperasse.

O Antunes esperava. Depois de tantos dias naquele quarto, começava a raciocinar, como nos tempo em que vivia só! Ele verificava que havia já uma separação entre eles, separação que ele não procurara, mas viera. A prova estava em que ele começava a poder raciocinar em presença da Judite, raciocinar diante da mulher nua! A realidade começava a meter-lhe os dedos pelos olhos dentro e acabava por andar na sua frente, naturalmente, nas variadas distâncias, longe ou encostada, como um objeto que afastamos ou aproximamos, conforme é nosso desejo e curiosidade. “Que diferença! —pensava o Antunes —, que diferença entre a mulher nua e a quem o sono impede os gestos da sua vida, reduzindo-a às belas formas naturais, e a mulher nua a quem a vida faz desmerecer a sua própria beleza!” Com efeito, a Judite a dormir tinha a beleza da criança, da inocência; acordada tinha a beleza da fera, a ferocidade de uma mulher bem servida pela natureza e zangada com a vida. A pobre tinha realmente sido traída. “Não me digam que a mulher é a culpada alguma vez da desgraça de um homem, pois é sempre ao homem a quem cabe afastar a desgraça”, pensava o Antunes. A mulher é um ser complicado de fraqueza e de

majestade, é rainha e é perdição, mas é sobretudo a companhia que a faz forte ou perdida, indigente ou rainha, majestosa ou fraca. A mulher está mais do que o homem afeita a necessitar de companhia. A diferença entre a Judite a dormir e a Judite acordada mostra bem a desgraça ou, melhor, o seguimento da sua desgraça. Ela pretende agora realizar em si própria a falta que faz o companheiro que não teve, esse que não virá talvez nunca, por ter falhado logo à primeira vez. Ela era bela e devia tê-lo sido mais; porém, os seus dezanove anos ainda estavam evidentes e realçados pelas carnes fecundadas sem prejuízo da estética e em elogio à natureza. O pior era a sua vida, a sua desgraça, a sua cabeça, todas três a insistir com ela pela vingança, uma vingança que ela afinal não sabia ter senão contra o mundo inteiro. Isto tudo transformou as suas formas graciosas e masculinizou-a, desde a força dos olhos e o encontro forçado das sobrancelhas até aos próprios pensamentos voluntariosos, mas sem direção possível e impertinentes. E o Antunes concluiu: “Esta mulher não será de ninguém. É uma mulher que se entrega aos seus inimigos para ir mais depressa na sua vingança! Ela nunca terá amigos! Aqueles que ela julga serem os seus amigos

são apenas aqueles que ela ou eles ainda não sabem que também são inimigos. Ela é a desgraça transformada em vingança. Não conseguirá talvez vingar-se, mas passa com ódio, com fúria, com desgraça, com traição. Ela tem razão, mas melhor fora que a não tivesse. Ter razão não é uma razão, mas é uma força terrível! Haverá contudo ainda alguma maneira de a trazer ao bom caminho? Não sei, talvez. Mas não serei eu o indicado, porque, sem querer, punha nisso mais desejo do que o essencial. E o que eu pretendo não é para mim, é por ela apenas. Pelo contrário, procuro libertar-me dela e, sobretudo, não sentir remorsos de a ter possuído ingloriamente, sem amor, onde não há amor possível e só fraquezas, à custa do dinheiro dos meus pais! E quem foi o culpado da desgraça da Judite? O pulha, os pais do pulha, os pais da Judite, a sociedade, milhares de pessoas antes de mim, e eu o último! Não exagere eu por conseguinte a minha culpa, nem a confunda; a minha culpa não é contra a Judite, é contra mim, é contra mim! É contra a minha vida! A Judite é um episódio da minha vida, contra a minha vida, mas é um facto! Um autêntico episódio que há de terminar e deixar significação. A Judite é uma descoberta que eu fiz na minha pessoa. A Judite é... é a

pedra-de-toque com que afinal verifiquei a realidade da minha vida. A Judite não é uma mulher, é a própria realidade. Ela ignora tudo, e por isso mesmo ela é sem rodeios a própria realidade. A Judite não é gente, é uma pedra-de-toque, é um degrau, é a entrada, é a minha entrada na realidade. Passada a entrada, chega-se à vida, e a entrada deixa de ter importância. A vida segue e quer os que seguem e não os que ficam à porta.”

Entretanto, acabara-se a discussão e a Judite voltava para a cama.

— O que era? — perguntou o Antunes.

— Nada! — respondeu a Judite.

Mas este “nada” pareceu ao Antunes uma navalha aberta.

A Judite perguntou-lhe se ele não achava tempo de ir deitar o telegrama. Ao dar com os olhos nos de Antunes, a Judite sentiu que tinha havido uma mudança, uma grande mudança na sua maneira de olhar. Quis ver o que seria aquilo, mas decidiu não ter paciência. O Antunes levantava-se e ia à gaveta tirar a roupa para se vestir. Não tinha camisa, nem cuecas, nem peúgas, nem colarinhos, estava

tudo por lavar. O Antunes tinha prazer em vestir roupa limpa e ela bem o sabia.

— Faz por esquecer — disse-lhe a Judite, e virou-se para o outro lado.

CAPÍTULO 30

NEM TODOS OS QUE ACABAM DE DORMIR FICAM LOGO ACORDADOS

Do hotel o Antunes fez seguir novo telegrama urgente pedindo a mesma importância das outras vezes. Na véspera tinham perguntado por ele ao telefone. Não deixaram o nome. Havia dez cartas para ele. O Antunes meteu-as no bolso por abrir. Saiu do hotel, mas ficou de repente sem ter para onde ir. Os seus passos viravam-se para casa da Judite, mas ele não queria lá voltar sem o dinheiro. Eram necessárias algumas horas para a resposta. Começou a andar ao acaso. Via muitas mulheres. Ele reparava em que via muitas mulheres. Diferentes umas das outras, na cor, no feitio, nos modos, no dinheiro. Maneiras diferentes de calçar as mesmas meias de seda, interpretações distintas de uma única moda. O Antunes verificava que o seu pensamento se alargava ao ar livre, que ele tinha o direito

de escolha, que não podia continuar naquele regime de repetição com a Judite, que estava farto de a ver nos seus únicos gestos, que estava sobretudo enfartado com a sua companhia, nua, oca, violenta e inútil, verdadeira e insustentável. O Antunes via na multidão mulheres especiais, atentas desde a maneira de vestir até ao modo do andar; portadoras elas próprias de cuidados admiráveis, visíveis; oferecendo-se aos conhecedores, capazes de acompanhar a vida como a vida queria, até ao fim, sem falta de coragem, leais para com a lealdade, exigentíssimas na escolha e decididas na companhia, a par com o mundo inteiro, na moda, na aparência, na silhueta, com horas de estar em casa e horas de sair à rua, horas para as suas coisas e horas para a opinião do mundo, na iminência de se decidirem definitivamente onde caiba a generosidade dos seus pensamentos e a liberdade da sua ação em comum... O Antunes seguia essas mulheres, não como um atrevido que se adianta, não como um conquistador, não como um homem que imediatamente se decide pela que segue na sua frente, mas como um iniciado que se aperfeiçoa na escolha. Ele fazia comparações entre as mulheres, e com o melhor de cada uma delas arranjava uma única que não havia meio

de encontrar. Mas quase de repente aquelas ruas apinhadas de gente esvaziaram-se, como no fim de um espetáculo, e o Antunes perdeu-as a todas. Ficava apenas com a que não encontrava. Àquela hora do dia terminara a exibição das concorrentes ao grande prémio da vida, a humanidade inteira passava a outros lugares, a outras horas, públicas e particulares, onde a concorrência prossegue. E o Antunes ia só por aquelas ruas abandonadas. Só? Não. Tinha a Judite. Não vinha consigo, mas estava na sua vida. Como uma balança com todos os pesos de um lado e nada no outro prato. O Antunes não sabia quem estava do lado dos pesos: se ele, se a Judite. Talvez que os dois juntos fossem a própria balança desequilibrada no seu máximo. Apesar disso, o Antunes sentia subir a saudade no coração e faltava-lhe dolorosamente ouvir a presença da Judite.

— Para que mentir? Eu gosto dela! Não me satisfaz, não me serve, mas eu queria com toda a minha alma que fosse ela a que me servisse, a única que me satisfizesse!... Amo-a com o testemunho de Deus. Fui feliz nos seus braços, ela deu-me a sua carne, e eu não compreendo o que possa

valer mais do que uma vida que se entrega em carne e osso! Dar tudo quanto tem não é mais do que muito mais? Ela não tem senão o seu corpo, os seus dezanove anos: é o que ela me dá. Fui eu quem o quis, pelo menos quem lhos aceitou. Porque não me servem, porque não me satisfazem, devo retirar-me? Sim, talvez., Mas se me é impossível acompanhá-la para sempre, ao menos que o nosso conhecimento fique útil para ambos, não apenas para mim ou para nenhum. Não! É indispensável evitar que a nossa união nada nos ensine para amanhã. É preciso que nós dois reconheçamos, ela e eu, que o nosso amor vai a ponto de darmos as mãos para nos despedirmos como amigos até à morte. Dois verdadeiros amigos que se enganaram e começaram erradamente por serem amantes... Ela faz-me sofrer por ela!, eu não penso em mim!, eu não quero esquecê-la!, eu não a quero para mim!, quero só e só a sua felicidade!, desejo do melhor do meu coração a felicidade que merecem os seus dezanove anos belos e desgraçados! Serei eu tão inútil, tão desprezível, que não valha absolutamente nada neste mundo o meu desejo sincero da sua felicidade?! O meu horrível sofrimento por não poder

servir uma vida, a única que eu pretendo servir, que pretendo servir e nem sequer a quero para mim!!

O Antunes tinha uma dor verdadeira ao ver o irremediável na desgraça da Judite, e a inutilidade da sua companhia ao lado dela, e a insignificância real dos seus mais ardentes desejos em favor da impossível felicidade da pobre rapariga. Ele bem se esforçava com a memória para ver em qualquer gesto de Judite um recôndito desmentido a esta impossibilidade, mas as esperanças negavam-se-lhe, e o Antunes não via mais do que uma íngreme descida, inevitável, até ao abismo do esquecimento e do silêncio. Era fatal o declive. Esse corpo nu de dezanove anos, que por engano foi dele, esse corpo nu que lhe fugia dos braços, atraído pelo abismo como por um íman que atrai e não cede, esse corpo nu que Deus, a desgraça, a vida e todas as forças do mundo, à uma, lhe arrancavam dos seus braços, não lhe pertencia efetivamente, de nada lhe valeria o seu heroísmo de a querer fazer parar na descida, mas tão-pouco o Antunes já se preocupava em evitar as forças maiores do que as dele, reconhecia-as em toda a sua força, não pensava opor-se-lhes nem para ser esmagado por elas

conscientemente, desejava apenas ser o espectador convicto daquela tragédia, a testemunha que não tapa os olhos para poder, horrorizada, ver completamente a catástrofe e aprender à sua custa ou apenas ver dois a sofrer a mesma dor: a vítima e ele. Ela teria sempre ao seu lado o amigo que não lhe pode valer, mas que de vez em quando lhe diz aquelas palavras que fazem a morte dar um passo atrás: “Não é nada! Não é nada!” O Antunes dir-lhe-ia muitas vezes: “Judite, não te aflijas, não é nada! Minha querida Judite, não é nada! Não vês que não é nada?...” E, quando já não tivesse dúvida de que o abismo a tinha feito desaparecer para sempre, ele diria ainda e pela última vez: “Não é nada!”, para que soubesse que a sua dor, a dela, ainda ficava neste mundo, noutra vida.

CAPÍTULO 31

QUEM NÃO RESPONDE ÀS CARTAS QUE LHE MANDAM AO MENOS LEIA-AS

Umas saudades irresistíveis levaram-no depressa para casa. Ele não via senão a Judite, a expressão desorientada das suas belas feições, as suas unhas roídas incrivelmente, os seus olhos míopes que lhe torciam até os cantos da boca; uma criança qua anda por aí sozinha, a ver se foge da miséria, e a miséria sempre, sempre com os olhos nela!

Antes de entrar em casa, esteve a disfarçar os olhos. Parou no meio da escada, por se lembrar de que não levava dinheiro. Ainda não havia tempo. Subiu devagar até à porta e bateu. Não respondiam. Bateu mais forte. Nada. Ainda mais forte e nada. Bateu com toda a força. Uma vizinha de cima disse-lhe que tinham saído as duas. O Antunes desceu. Era noite. Olhou para as janelas e estavam abertas de par em par. Era o único andar onde não havia luz.

Eram horas de comer. Não compreendia que não o tivessem prevenido. E começou a andar. Procurava com os olhos muito abertos o que não estava no chão. Seguia pelo passeio e parava repetidas vezes, pondo a mão na parede, como se isto fosse bom para ajudar a adivinhar. Quando lhe pareceu que já se tinha afastado muito da casa, voltou para trás. Subiu a escada e sentou-se no degrau junto da porta. Tinha no bolso dez cartas por abrir. Ia lê-las enquanto esperava. Abriu uma e leu. Abriu outra e leu. Meteu-as no bolso com as oito restantes por abrir. Levantou-se e foi ao andar de cima perguntar avizinha se não tinham deixado nenhum recado para ele ou a chave. Ia já a bater-lhe à porta, quando pensou que, se houvesse alguma coisa, ela lho teria dito há bocado. Desceu e sentou-se outra vez no degrau. Parecia-lhe horrível uma escada! Não ter chave para entrar em casa era-lhe significativo suficientemente para não procurar mais símbolos para a sua presente situação. Não saber onde pára quem devia estar em casa, a mesma coisa: também era evidente de significação e de simbolismo. Ter de ficar na escada, também. Resolveu, por conseguinte, esperar o que viesse. E recomeçou a leitura das cartas. Tratavam de outra vida que também era sua,

mas não neste momento. Quisera ler, se não fosse a imagem viva da Judite sempre de permeio. Abriu a terceira carta. Era como as outras, enorme e escrita em todas as páginas. Não iria ler por enquanto. Passou-lhe a vista apenas pelo aspeto e ficou cansado. Ele achava mal feito a sua falta de paciência e talvez por isso leu um pedaço ao acaso no meio da carta: “Ficámos muito admirados ao receber o teu telegrama, porque já te havíamos escrito dizendo que se precisasses de alguma coisa fosses procurar o Sr. Dr. Oliveira a Rua

O Antunes leu o nome da rua e o número da porta já de pé. Meteu as cartas no bolso e desceu a escada de quatro em quatro. À porta da rua vinha a entrar a dona da casa. Perguntou-lhe se ele ia sair outra vez. O Antunes explicou. Queria saber para onde fora a Judite. A dona da casa apenas sabia isto:

— Ah, ela saiu?!

Quando o Antunes chegou à rua e ao número que vinham na carta, parecia que iá buscar um médico à pressa. O Dr. Oliveira estava a jantar. Mas a criada dissera talvez suficientemente o estado da visita, melhor do que o seu

nome. O doutor interrompeu o jantar e foi recebê-lo. Conheciam-se vagamente. As palavras do doutor eram com todas as letras. Mas no diálogo apenas havia para o Antunes um assunto: o dinheiro. O doutor disse-lhe que já lhe tinha telefonado ontem para o hotel, por causa das cartas diárias dos seus pais, bastante aflitos. O Antunes ouvia apenas que ele falava, mas não tinha outra preocupação senão a de adivinhar a maior quantia que lhe pudesse pedir.

— E afinal quanto é que deseja?

— Dez contos! — respondeu imediatamente o Antunes, com o sangue a galope no coração.

— Dez contos?!... Não será demasiado? Quero dizer: o senhor não é nenhuma criança. Sabe bem o que deseja. Não sei se terei essa importância. Para quem como eu tem de trabalhar desde manhã até à noite, para não faltar nada em casa, dez contos é dinheiro que nunca se junta no cofre. Se até amanhã lhe faz arranjo dois contos, dois e quinhentos ou mesmo três...

O Antunes ficou triste.

— Nesse caso — continuou o doutor —, vou ver o mais com que eu possa servi-lo imediatamente, e o resto num cheque. Um momento — e saiu.

Pouco depois voltava com dez notas de conto.

— Não quer jantar connosco?

— Muitíssimo obrigado, já jantei.

Na escada o Antunes contou de novo as notas. Guardou três na carteira e dobrou as outras em quatro partes e meteu-as no bolso de trás das calças,

O Antunes não sabia que estranha sensação lhe passava pelo corpo ao descer a escada, ao seguir na rua, que não acertava com os pés exatamente no chão, umas vezes quase que tropeçava, outras vezes o chão era um nada mais baixo. Mas, em vez de querer avaliar a sensação, começou a andar mais depressa e esforçando os rins para vencer-se, para ser decidido na marcha e não ficar a escutar efeitos de ocasião. A sua vontade dirigia a própria marcha: não aceitava influências, queria a sua iniciativa. Dez contos eram dele! Dez contos não bastavam para pagar a indemnização dos erros cometidos na sua vida, pela

educação que lhe tinham dado, E outras ideias como esta enrijavam-lhe o corpo verticalmente.

Chamou um táxi. Ainda não sabia o nome da rua nem o número da porta onde morava. Foi ao lado do motorista para lhe ensinar.

CAPÍTULO 32

O PROTAGONISTA OFERECE-NOS O ESPETÁCULO DE UM HOMEM EM LUTA LIVRE CONSIGO MESMO

A Judite ainda não tinha vindo. Eram quase dez horas.

Sozinho no quarto, o Antunes queria adivinhar o futuro. Depois quis adivinhar o presente. A Judite?!... Sem pensar em nada, ou, por outra, sem acompanhar nenhuma ideia que estivesse redigida algures ou que surgisse inédita agora, tinha simplesmente uma direção que seguia no espaço mais baixo que os seus olhos, e a cabeça acompanhava essa direção. O quarto estava arrumado. Ela tinha deixado tudo em ordem, exceto as gavetas por dentro. A desordem não estava à vista. Havia dentro daquelas quatro paredes, debaixo daquele teto, em cima daquele chão, uma história em que ele entrava. Começou a pensar o que seria a Judite sozinha ali no quarto. Quando ela não sentiu o homem, o Antunes, ali ao pé de si, nem a dona da

casa na outra parte do andar, ficou sozinha. O horror de estar só no mundo apenas o podem sentir aqueles que, como a Judite, já perderam o melhor que tinham e não conseguem a certeza de nada. A Judite antes queria a certeza das coisas do que as próprias coisas. O Antunes era como os outros, amanhã ia para outro sítio, e ela tinha-se dedicado estupidamente. Ela queria evitar dedicar-se e fazia por isso, porque sabia que era de qualidade. E, ao ver-se sozinha no silêncio do andar, ficou igual a si própria, sem ninguém por ela! Como podia tê-lo prevenido de que ia sair, se ela mesma também não sabia que havia de aparecer a razão dela ter de sair? Não era portanto apenas dinheiro o que lhe faltava, mas sim razões verdadeiras para não se sentir sozinha quando o Antunes tivesse de sair! O Antunes fazia-lhe companhia bastante para a segurar em casa, e o seu dinheiro também era o bastante, mas quando ele ia à rua ela ficava sozinha com o seu futuro, isto é, sem nada.

Ela via perfeitamente que o Antunes não estava destinado para ela.

Não bastava a sua boa vontade para que tudo se arranjasse. A vida é mais complicada! Era impossível: ele

tinha coisas boas mas não era o bastante. Mas, se havia de esperar pela sua vida nas mãos de outro, porque não esperaria por ela nas mãos do Antunes? Não lhe faltava dinheiro, e dinheiro é o principal para esperar, para disfarçar, para mentir a miséria e a desgraça.

O quarto estava às escuras. Um relógio dava a meia-noite, que entrava pelas janelas escancaradas. O Antunes pôs-se de pé e, com os calcanhares bem firmes no chão, pensou: “Eu gosto da Judite. Gosto dela. Mas a sua vida é impossível. Mesmo que eu fosse um homem capaz de lhe interessar... é impossível. Não há nenhum homem capaz de lhe interessar! Já é tarde para ela. Irremediavelmente tarde para os seus inexperientes dezanove anos! Inexperientes?! Sim, e desgraçados. Desgraçados antes de terem chegado à vida. Surpreendidos pela realidade antes de saberem defender-se. E agora, que sabe defender-se, já nada tem que defender. Nada que interesse a um homem cuja vida e cuja felicidade não são impossíveis! O meu futuro não é impossível! Com ela é impossível. E eu tenho o dever do meu futuro, o maior dever que eu tenho na minha vida. Um dever forçoso, forçoso como a moral, forçoso como a

natureza, forçoso como a inteligência, forçoso como a própria vida!” Restava-lhe da sua parte para com ela apenas piedade. Era o seu verdadeiro dever para com ela: Piedade! ,

Piedade verdadeira que não a ofendesse, que não a desviasse da sua ilusão; piedade verdadeira que a ajudasse mais ainda a iludir-se, a estoirar-se. Ou melhor, o Antunes emendava o pensamento: eu tenho o meu caminho e ela tem o seu. Respeitarei exatamente o dela, para poder respeitar melhor o meu. Não será isto ser cristão e moderno? A desgraça da Judite é relativa a mim; sou eu que tenho outro ideal diverso, oposto ao dela. Eu tenho o dever de humanidade de respeitar a sua companhia, já que a vida fez encontrar-nos. É necessário que eu aprenda que há mais gente neste mundo além de mim e das minhas aspirações. Que eu zele e combata pelo meu ideal é tão justo como outros façam o mesmo. A inteligência do mundo não é afinal senão os valores iguais de opiniões contrárias. Quanto mais contrárias forem as opiniões mais se igualam os valores dos rivais, mais violentamente se chocam pela atração dos nomes contrários, e o choque mais os

aproxima, mais os contrasta, mais os confunde na luta, e acabam os inimigos por formarem uma unidade viva, ativa, inteira, leal e dominadora.

O Antunes, ajustando esta divagação ao seu caso com a Judite, achava que era ter medo de viver desistir de a acompanhar. Ora, primeiro que tudo, ele queria viver, e não era barato este seu desejo, o maior de todos os seus desejos. Por conseguinte, ele aceitaria toda a espécie de sem-razões com que o acaso pretendesse dissuadi-lo do seu maior desejo. Ele achava que devia suportar toda a violência dos detalhes, para saber depois aguentar a maior de todas as violências e a mais prolongada: a Vida!

O Antunes pensava tão convictamente que fazia gestos e começava a falar sozinho: “Que me importa a mim que seja uma mulher perdida a que está na minha vida?! É uma! É a que está! Muito mais do que dela trata-se aqui da minha vida, o que vale mais de tudo?! Para que hei de eu procurar ocasião mais ordenada, se é efetivamente esta a única que a vida neste momento me oferece?! E não me oferece ela precisamente aquela que melhor representa o meu equilíbrio?! Não será porventura este o momento de

apreciar as minhas forças?! As minhas próprias forças, que eu desconheço?! Para que hei de continuar a seguir o meu ideal como a uma estrela religiosa?! Não é acaso a realidade mais convincente do que essa estrela que guia mas não fala?! Porque não hei de eu confiar nos meus sentidos, se tão cegamente confio na minha fantasia?! Não tenho eu aqui nas minhas mãos a prova de que a minha vida aos trinta anos estava errada de alto a baixo?!... Para que hei de então persistir na minha honra, na minha personalidade, nas minhas teorias, nos meus mais elevados sentimentos, se todos eram falsos como os meus trinta anos, como o dinheiro honrado dos meus pais fica falso nas minhas mãos?...”

CAPÍTULO 33

QUANDO SE PASSA DE UM LUGAR PARA OUTRO, LEVAMOS EM GERAL O PRIMEIRO LUGAR CONNOSCO

O Antunes espreitava a sua própria vida como a Judite escutava às portas. Assistia à sua intimidade com a Judite naquele quarto: ela é o aproveita-tudo o que lhe passa à mão, e ele o teórico que nunca tinha tocado em nada com as mãos. A sua educação foi: ver e não mexer. E o Antunes era como a sua educação: via mas não mexia, nem sabia mexer. A Judite, pelo contrário, pegava em tudo, estragava tudo, destruía tudo o que lhe ficava à mão de semear, e não via nada. Quando queria ver as coisas, aparecia-lhe nas coisas a sua desgraça. Se olhava para lá das coisas, a sua desgraça também lhe aparecia para lá das coisas. De modo que não queria ver nada e, enquanto tivesse forças, havia de espatifar o mais que pudesse!...

Havia, porém, uma particularidade que o Antunes descortinava na sua intimidade com a Judite: sendo opostos, influenciavam-se mutuamente, de modo que cada um ganhava o feitio do outro e enfraquecia no próprio. O Antunes, como a própria Judite o dizia: saía da casca! E ela começava a ter umas prudências e umas apreensões com as quais começava a pensar antes de resolver, a ponto de evitar muito disparate. Sem que o Antunes a tivesse ensinado, ela tinha aprendido com ele a ver-se de uma maneira diversa da que costumava nos clubes. Procedia, é claro, ainda à maneira antiga, mas já não era por querer, como dantes. Ela própria confessava ao Antunes: “Eu sou muito torta!... Mas tu deves ensinar o que eu hei de fazer. Tu és o homem. Não me deixes fazer o que me vem à cabeça, que são tudo asneiras. Mostra que tens força e sabes o que queres!...”

Mas o Antunes não teve resposta para estas palavras. Embaralhou-se tudo na cabeça e no coração. Não queria nada por causa dela. Saber o que queria, mostrar que tinha força, ser homem, era tudo por causa dele e nada por causa dela. Por conseguinte, a sua intimidade para com ela era

desumana: aprendia com ela a ser homem, a ter força, a saber o que queria, para ir escolher outra mulher! Ao passo que a Judite aprendia com ele a saber estar como ele, e não para ir depois melhor para a companhia de outro. Ela sonhava fixar-se, encontrar a paz, dar uma grande bofetada em muita gente, e não pensava noutro a não ser no Antunes. Nem ela sabia imaginar: sabia apenas do que se passava com ela a cada instante em que estava. Sabia mexer, estragar, intrigar, destruir, mas apenas o que estava na sua frente, ao alcance das suas mãos. A sua imaginação não ia para além do que ficava ao alcance dos seus braços. Não tinha distância a sua imaginação: era como a sua miopia. Por isso mesmo, o que estava mais perto era mais nítido, mais fácil de transtornar, de partir, de quebrar. Quando o Antunes lhe falava com as suas palavras sinceras, teóricas e sonhadoras, a Judite fazia um grande esforço com a testa para ver a forma, o feitio daquelas coisas que ela não via senão na cara do Antunes. Ela queria deitar as mãos àqueles objetos de que lhe falava o Antunes. E, como não podia, roía as unhas até às espigas. E por fim desistia.

— Está bem, Luís, isso tudo é para ti. Eu cá não percebo nada disso. — Que ela o não percebia era bem verdade, mas o Antunes também não adiantava nada acerca da sua opinião sobre a Judite. As suas conversas com a Judite tinham, da parte do Antunes, uma ignorância particular: o Antunes falava-lhe como se ela fosse a que ele tinha na sua imaginação, como se fosse a sua própria imaginação quem estava na sua frente, mas estava apenas na sua imaginação, de modo que a imaginação do Antunes e a Judite, confundia-se tudo numa única coisa e pessoa que não existiam. Esta confusão dava-se tanto com o Antunes, que falava, como com a Judite, que o ouvia todos os dias da mesma maneira. Por fim, a confusão passou a realidade, e a Judite estava na verdade mudada: já não era uma Judite qualquer, era a Judite do Antunes. O mesmo se passava com o Antunes: influenciado pelos modos da Judite, pelos gestos da mulher que vive de noite nos meios violentos; as palavras do Antunes começavam a ter estilo nos gestos que as acompanhavam, e desprendiam-se-lhe os braços e fixavam-se-lhe os olhos nas coisas próximas ao seu alcance. Eles tinham-se passado positivamente de um para o outro.

Era o resultado de uma convivência, não era o que eles julgavam.

CAPÍTULO 34

ONDE SE MOSTRA COMO O PROTAGONISTA JÁ SABE MAIS DO QUE PODE

Era uma hora da noite. O Antunes estava à janela. Daquele ponto alio via-se grande parte da cidade, e sem interesse para o Antunes. Aquela saída da Judite era talvez o sinal do fim. Ele, porém, não a esperava porque fosse grande a saudade, esperava-a porque naquela cidade, naquele quarto, naquela hora da sua vida, ela representava, senão toda, pelo menos metade da sua existência. Não era saudade, era uma falta, um hábito. Cortava-se um ritmo que durara duas semanas. Ele tinha pensado o bastante para ver que ela não lhe servia, mas faltava-lhe. A sua imaginação masculina percorria o passado, o presente e o futuro em grandes voos, em grandes velocidades, em grandes alturas, donde tudo fica reduzido, passageiro e uma linha só. A Judite desaparecia àquela distância. Porém,

agora, cá de baixo, se ela não aparecesse, a linha ficava cortada, sem ligação com a outra parte. Não era saudade, não era desejo, era uma falta, uma necessidade, uma coisa indispensável, uma peça insubstituível. A explicação daquela imensa cidade, para ele, Antunes, era a Judite. A explicação daquele quarto alugado, para ele, Antunes, era a Judite. A explicação dos últimos quinze dias, para ele, Antunes, era a Judite. A Judite era a atualidade da sua vida. Que significação teriam todas estas coisas, se ela lhe faltasse de repente? Ficaria como um passageiro que perdesse o comboio por se ter apeado numa estação do trajeto. Efetivamente, ele esperava à janela não já a Judite, mas a continuação da sua vida, e esta continuação é que era imediatamente a Judite.

Parou um automóvel à porta. Desceu uma senhora, tornou a fechar a porta do carro e ficou a falar pela portinhola. Era ela. Naquela atitude, ergueu-se nas pontas dos pés e enfiou mais o corpo para dentro do carro. Parecia um beijo. Depois, um aperto de mão, que um braço masculino saindo pela janela demorava. E o carro seguiu.

— Ainda não jantaste? — perguntou a Judite.

Ela bem sabia que o Antunes não comia sem ela; tinha sempre a mesma vontade que ela, o apetite correspondente à sua parte no par.

— Isto é que são horas?

— Eu pergunto-te se já jantaste.

— Quem é que te veio pôr aqui em casa?

— Olha, queres saber o que foi? Foi a dona da casa que me veio dizer que não tinha dinheiro para o jantar.

— Mas eu tinha saído a buscar o dinheiro, que mais quer ela?

— Da outra vez, o dinheiro só veio no dia seguinte...

— E tu foste buscar dinheiro?! Onde?! A quem?!

— Para nós os dois. Arranjei quinhentos mil réis.

— Para nós os dois?!

— Sim, o teu dinheiro também não é para nós os dois?!

— Olha, faz o que tu quiseres.

Ao dizer isto, o Antunes pôs o chapéu na cabeça, e ia para a porta.

— Aonde vais?

— Não sei.

O Antunes ia a sair, mas estava com receio de que ela lho não impedisse.

— Não comeces tu, que eu acabo! — disse a Judite, tirando o chapéu de uma vez.

O Antunes voltou-se e também tirou o chapéu. Foi ter com ela.

— Achas bem o que fizeste?

— Sei lá se acho bem, se acho mal.

— Já te faltei alguma vez com o dinheiro?

— Eu não te pedi nada!

— Pergunto-te se já te faltei alguma vez com o dinheiro.

— Já te disse que não te peço nada!

— Não é disso que se trata! Trata-se de que arranjaste quinhentos mil réis! Onde?! A quem?!

— E tu tinhas para mos dar?

— Tinha!

— Olha, eu não sabia. Não podia adivinhar.

— Fui mandar o telegrama. Como a resposta chegava tarde, fui arranjar dinheiro noutra parte. Quando cheguei a casa, tu não estavas.

— Tinha ido buscar dinheiro! Para nós os dois! Para o jantar!

— Para jantar? Chegaste à uma e meia!

— Mas trouxe quinhentos mil réis!

— Não era preciso! Já cá havia em casa muito mais do que isso, desde as dez horas!

— Eu não podia adivinhar!

— Não tinhas nada que sair!

— Ó filho, tu não percebes nada da vida! Eu escuso de ter muito trabalho com uns e com outros para que eles me deem o dinheiro que eles me querem dar. Há muita gente que gosta de dar dinheiro a mulheres, sem mais nada. Eles precisam de dar esse dinheiro! Tu não percebes? Sou eu que tenho a culpa de que haja alguém que precise de dar-

me dinheiro? Ou que tenha a mania de gostar de mim? Há muitos, há muitos que têm a mania de gostar de mim! E, quando eu precisar, achas que devo ir pedir aos que não gostam de mim? Está claro que não. E então tu queres que a gente não aproveite os “trouxas”? Achas bem que eu deixe as outras aproveitá-los?! Para elas andarem todas chiques, e eu que pareça a sopeira delas?! Ah, não, filho, não! Tem paciência, mas as coisas são o que são!

— E eu?! O que faço eu aí no meio disso tudo?!

A Judite ficou espantada com esta pergunta do Antunes.

— Tu não percebes nada de nada! De que serve uma pessoa dedicar-se? Tu? És o meu homem! A ti não te peço nada, quero só a tua companhia. Sinto-me bem ao pé de ti. Quando não há dinheiro, quando a dona da casa quer e eu o não tenho, custa-me, por mim e por ti. E se eu tenho quem mo dê sem mais nada, é só passá-lo das mãos deles para as minhas, achas bem que eu o não vá buscar? E tu julgas que dura sempre isto de haver quem goste da gente, só para dar dinheiro? Tu ainda não compreendes isto! Não dura sempre, infelizmente. Há sempre quem tenha a mania de gostar das mulheres e dar-lhes dinheiro, mas se a gente

não se governa a tempo, adeus minhas encomendas. E, se tu és meu amigo verdadeiro, deves ver estas coisas. E não deves ser tu, precisamente, que és o meu único amigo verdadeiro, que hás de vir estragar-me a vida. Deixa lá, que ainda havemos de ser felizes os dois, com a nossa casinha e as nossas coisas. Mas é preciso que tu vejas as coisas como elas são e não te ponhas com orgulhos! Também eu sou orgulhosa, e não tenho outro remédio senão fazer como faço. Já te disse que não tenho necessidade nenhuma de me meter com uns e com outros, para ter o dinheiro que eles me dão pela sua livre vontade. O mundo é assim, que mais queres tu? Queres emendar o mundo?! Já jantaste?

— Não!

— Vês, isso é que me custa!

CAPÍTULO 35

O PROTAGONISTA TOMA UMA DECISÃO QUE FAZ PONTARIA A UM ALVO QUE AINDA NÃO SE VÊ

O Antunes e a Judite resolveram ter uma grande conversa em que iam falar a sério. Ela fez duas propostas: uma era ter cada um a sua vida, e encontrarem-se os dois ali em casa. Era esta que parecia a melhor à Judite, porque ficava cada um mais à vontade para as suas coisas, e depois juntavam-se todas as noites. O Antunes fez-lhe ver que tudo estava muito bem, se não fosse a sua vida ser de dia e a dela de noite. Dessa maneira, nunca podiam juntar-se.

— Mas o que tens tu que fazer de dia? — perguntou a Judite.

— Trabalhar!

— Trabalhar em quê? Tu não fazes nada.

— Por isso mesmo. Tenho que arranjar trabalho. Fazer qualquer coisa. Preciso de ganhar dinheiro.

— Ora, teus pais são ricos.

— São ricos, mas…

— Quem é rico aprende a gastar. E tu não sabes gastar. Juro-te que, se tu soubesses, podias fazer um figurão! É pela tua causa que falo, e não é por mim. Eu não quero o teu dinheiro para nada. Eu cá arranjarei o meu. Então não era tão bom ter cada um as suas coisas e vivermos juntos? Por enquanto era assim, mas depois havia de ser melhor.

O Antunes torcia o nariz. Nesse caso, a Judite tinha a segunda proposta: andarem sempre juntos por toda a parte. A primeira era impossível, segundo o Antunes, e a segunda não agradava completamente à Judite. O Antunes começava logo com os seus orgulhos, e ela era capaz de perder a paciência. Em todo o caso, a Judite viu nos olhos dele que a segunda proposta lhe sorria de certa maneira, e entusiasmou-o:

— Era bom para ti e para mim, para nós os dois. Tu não és conhecido. És um rapaz com educação, rico, com futuro;

mesmo que não me desses nada, fazias-me bem a mim, porque todos me viam contigo e sabiam que és rico e que tens educação. Compreendes? Uma mulher vale mais por acompanhar um homem do que por ser livre. E, se o homem é rico e de boas famílias, é o melhor que há para acompanhar uma mulher. Tu ficavas conhecido, conhecias aquela gente toda, porque aos clubes vai tudo o que há de melhor por aí; a mim, toda a gente me conhece e nunca me viu acompanhar com ninguém. Compreendes? E fazíamos bem um ao outro. Aprendias a dançar, tínhamos a nossa mesa, ceávamos, ficávamos por ali a conversar, a dançar, íamos dar passeios de automóvel, vínhamos deitar, tínhamos a nossa roupinha, as nossas coisas, e vias nos clubes muito que aprender. Não basta ter dinheiro, não basta ser de boas famílias; há outras coisas que é preciso ver. É preciso fazer como os outros. Tu ainda não jantaste, pois não? Porque é que não vamos cear?! Anda daí.

O Antunes pensou muito, e depois levantou-se de repente, com força:

— Vamos!

CAPÍTULO 36

OS LUGARES FAZEM MUDAR AS PESSOAS OU O AR NÃO E O MESMO POR TODA A PARTE

Desde a entrada do clube até à sala, a Judite estendeu a mão a toda a gente, frequentadores e empregados. O Antunes seguia atrás dela como uma mercadoria. A Judite apontou a mesa que queria e foi por todas as mesas fazer a distribuição de apertos de mão. Via-se que era muito apreciada. O Antunes estava sentado à mesa e era olhado de todos os lados por mulheres e por homens. O Antunes via que alguns dos conhecimentos da Judite passavam-lhe gentilmente o braço pelos rins, outro beijava-lhe o deltoide nu e um tinha para lhe dizer ao ouvido um segredo que demorava mais do que um beijo. Ela pretendia furtar-se a todas estas expansões, mas os entusiastas, apesar de prevenidos, insistiam, depois que não acharam perigosa a “fachada” do Antunes. Depois, a Judite desapareceu da sala

é o Antunes pensou que, se tudo aquilo era na sua frente, o que faria nas costas. Lá conhecida era ela, não haja dúvida! A sua entrada no clube parecia a chegada da rainha da festa. Mas, quando souberam que ela trazia a mercadoria do Antunes, houve indignação geral.

— Está o mundo perdido, até a Judite já tem “arranjinho”!

— Ouve lá, ó Judite, por onde é que tu lhe pegas?

— Ele tem tanto “bago” como isso, ó Judite?

Choviam os ditos ao passo que ela seguia pelas mesas. O assunto começava a ser geral, e as gargalhadas. Enfim, tudo aquilo era a mesma gente, exceto o Antunes. Houve quem propusesse convidar o Antunes a retirar-se, para restabelecer a normalidade na sala. Mas esta proposta teve apenas graça. Um rapaz, que estava senhor da situação, levantou-se para abraçar a Judite pela esquerda e pela direita, por diante e por detrás. Depois deu um viva à “nossa Judite!” e um abaixo à “minoria!”. O abaixo e o viva foram correspondidos e palmeados.

Mas a Judite conseguiu fazer-se ouvir em voz baixa, e todos mudaram de tenções. O Antunes tinha percebido

tudo, mas fazia de inglês. Começou uma música para dançar, e logo o primeiro par que apareceu foi a Judite e um desconhecido com muita prática daquele exercício, e tão agarrado a ela como o Antunes na intimidade. O dançarino tinha muito que dizer à Judite, sobretudo quando passava mesmo pela frente da mesa onde estava o Antunes. A Judite dava toda a atenção ao seu par, a uma distância perigosa um do outro. Por fim, a história tinha mais interesse do que a dança, e ainda com música ficaram parados a um lado, por causa do seguimento. A ajuizar pelos seus gestos, devia ser verdade o que dizia. O Antunes não queria olhar nem dar a entender que não queria olhar. Mas o rapaz segurava com força um pulso da Judite. O Antunes não sabia bem se devia intervir ou se aquilo pertencia à história. Quando acabou a dança, foram os dois também para outro sítio. Sentaram-se ambos a uma mesa. O Antunes estava abandonado há uns longos minutos ou mais. Tudo aquilo dava-lhe a impressão de ter caído a um poço e não poder de lá sair, se o não viessem buscar com uma escada ou com uma corda. A Judite veio ter com ele. O Antunes ia para lhe dizer que já não era sem tempo; porém, ela disse primeiro:

— Esperas um instantinho, sim?

— Aonde é que vais? — perguntou o Antunes, entre natural e desesperado.

— Vou ali, já venho — respondeu a Judite, a andar. E seguiu, para não perder mais tempo.

O Antunes notou que ela tomava ali no clube para com ele uma atitude diferente e de superioridade, sem dúvida por causa dos outros.

O dançarino e ela saíram da sala.

O Antunes confirmava que não há pior momento do que aquele numa sala bem iluminada e sem nada para passar o tempo. Nunca achara um jornal objeto tão valioso como naquele momento. Maldita a hora em que naquela noite cedeu à ideia de virem cear! Ou bendita? Não tinha porventura assistido à prova real de que a Judite era de todos e de ninguém?! Que mais queria ele de positivo para se afastar definitivamente?! Teve uma ideia, fez força para vincar bem a ideia por dentro e sentou-se, capaz de esperar até ao fim do mundo. Mas a primeira novidade aconteceu logo a seguir: ao cruzar os braços sobre a mesa, sentiu o

maço das cartas na algibeira. Substituía a falta do jornal. Eram treze: três da primeira vez e dez da segunda semana. Foi abrindo as nove que ainda estavam por abrir. No fim, pôs ordem pelas datas. Todas as cartas tinham duas letras parecidas, mas diferentes: uma era do pai e a outra da mãe. A mãe, por causa da vista, escrevia poucas linhas, depois do pai. Todas as cartas falavam, na parte da mãe, de uma Maria. Pela ordem das cartas, o que se referia à Maria era o seguinte:

“... No mesmo dia em que foste para Lisboa, a Maria mandou perguntar quando voltavas. Dissemos-lhe a verdade: que não havia nada combinado...”

“... A Maria tem mandado todos os dias saber notícias tuas...”

“... A. Maria, coitada, à hora do correio, manda sempre o rapaz para saber as tuas notícias..."

“... Faz-me pena a Maria. Não passa um dia sem mandar perguntar por ti. Parece que eu devo dizer-te estas coisas...”

“... Eu tenho mandado dizer à Maria que tu estás bem. Mas eu é que não sei se tu andas bem. Porque não escreves, Luís, só duas linhas à tua querida mãezinha?...”

“... Queres que eu mande dizer alguma coisa à Maria? Não faço senão o que mandares dizer...”

“... Eu tive vergonha de mandar dizer à Maria que nós não tínhamos ainda recebido nenhuma carta tua de Lisboa...”

“Deves estar muito aborrecido comigo, por causa de te falar sempre na Maria. Não faço mais do que participar-te que ela tem mandado todos os dias saber notícias tuas...”

“... Se não me lembrasse do que tantas vezes me disseste do que pensavas da Maria, não te falava tanto dela. Como ela procura por ti...”

“... A Maria parece que soube pelo correio que tu ainda não nos escreveste desde que estás em Lisboa. Passei por mentirosa, vês?...”

“... Não sejas mandrião, meu querido Luís, e escreve ao teu pai e à tua mãe, que são teus verdadeiros amigos.

Quando escreveres, põe uma palavra, pequenina que seja, para a Maria, para eu lha mandar dizer...”

Vimos a Maria hoje na missa. Deus me perdoe que não seja por culpa de ninguém da nossa família a tristeza que ela tem. Escuta, Luís. Se já não pensas nela como pensavas, ao menos dá-lhe uma palavra tua, que não te custa nada. Foi ela quem veio falar-nos. Pediu-me para te mandar muitas saudades, e eu aqui tas mando, sem poder descrever-te o modo como ela me fez este pedido. Eu não te obrigo a fazeres nada que tu não queiras, mas digo-te que já chorei pela sua causa...”

Faltava-lhe ler a última carta. Pôs-se a pensar, antes de abrir. Reparou que aquelas cartas não levantavam nele aqueles sentimentos que tudo indicava que o movessem. Enquanto meditava desta maneira, nos seus olhos apáticos passou um raio de maldade, e guardou a carta por abrir com as outras no bolso.

CAPÍTULO 37

UMA DAS MANEIRAS DE NÃO VER UMA COISA É PÔR-LHE OUTRA DIANTE

Uma rapariga branca como a cal do cemitério vinha ajudada pela Judite. Devia ter-lhe acontecido alguma coisa. Ninguém teve a lembrança de ir ajudá-la melhor do que sozinha com a Judite. Ninguém teve a ideia de lhe oferecer uma cadeira. Estavam todos incomodados com aquele quadro de hospital. O Antunes veio do fim da sala ajudar a Judite e levar a pobre rapariga para a sua mesa.

— Vais cear com a gente, sim? — dizia-lhe a Judite com beijos e festinhas próprios para doente.

Ela porém estava proibida de comer “grandes coisas”.

— Então eu vou buscar gente “fixe” para te fazer companhia, sim? Trago-te a Fernanda Morena, a Celeste e a Maria Anã. Queres?

E a Judite, que ainda não se tinha sentado ali à mesa, foi à procura das três companheiras.

— O que é que tem? — perguntou o Antunes à doente.

Ela ficou a ver na cara dele se lho podia dizer. E, com uma vozinha partida, um bocadinho de cristal perdido da sua peça, disse:

— Nada!

O Antunes via aquelas mãos geladas por terem visto a morte em pessoa, aqueles olhos que não suportavam o natural dos objetos, a respiração trabalhosa e na boca o jeito que lhe ficou de ter soprado a desgraça para fora de si. Ela bem queria sorrir-lhe, mas as feições estavam ainda torcidas das noites em claro.

— Eu vou dizer... o que isto foi... para o senhor... não pensar... noutras coisas.

Apesar de não ter pinga de sangue, o Antunes reparou que ela tivera vergonha das últimas palavras.

— Eu estava... de três meses... sou uma desgraçada... a criança, coitadinha... não sei a quem pertencia...

desmanchei...

O Antunes tinha uma faca na mão como um punhal. Ele odiava a vida, que tem a mania de ordenar e que não deixa sequer nascer a natureza!

CAPÍTULO 38

OS OLHOS DA NOSSA MEMÓRIA VEEM MELHOR DO QUE, OS NOSSOS

A Judite chegava à mesa com as três companheiras. Apresentações, lugares, e a mesa ficou uma casa particular com os donos e os seus convidados. O Antunes era o único homem daquilo ludo e prometeu-se uma boa noite para as raparigas. Estava disposto a fazer bem à Judite.

— Champanhe! — disse o Antunes para o criado. — E vamos todos cear.

As companheiras da Judite eram humildes, sem disfarce possível. Ficavam-lhes mal as suas toilettes de gala. Não estavam à vontade. Havia nelas a insuficiência de principiantes, a dureza mecânica de quem anda a iniciar-se. A Judite tratava-as em igualdade, mas sem querer eram suas protegidas. Havia, com efeito, da Judite sobre elas uma superioridade não só de ocasião como de qualidade

natural. A origem social da Judite era inferior à das suas companheiras, porém, a natureza tinha-se apurado com esmero e de maneira inconfundível na Judite. A presença da Judite era incontestável, a das outras era suportada. As suas companheiras eram, como a doente, moles de carne e dos ossos, enquanto que a Judite tinha o esqueleto em pé e as suas formas sustentavam-se a si próprias, roliças, a pele apertada, seca, enxuta, a pigmentação bem colorida de ocres sobrepostos aos sanguíneos, em ação, em funcionamento, em marcha.

Talvez por ser a sua origem social inferior à das companheiras, fosse essa a razão de ter uma presença mais verdadeira do que elas, ali à mesa. Efetivamente, nenhuma podia contar com a sua educação, e apenas com o que era exclusivo da natureza. Era esta a vitória da Judite.

Sem dúvida, a Judite era um achado raríssimo de cor e de forma. Desde o primeiro dia em que a vira até hoje, ia uma grande diferença. Eram mesmo duas Judites diferentes. A nova era mais justa do que a primeira. Tinha um pescoço horrível, sem ligação da nuca com as costas. Uma cova em triângulo entre as omoplatas e a falha do pescoço. E aqui a

cor era ordinária. Porém, a nuca perfeita de redondeza, nem saliente, nem retraída. O tronco era uma verdadeira maravilha. Era todo o segredo da sua formosura. Os seios hediondos, partidos, duas excrescências inutilizadas. O busto curto mas sólido. Os ombros grandes e largos, levemente subidos. Os braços apertavam, desde o ombro até ao pulso, por uma forma ridícula e sem distância. As ancas cerradas, entre menina e mulher. A linha dos ombros mais larga do que a das ancas, conforme a robustez do tronco. O ventre, bem posto, era contudo mais admirável do que formoso, mais escultural do que atraente. O umbigo, o sexo, as virilhas, era tudo infantil, inocente. As coxas é que rompiam, audaciosas. A cor das coxas era clara e a do ventre incomparavelmente menos clara. Via-se que era filha de uma pessoa muito branca e de outra bastante morena. Mas a mistura não estava bem feita: a sua pele ia desde o mármore rosa-pálido até ao tijolo sujo. As costas, genialmente bem divididas por um único vinco, firme, vertical, helénico, separando duas metades simétricas, amplas, até aos rins longos. Umas nádegas de rapaz. As pernas, se tinham algum atrativo, não pertenciam contudo à maravilha daquele tronco, esse acaso feliz da natureza.

As barrigas das pernas, grosseiras, saltimbancanescas. Os joelhos estropiados. Os pés horríveis, o pior de tudo, juntamente com as mãos. Estas davam a impressão de não fecharem, desajeitadas, incompletas, mal terminadas, falhas de paciência. Os dedos não se punham direitos. As unhas roídas até para lá do meio. Enfim, as extremidades péssimas. Dir-se-ia que a desordem da sua vida ia dar cabo daquela obra-prima da natureza e começara já a sua destruição pelas extremidades.

A cabeça também era incompleta, mas tinha qualquer beleza que se ligava com o tronco. A testa pequeníssima ao alto e ao largo. Bons cabelos lisos, mal começados na frente, com remoinhos. As orelhas pobres, minúsculas e engraçadas. Uma boca ingénua, sem a sua maldade, e um jeito pândego ao canto da direita. Autêntica boca de rua. Bons dentes, curtos, já separados, e as gengivas gastas. Os olhos míopes não davam o encanto que prometiam. O nariz pequeno e perfeito. O perfil, desde o fim da testa, com a boca fechada, até ao busto, era formidável de inteireza e de carácter meridional, peninsular, português. Bastante viril e

sem, por isso, ser masculino. Parecido com os dos pajens do século XV.

A diferença entre o perfil e a frente era esmagadora. Ela tinha escarrada num focinho animal a triste vida que levava. A fisionomia era canalha e grosseira, e o seu perfil, nobre e puro, não cabia ali.

Se a Judite fosse uma estátua, podia ser aproveitada como exemplo de beleza, depois de sofrer algumas mutilações. Estas seriam correspondentes aos estragos que a vida fizera sobre aquela natureza formosa e robusta. Por exemplo: destruir-lhe os seios. Não cortá-los: destruí-los completamente e deixar-lhes os vestígios de terem sido retirados. Cortar-lhe os braços como os da Vénus de Milo, isto é, conservando apenas a capa dos ombros e os sovacos. Aproveitar-lhe da cabeça, tanto quanto possível, apenas o perfil, e não deixar continuar as costas desde as omoplatas para cima. Fazer terminar a escultura uma mão travessa acima dos joelhos. Respeitar sobretudo aquele tronco genial, feito de uma só peça. O corpo todo valia menos do que só o tronco. E conservar intacto o maior valor da estátua, o qual era a qualidade da matéria natural,

infabricável, irrepetível, única na própria natureza que o criou, essa natureza que cria tudo independente de tudo!

Interiormente, também havia de sofrer grandes alterações, para ficar apenas o bom. Efetivamente, naquela misturada toda de qualidade e de falhas, naquela meia loucura da Judite cheia de relâmpagos humaníssimos, o Antunes aproveitava-a lá no mais fundo do coração dela, o sítio de um diamante luminoso, autêntico, Inalterável, pequeníssimo, uma recordação de valor apenas estimativo.

A Judite estava a passar-lhe. Ou então era ele que estava já a ajudar-se para lhe passar a Judite. Ele contentava-se que da Judite lhe ficasse apenas uma lembrança das boas, mas muito escondida. Houvesse o que houvesse, havia de lembrar-se sempre da sua Judite. Ela ser-lhe-ia na memória uma pedra-de-toque para as coisas do coração, uma coisa doce que se estragou, mas que foi doce, uma chamada forte para a realidade, um despertador para todos os segundos de perigo, um sinal de aviso, em caso de ir cair outra vez no da Judite, com ela ou com outra qualquer...

CAPÍTULO 39

DE COMO É DIFÍCIL VER PARA DIANTE SOBRETUDO SE SE TRATA DE OUTROS

Todas estas raparigas de clube têm uma que começou como elas e lhes serve de modelo, de farol, de exemplo de triunfo, de todas as probabilidades de não ficarem por ali, a sua imagem da vitória, e todas a seguem como à heroína de folhetim vivido, como processo garantido, receita infalível, guia recomendado e aprovado e provado. Mas, antes ainda do meio do caminho triunfal daquela que começou como elas, já todas estas lhe perderam a esteira, e não viam senão a espuma das ondas por onde ela tinha passado. A diferença que existe entre ela e as novas, as principiantes, é maior do que a distância que vai de uma senhora condessa à sua cozinheira. Ela passou à categoria de gente graúda. O que não quer dizer que, embora não as veja, nem

lhes fale, nem sequer as conheça, não seja precisamente ela o seu sol, o seu ídolo, a sua fonte santa.

Se começa por ser simples inveja, depressa passa para admiração a subida a pino da mulher da sorte, na capacidade noturna das raparigas de clube. Não se pode deixar de ligar importância a este lugar de mulher, porque a tem palpavelmente. Essas mulheres chegam a ser importantes no segredo dos Estados, a ser elas o último recurso dos grandes negócios políticos, financeiros, comerciais e até nacionais; são as sonâmbulas que andam sem vertigem pelas fantásticas ameias da torre da alta finança; delas depende às vezes, por um segundo, a sorte de um exército municiadíssimo; têm a facilidade de poder frequentar todos os lugares interditos aos grandes cargos oficiais; desempenham missões de que qualquer homem morreria cardíaco; são as indicadas para certos riscos da espionagem e cujas consequências elas não as suportariam com os olhos, se as soubessem; dispõem de avultadas fortunas que nenhum particular, por mais milionário que o fosse, poderia sustentar ou despender daquela maneira; vivem uma vida de estendal que faz calar todas as fortunas

na sua volta; vestem o que nenhum amante poderá manter] nenhum capital dos mais prósperos trusts resistiria, se ousasse prosseguir na opulência ocasional de uma dessas mulheres; o seu segredo é atingir o máximo sem atender à sua duração; de modo que lodo aquele fausto, aqueles rios de dinheiro que elas esbanjam com a mesma naturalidade com que uma dona de casa faz as suas economias, é de ordem danada!

Essas mulheres são em dado momento a chave de uma conspiração, o pombo-correio que leva a notícia que vai pôr a realidade exatamente ao contrário do que estava; são elas que vão realizar o de facto que irá tornar possível o impossível, e impossível o possível; o estratagema de um grande negócio, a perfídia que vence Iodas as perfídias, a casca de laranja de um Governo, a garantia de um regime, o reclame vivo da prosperidade de um banqueiro, o barómetro da fortuna do diretor de uma firma comercial, o grau de reputação metálica do grande industrial; elas tanto servem de espelho como de invisível. A sociedade sofre de vez em quando de umas crises em que só essas mulheres podem ser utilizadas, para a forçar à normalidade. Essas

mulheres têm o dom do natural fora do natural. Impossível competir com o poder das suas mãos. Rápidas e luminosas como as estrelas cadentes. Apenas nos damos conta de já lerem acabado de passar. E tanto aqueles que foram bem servidos pelo seu génio, como aqueles que foram por ele destronados, ambos têm um só desejo ao seu respeito: que não volte!, que não volte a aparecer! Neste único desejo de ambos, há apenas uma distinção a fazer: os bem servidos por elas farão o impossível para que não se saiba aquele segredo da sua vitória; os destronados, pelo contrário, necessitam a todo o preço, e para a sua própria confirmação, que fique bem patente pelos ecos do mundo o castigo daquela traição. Mas é precisamente este o momento de serem imprescindíveis essas mulheres: quando os inimigos se igualam, e igualadas as forças dos adversários, já não há outras esperanças senão as que ficam fora do terreno da lealdade. Às vezes, essas mulheres... foram homens os que, por vezes, fizeram o papel dessas mulheres!

Através da História, houve sempre dessas mulheres prestáveis para as grandes intrigas, melhor, para serem o

inesperado que faz ficar por cima o que estava por baixo, e vice-versa. Quando os factos não há meio de se decidirem, o dedo mínimo de uma dessas mulheres pode encontrar o grão de areia que seja a mais nesse empate e o desempate. Essas mulheres tomam por vezes as proporções gigantescas de constelações luminosas, mas não ficam afinal no planisfério definitivo, das grandes figuras. Há ascensões triunfais até nos píncaros mais altos do mundo, mas lá de cima, em vez da palma dos heróis, vê-se lá em baixo a guilhotina a postos. Essas mulheres são necessárias só para determinado momento, no singular, pois que, uma vez passado esse momento em que elas serviram, é urgente que desapareçam, são outras que hão de servir para outros momentos parecidos. Essas mulheres, com os seus nomes de guerra, podem bater o record da altura, mas não caem nunca em cima dos pedestais das estátuas.

O Antunes tinha começado a supor o que seria o futuro da Judite. Gostava, para seu governo, de liquidar aquele caso da Judite pela parte que lhe dizia respeito. Começava por separar-se dela mentalmente. Era fácil. Faltava-lhe apenas a separação de facto. Esta viria talvez mais cedo do

que ele pensava, mas oxalá que fosse tudo a bem. O seu único remorso era o seu orgulho de masculino: gostava que ela ficasse melhor do que antes de o conhecer. Por isso o Antunes, ao imaginar o futuro da Judite, torcia em favor dela. Foi-lhe dando corda para ela subir. Quando ela já estava lá muito no alto, o Antunes confundiu o futuro da Judite com vários casos célebres de mulheres que tinham começado pouco mais ou menos como ela. Foi então que recuou a sua imaginação, para a não ver fuzilada, guilhotinada, condenada à morte, à cadeia perpétua. Mas em verdade a sua imaginação tinha ido muito além das posses da pobre Judite. Ela é incapaz de habilidades, de jeitos e de outras coisas necessárias para subir por aí acima. Ela bem sabia que não nasceu para isso. Aquilo havia de ser sempre assim até ao fim. O caso da Judite estava pegado a ela com unhas e dentes. Ela não era mais do que um penduricalho do seu próprio caso. Às vezes punha todas as suas forças em sair do que já todos julgavam ao seu respeito, e ainda se enterrava mais. O melhor que ela ainda podia fazer era aquilo de fingir que tinha nascido assim. O pior era que a sua vida já não andava nem para diante nem para trás. Estava sempre tudo

muito bem, mas a opinião de todos ao seu respeito é que a não deixava pôr pé em ramo verde. Por mais que fizesse, ela era sempre a Judite, e a Judite era só como eles queriam. Por isso, todas as suas invejas iam para uma espanhola que tinha vindo para aí que metia dó, e agora parecia uma ourivesaria a andar, e sempre a subir, sempre a subir por aí acima!

A inveja da Judite pela espanhola não era tal por ela ter chegado a rica, era por não estar na terra onde nasceu; portanto, tanto se lhe dava como se lhe deu. Segundo as teorias da Judite, uma estrangeira faz mais confusão aos homens. Enquanto eles não virem a terra delas, julgam sempre que elas têm muito que ver. Na terra dela não subia assim a espanhola com tantas facilidades. Tanto que para aqui é que ela veio. Não!, que lá tinha os conhecidos a cada passo. Enquanto que aqui são todos estrangeiros para ela e pode pensar só em subir.

CAPÍTULO 40

UMA MESA PEQUENA PARA UM GRANDE ASSUNTO

A Judite estava espantada com a maneira fácil do Antunes ali à mesa, como falava às companheiras, dando-lhes facilidades para falarem também, dizendo coisas acertadas sobre cada uma, e simpático, unanimemente simpático. Fazia-lhe macaquinhos no sótão os avanços do Antunes, há menos de quinze dias para cá! Ela não sabia fazer aquelas coisas tão bem feitas como ele. E que o Antunes tinha com quê, ao passo que ela, coitada...

— Nenhuma de nós tem jeito para esta vida — dizia a Celeste, com o seu ar de senhora ordinária, mas senhora. — A gente bem não quer dedicar-se, mas aparecem uns olhos especiais, e vai-se logo tudo por água abaixo.

— Eu, digo francamente — dizia a Fernanda Morena —, prefiro mil vezes um de quem goste e não tenha nada do que quem me dê muito e eu não goste dele.

— A gente aprende mais passando mal com quem a gente gosta do que com as mãos cheias de dinheiro de todo o gato-sapato. Não é verdade, ó Judite?

— Sim, mas o dinheiro é muito necessário — respondeu a Judite.

— Bem se sabe. Mas o que eu quero dizer cá na minha é que o dinheiro só é necessário quando há precisão — insistiu a Maria Anã, com os olhitos negros muito espetados de baixo para cima e com o que não sabia dizer mesmo na ponta da língua.

Todos se riram.

— ’Tá claro — aproveitou a Judite. — ’Tá claro que o dinheiro, se não for necessário, não é preciso para nada!

Todos se riram outra vez.

— Vocês sabem muito bem o que eu quero dizer — acabou a Maria Anã, envergonhada com a sua falta de inteligência.

Tinha efetivamente uma altura reduzidíssima. Não era pequena; era atarracada. Parecia esmagada por uma

grande trave invisível que lhe assentava nos lombos e lhe obrigava a cabeça a pender para a frente. Também as suas pernas eram em arco, por causa do peso descomunal da tal trave invisível. Toda a gente andava por cima do chão menos a Maria Anã, que andava entalada entre a terra e a tal trave invisível.

— Eu sei o que ela quer dizer — informou a Celeste Burguesa.

— Ora a grande coisa! Isso também eu! — defendeu-se a Judite.

— Não é preciso ser muito instruída, parece-me a mim, para se ver ao que ela quer chegar — disse a Fernanda para não ficar de fora.

— O que ela quer dizer... — começou a doente, tomando o fôlego em cada palavra é que... o dinheiro... falta... e o amor... faz mais falta... O dinheiro... falta... e a gente... esquece... a falta... o amor... falta... e a gente... não esquece... a falta!

— Ó filha — atirou a Judite —, amor e uma cabana, já lá vai há muito tempo!

— Quando se gosta de alguém, gostar, gostar a valer, a gente não sabe mais nada neste mundo senão que gosta dessa pessoa — disse o Antunes, mesmo, mesmo para os olhos da Judite. — Vão os dois para Ioda a parte, com ou sem dinheiro, andam juntos. Gostar é gostar.

O filho — respondeu-lhe a Judite com carradas de razão — para misérias, basto eu! E tu falas assim porque és rico!

— E tu dizes isso porque não gostas de ninguém! — respondeu-lhe o Antunes, abrindo-lhe os olhos.

— Um homem assim é que eu sempre quis cá para mim! — falou toda voltada para o Antunes a Maria Anã, encarnada de sinceridade e admiração, talvez por ser de todas aquelas mulheres, incluindo a doente, a única que não tinha nenhum encanto.

Com esta breve discussão com a Judite, o Antunes sentiu que dentro de si tinha dado um passo em frente. Para onde? Para fora da Judite. A Judite não gosta de ninguém. Gosta é de poder fazer bem aos outros. Estas coisas às vezes confundem-se.

A Judite está presa à terra pelo seu coração, está atarrachada à vida pelo seu coração, mas o seu coração é sentimental, apenas sentimental, desconhece o amor. Incapaz de amar. A sua sinceridade, a verdade fortíssima do seu temperamento indomável de mulher selvagem simpática, agarrada à terra, fazendo parte da terra, tornam-na humaníssima, mas sem pisca de amor. A Judite não adianta absolutamente nada à Mimi Pinson.

A Judite é um pedaço de verdade, autêntica, sem forma nem fuga. Verdade tão pura que não admite arranjo nem escape. Ao mesmo tempo, ela é a ignorância em pessoa. Verdade absoluta sem sonho. Sem imaginação. Os seus dezanove anos cheios de cicatrizes são a estátua mutilada da Verdade. Os gesto da estátua são falsos, é tudo mentira, apenas a matéria da estátua mutilada é verdade!

CAPÍTULO 41

AQUI SE DIZ O QUE QUER DIZER APROVEITADOR DE MISÉRIAS

A ceia cumpria-se à risca, com o dispendioso programa traçado pelo Antunes. A sua mesa estava brilhante de despesa e os criados davam mostras de que até fazia gosto servir a um freguês daqueles. Com efeito, o aspeto económico dos habitués do clube é dos mais ridículos e enfadonhos que possa imaginar-se. Que uma pessoa ali entre para desforrar tristezas, está certo; que se procure o clube para desperdiçar uma boa mancheia de dinheiro fresco, ainda está mais certo; agora, que um homem regularize as suas pobres economias para passar todas as noites umas horas no clube, já parece aberração de gente mórbida, perversidade ou insuficiência de quem não pode aproveitar da vida mais do que as misérias dos fracos.

Excetuando alguém que reunia à sua mesa os amigos e as favoritas de ocasião, para que o ajudassem a fazer arder um bocado de dinheiro bom, cuja chama pusesse efeitos luminosos na verdadeira razão da prodigalidade daquela noite; excetuando alguns estrangeiros, que são os que melhor sabem que economias são virtudes em casa e vícios em público, sobretudo de noite e em casas de prazer; fora estes, o resto eram caras conhecidas de todas as noites, sempre as mesmas, como aliás verificava com razão o Antunes, que pela terceira vez na sua vida entrava no clube: eram sempre os mesmos aproveitadores de misérias!

Não é necessário ser grande observador para reparar na cara de roubados que fazem os criados de certas mesas, onde eles já sabem de cor, para sempre, a eterna despesa e a gorjeta diária de restaurante burguês, ao passo que os criados que serviam o Antunes interessavam-se vivamente pelo grande freguês e preferiam ser devidamente apreciados no seu serviço, sem lhes passar sequer pela ideia errar as contas em favor deles. É mais lógico puxar mais gorjeta de um sovina do que defender a percentagem contra um verdadeiro generoso. Quem não conhecesse

ninguém naquela sala podia facilmente avaliar cada um se, em vez de olhar diretamente para os fregueses, consultasse de preferência as maneiras dos criados a cada mesa. Nas caras dos criados reflete-se como num espelho tudo o que o freguês julga encobrir, e o criado ignora que o diz ao observador.

Deitando a vista pela sala, todas aquelas mesas estavam apagadas pela do Antunes; os outros criados tinham a sina da noite infeliz, e os frequentadores estavam mergulhados na mais ignóbil das melancolias: a tristeza daqueles que vieram para divertir-se, e afinal não era o dia. Aqueles intervalos em que se veem as paredes das casas de prazer!

CAPÍTULO 42

UMA DESCRIÇÃO DE DETERMINADAS PESSOAS QUE MAIS PARECE UMA LISTA DE PEÇAS DE REFUGOS

De vez em quando abria-se mais uma garrafa de champanhe na mesa do Antunes, e o estrondo parecia um desafio à sala inteira. Quanto mais crescia a animação nesta mesa mais o resto parecia tumular e esmagado. Mas não era tal um desafio, era o verdadeiro prazer próprio destas casas: passar o tempo que está a mais na vida, distrair com ilusão autêntica o que não é feliz ou tarda.

... Lugares próprios para a distração, para pôr de lado raciocínios, onde há músicas, que não pensam e falam de tudo, depressa, num segundo, o bastante para recordar ao de leve e até ao fundo as doces e as tristes lembranças, e passar logo para não pensar, e ter os olhos cheios de luzes, e os ouvidos cheios de sons, e entretidos todos os sentidos, e a alegria estupenda, artificial, autêntica, suspensa, no ar,

uma coisa leve, sem peso, sem significado, sem feitio, imaterial, mas a encher admiravelmente aquele momento!

Os atentos são os únicos que não ignoram quanto a distração dos sentidos lhes limpa a própria atenção. Quanto mais perdidos nos parecem os sentidos, mais livres regressam à nossa visualidade, ao entendimento justo das coisas. Esta é a significação dos espetáculos, das diversões, das viagens, de toda a distração. Porém, nas casas abertas toda a noite, as personagens estão ali ferozmente presentes na nossa frente, para não podermos duvidar. Depois da meia-noite, o juízo foi-se deitar, e tudo serve de álcool para desequilibrar os sentidos habituados a ver tudo em pé! E isto às vezes é o bastante para se reparar que afinal o que estava de pé era a ilusão, e a realidade de rastos.

— Champanhe! Mais champanhe! — mandava o Antunes aos criados.

É a sensação mais horrorosa que possa imaginar-se aparecer de repente a verdade a uma pessoa que faz por iludir-se. O Antunes desejava que a festa tivesse ainda mais brilho, mais artifício, mais música, mais barulho, mais fantasia, mais vertigem. Ele queria a verdadeira mentira,

essa que vale tanto de noite como a verdade de dia. Mas por mais que fizesse não conseguia deixar de ver diante de si, em todos os homens e em todas as mulheres, caricaturas grotescas, estrangeiras, tortas, incompreensíveis, inúteis, vivas, em carne e osso, como gente, hediondas, malditas, metamorfoses que não prosseguem, que ficam informes, aos pedaços, mal feitas, mal fabricadas, erradas, empecilhos, envenenadores da memória, mascarados, ouro de cenografia vista ao pé, papelão a fingir carne, barato e sem ilusão. Eles tinham esgotada a imaginação: incapazes de ironia e de otimismo, esmagados pela realidade, esborrachados pela vida, impossibilitados, estampados, inválidos, parados. A imaginação reduzida à fantasia, o artifício limitado à mecânica. Nem verdade nem mentira, nada! Nem desequilíbrio nem erro, nada! Bonecos, fantoches, sem saída, corpos sem alma, almas que morreram primeiro do que os corpos! Gente que ia de passagem e ali ficou para sempre. Copiam, repetem, imitam, representam, mas de repente a sina escurece outra vez. Ficam os foles em vez da respiração.

CAPÍTULO 43

UMA DESPEDIDA EM QUE SÓ UM SABE QUE SE DESPEDE

O Antunes atiçava a festa e queria que as labaredas da fantasia subissem tão alto que o mundo inteiro fizesse ah! Os músicos também já bebiam champanhe e tocavam encomendados pelo Antunes, ali ao pé da mesa. Todos quantos as raparigas traziam eram todos seus convidados. A sua distração ocupava muita gente, muita luz, muita música, muita dança, muitas comidas, muitas bebidas, muito de tudo, sempre a rir, mas de repente aparecia-lhe a memória.

Aqueles que pretendem ver a verdade, e não tiram os olhos de cima dela, acabam por esquecer-se que a querem ver, e ficam só a olhar para ela; mas os que fazem por esquecê-la, quanto mais se esforçam por distrair-se, mais a verdade os agarra pelos pulsos e lhes fala cara a cara.

O Antunes queria dar àquela ceia o sentido de uma despedida, um grande adeus para sempre, o final de uma viagem ao estrangeiro. Por isso mesmo, deu quinhentos mil réis para os músicos. Quando estes agradeciam, o Antunes explicou:

— Da parte da Judite!

E os músicos agradeciam à Judite.

Depois deu mais quinhentos mil réis para as quatro companheiras da Judite. Quando elas agradeciam, o Antunes explicou:

— Da parte da nossa Judite!

E elas agradeciam à Judite.

Mais um conto de réis, para os dois criados pagarem setecentos e tal da conta e guardarem o resto. Quando os criados agradeciam, o Antunes explicou:

— Da parte da menina Judite!

E os criados agradeciam à menina Judite.

Ao descerem a escada, subia o D. Jorge. A Judite passou no meio das companheiras e não o quis ver. Atrás, os dois

homens ficaram em frente um do outro. O melhor que tinham a fazer era apertarem as mãos ao mesmo tempo. Neste instante, a Judite voltou-se e, abandonando as companheiras, veio desfazer o cumprimento com um repente dos seus.

E subindo, furiosa, nas pontas dos pés, disse para o D. Jorge:

— Cínico!

O Antunes ia para interceder, mas também lhe pareceu aquilo mais uma novidade. A Judite entendia-se com o D. Jorge.

— Então tu mandas-me os parabéns por eu andar com O Escarrado... (ao dizer “O Escarrado”, apontou o Antunes), e agora apertas a mão ao Escarrado, na minha frente?! Cínico!

— Judite — disse o Antunes —, com certeza que o Dom Jorge não gosta que eu saiba a opinião que ele tem ao meu respeito.

Julga que tenho medo de lha dizer na sua cara? — adiantou-se o D. Jorge, com o dobro do corpo do Antunes.

Nesse caso, eu diria também ao Dom Jorge a minha opinião a sou respeito.

— Mas diga! — desafiava o D. Jorge, o qual estava separado do Antunes pelos braços abertos da Judite.

Se eu sou O Escarrado, foi por parecer um escarrador; contudo, há escarradores onde ninguém escarra, por parecerem bons demais para o que servem — respondeu o Antunes, com um ar de não dizer estas mesmas palavras.

Bom, basta! Já andas a entrar muito na minha vida! — gritou ao D. Jorge a Judite, muito conhecedora daqueles momentos e fazendo habilidosamente descer o Antunes e ficar o D. Jorge.

Por muito desembaraçado que este fosse nestas ocasiões, contudo, as palavras do Antunes não lhe foram habituais, não eram as mesmas que usam os brigões. Por conseguinte, não as compreendeu logo, e contundiram-no o bastante para a Judite tomar a iniciativa de resolver daquela maneira a questão.

A porta estava o automóvel, para irem deixar a doente a casa e seguirem depois as quatro mulheres e o Antunes por

aí fora, a apanhar ar, como estava combinado.

CAPÍTULO 44

A MULHER COM QUEM O PROTAGONISTA VAI JÁ NÃO E A MESMA QUE VAI COM ELE

Como se fizessem parte do motor, as três companheiras da Judite iam sempre a falar e acompanhavam com as suas vozes a velocidade do carro. Quando a velocidade lhes dava a ilusão de irem de avião, era tão aguda a gritaria como a das buzinas navais a quererem vencer a distância.

O Antunes e a Judite, recostados, entrelaçados um no outro, as caras juntas, ambos a pensar em qualquer coisa que devia ter relação com o sentir a face do outro encostada à sua.

O ar puro da manhã e o vento que a velocidade do carro soprava sobre os passageiros faziam com que tudo o que tinha acontecido se espalhasse e ficasse pelo caminho. Não havia mais nada do que o que estava presente durante o trajeto.

Nunca o Antunes soubera tamanha a diferença entre o dia e a noite do que naquela manhã. A Judite ficava completamente desfigurada à luz do dia, desbotavam-se-lhe as cores, vexavam-se-lhe as formas, ficava apoucada ao sol, com uma palidez de desenterrada, de subterrânea, habitante da sombra e das trevas, com os olhos engelhados por não suportarem a claridade. Mas o contraste mais evidente estava na cara dos que naquela linda manhã viram passar este automóvel.

Embora o Antunes fosse abraçado à Judite e com a cara encostada à sua, ia a pensar em Maria. E aquela pele feminina encostada à sua tornava, como nunca, vivas as recordações da ausente. Se naquele momento houvesse um espelho em frente, o Antunes ficaria surpreendido por estar encostado à Judite. Por muito evidente que fosse a realidade, a imaginação do Antunes estava cada vez mais na sua terra, ao pé de casa e da Maria. Tudo o fazia lembrar-se dela: a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes! E outras coisas que não estavam presentes também lhe

faziam saudades dela: os livros, as tardes, as noites de luar, os dias de festa... A Judite desencostou a cara, para mudar um pouco a posição.

— Estás cansada de estar assim?

— Não.

Encostou-se outra vez a Judite e ficou como estava.

Pouco depois o automóvel parava e várias vozes disseram mesmo tempo:

— Boca do Inferno!

CAPÍTULO 45

OS PALERMAS QUE NÃO PERCEBEM NADA DA VIDA SÃO PIORES QUE OS MALANDROS

Só o Antunes e a Judite é que desceram até ao fim das rochas, mesmo onde rebentavam as ondas com força. As três companheiras não foram capazes de passar da ponte e não paravam de chamar pela Judite e pelo senhor Antunes.

Sentaram-se os dois ao pé um do outro, longe do mundo. A Judite era outra vez a da intimidade do quarto alugado. Agora já não era preciso representar para ninguém. Desde que entraram no clube até este momento, ela fez sempre o possível para dar a entender a todos que não tinha nenhuma ligação especial nem intimidades com ele. Teve sempre o cuidado de o tratar aos olhos dos outros a uma certa distância e, ao mesmo tempo, que ele não desse por nada. Mas não o conseguiu. O Antunes tinha agora a

confirmação no primeiro momento em que estavam de novo sós.

— Tu tás zangadinho ca tua Judita? Tás, tás, sim, sim. O mim vê tudo co o meu olinho marôtu. E este dedinho piquinino diz tudo ao ovidinho do mim. Ele disse ao mim que o Luís tá muito aborrecidino co a Juditezinha, qué muito màzona, muito, muito, muito!

O Antunes, sem deixar de olhar o horizonte, deu-lhe a mão, para que ela também lha agarrasse. Mas a Judite queria ver nos seus olhos o que ele estaria a pensar. E agarrava-lhe ao mesmo tempo a mão para ajudar-se também a adivinhá-lo.

— Se tu visses a cara que fizeste quando eu disse que o dinheiro era muito preciso!... Já não sei o que era. Lembraste? Tu deitaste-me uns olhos! Tu também és mau!... Eu às vezes digo umas coisas, mas não é o que vai cá por dentro. Eu até tenho raiva ao dinheiro! O que eu quero é o meu Luís e não quero mais nada deste mundo! Estou tão arrependida de ter dito para irmos cear. Quanto mais não vale o nosso quartinho, não é verdade, Luís? A gente agora vai fazer muitas economias e ter muito juizinho, para não

faltar nada à gente, sim? A culpa foi minha: podíamos estar tão bem na nossa casinha a estas horas, muito agarradinhos um ao outro, muito felizes... A culpa foi mas foi da dona da casa, que me veio dizer que eu não fosse parva, que ela também não era, e que via perfeitamente que tu já não gostavas de mim e que eu tirasse a ideia de ti. Ela tanta coisa me disse, tanto me ralou, tanto me matou o bicho do ouvido que tu já não eras o mesmo, que bastava ver a tua cara, que já tinhas dado o que tinhas a dar, que já não estavas como ao princípio, que tu já não olhaste para trás quando saíste ontem, que tu isto, que tu aquilo, e cu vi-me obrigada a ir buscar dinheiro... Quando eu fui lá para casa, ela era uma inocente e não sabia pegar nem numa palha, agora já sabe ver que tu estás cansado de mim e que é melhor eu ir tratando de arranjar outro. É verdade, Luís? Tu estás cansado da tua Judite?

O Antunes esperava escapar de responder. Via afinal a Judite nas mãos da estrangeira, que se governava com o efeito que ela produzia nos homens. Era mais uma explicação de tanto dinheiro mal gasto. A Velha sabia ler nos homens como em livro aberto e não ignorava que as

generosidades duram só o que dura uma rapariga avulsa. Ela viu primeiro que o Antunes que ele se afastava da Judite, e queria garantir-se por outro lado. O seu olho de lince descobriu primeiro do que o Antunes quando acabava a sua ligação com a Judite. Com efeito, o Antunes não sabia como aquilo havia de ser: deixar a Judite. Aquela conversa da Judite como se fosse em vésperas de juntarem as suas vidas para sempre doía-lhe sentimentalmente.

Ele não sabia dizer-lhe a verdade cara a cara. Mas a bem tudo se arranjaria.

— Agora que estamos sós, Judite, eu queria dizer-te uma coisa.

Levou a mão à algibeira de trás das calças. E dando-lhe o maço de notas dobradas em quatro:

— Estão aqui oito contos que eu quero dar-te.

A Judite virou mais o corpo para ficar bem de frente para o Antunes. Sem olhar para o maço das notas, fixou os olhos de perto nos de Antunes e disse-lhe, como se estivesse escrito nos livros:

— Luís, tu não gostas de mim!

Uma onda maior despedaçou-se contra os rochedos, fez estremecer tudo, roncou medonha pelas concavidades e saltou até onde eles estavam. O Antunes esboçou o movimento de fugir da onda e nem se lembrou de ajudar primeiro a Judite. Ela, porém, não só movia, não dava por nada, não retirava os olhos dos do Antunes.

— Vamos embora, aqui não estamos seguros — disse o Antunes.

Uma segunda onda maior do que a primeira foi contra as rochas, que parecia o fim do mundo. Atirou a água por cima deles. Mas o Antunes continuava involuntariamente sentado, pois não devia mostrar mais medo do que a mulher que o acompanhava.

— Fiteiro!... — dizia a Judite, sem saber mais nada deste mundo. — Cínico!... Vocês são todos a mesma canalha nojenta!... Podes gabar-te que foste o último! Conseguiste enrolar-me: desta vez eu já estava!... — e ficou a fazer com a cabeça que sim, muitas vezes, e a demorar o mesmo pensamento nos olhos parados.

O Antunes tinha o maço das notas escondido na mão. A Judite levantou-se:

— Como tu, juro-te, é que eu ainda não tinha visto nenhum!...

E começou a andar para sair dali.

O Antunes seguia-a de perto. As ondas rebentavam furiosas umas atrás das outras. Já se via onde estava o automóvel. O Antunes avançou para o lado dela e deu-lhe o braço. Ele ia com medo de que ela percebesse o que ele sentia naquele momento: um desejo súbito de ler a última carta da sua mãe que lhe falava da Maria.

Quando chegaram à distância do automóvel em que podiam ainda dizer a última coisa sem serem ouvidos, a Judite parou e voltou-se para o Antunes:

— Vocês, os palermas, que não percebem nada da vida, são piores que os malandros!

As três companheiras da Judite estavam a dormir no automóvel, encostadas umas às outras. O Antunes guardava as oito notas de conto fechadas na mão para que

a Judite não visse. E o automóvel voltou pelo mesmo caminho.

CAPÍTULO 46

A MENTIRA DESCOBERTA PARECE A VERDADE MAS AINDA E SÓ A MENTIRA

Durante o caminho não deram palavra, nem ao subir a escada, nem no quarto, nem quando a Judite se despiu e se meteu na cama, na metade que lhe pertencia.

— Não te deitas? — disse ela, sem poder abrir os olhos. — Não tenhas medo, isto agora já não faz mal. Faz de conta que está cada um sozinho.

O Antunes começou a tirar o casaco muito devagar, como era o próprio tempo naquele momento difícil de passar. A roupa que ela despira estava para cada lado no chão, no tapete, no oleado, como* para deitar fora: meias, vestido, camisa, cuecas, chapéu, ligas, sapatos, luvas, tudo no chão, tudo para deitar fora.

Aquele quarto era para o Antunes mais estranho agora que da primeira vez que lá entrou. Tinha perdido toda a expressão habitada e ficara reduzido a uma divisão na arquitetura. Os móveis desmascararam-se e deixavam ver o aluguer, o provisório, o falso, listava desvendado o mistério. Estava desfeito o encanto. Até as próprias cenas campestres do papel pintado das paredes estavam mal impressas, com as cores desajustadas dos contornos das árvores, das ovelhas, dos pastores, da relva e da água. De modo que para o Antunes tudo estava bem neste mundo menos aquele quarto.

A enfeitar o toilette, havia um retrato de criança e outros da família. A Judite disse que aquela criança era o seu querido filho. Às vezes levava consigo a fotografia. Chegou a cortá-la nas extremidades para caber na mala. Afinal era mentira: a Judite não tinha filho nenhum. Foi ela própria quem o deu a entender numa conversa em que lhe escapou a verdade sem querer. Depois achou por bem confessar ao Antunes, como prova de confiança, que aquilo do filho era só por causa dos “trouxas”. Aquele sujeito e aquela senhora também não eram sogros da irmã, que estava muito bem

casada no Brasil. Também era mentira. Aquelas fotografias eram uns restos íntimos de uma atriz que deixou um caixote com coisas e nunca mais veio por ele. As três irmãs da Judite, e cujo paradeiro honesto ela descrevia com todo o respeito e todos os pormenores da sua santa felicidade doméstica, eram três mentiras. A Judite esquecia-se de que já tinha contado a história uma vez, e nas seguintes dizia tudo trocado e até passado noutros lugares. A descrição da morte da sua querida mãezinha ia já na oitava versão, e em todas o pai mudava de profissão e de maneiras, e a mãezinha querida morria de doenças diferentes, conforme calhava e parecia sinceramente à Judite ser de momento mais comovedor e mais sincero. Contudo, ela punha uma certa constância nas suas histórias falsas, de tal maneira que acabou por se convencer de que alguma vez ela soube quem tinha sido o seu pai. Não era divorciada, nunca teve marido, e o primeiro homem que a conheceu era casado.

“Pulha!”, sonhava em voz alta a Judite. Com os braços estendidos queria agarrar o que não estava no ar.

E debatia-se com as roupas contra ninguém.

“Hás de mas pagar!... Eu tiro-te os olhos!”, e ficava vencida depois da grande batalha.

O Antunes comoveu-se. Veio para o pé dela. Estava alagada em suor. Respirava pela boca. Era mais rápida a respiração do que o próprio bater do coração em febre. Esgotadas as forças, a guerra sem tréguas tinha ficado para depois.

Ele vigiava-lhe o sono como enfermeiro. Havia nela precocidades de velhice, rugas, cansaços, estragos, fadigas, cicatrizes, nódoas, e outras coisas eram puras, intactas, pueris, cruas. Era a vida de um fruto arrancado verde da árvore e amadurecido depois à força. Ou melhor, que passou imediatamente de verde para sorvado sem ter amadurecido na árvore naturalmente. A Judite não iria muito longe, o que podia era durar muito tempo.

Aquela vida era como um desenho apenas começado e com um grande R a lápis vermelho de cima até abaixo: “Reprovado.” Mas, se a vissem na vida, ela parecia a mais esperta, a melhor acordada, a mais sagaz, a mais importante de cada momento. Dir-se-ia que seguia de vento em popa com rumo certo. Porém, não fazia ligação entre

dois momentos. Todos os seus momentos seriam brilhantes, mas não ligavam entre si. Todos eram os primeiros, não havia mais nenhuns momentos depois dos primeiros. Todas as suas ideias lhe vinham pela primeira vez e voltavam-lhe sempre pela primeira vez. Faltava-lhe a árvore! Aquela vida não era uma linha cheia, era uma linha pontuada. Também não: era uma imensidade de pontos feitos ao calhar por uma louca com o lápis perpendicular ao papel. Não ficava desenho nenhum. Podiam distinguir-se os pontos uns aos outros, mas a vida da pobre Judite não tinha por onde se lhe pegasse.

Uma única coisa era agora verdade na vida da Judite: estava calhada com o Antunes. Ele tinha entrado no seu coração. Depois do primeiro, mais nenhum outro homem conseguira dela aqueles pensamentos onde não há senão uma vontade, uma só casa e um único futuro. Embora a sua vida continuasse a desmenti-la, contudo, estes pensamentos frutificavam dentro dela. O Antunes acordara-lhe uma pureza que tinha sido violada um dia, mas ficara intacta para sempre. E agora, quando ela começava já a transfigurar-se, a regressar por assim dizer à sua

virgindade, a reaver a sua inocência, a vida deu-lhe contraordem e ela teve de desfazer as bagagens com os seus novos projetos: tinha sido um engano!

O Antunes arranjou-lhe as roupas, porque ela estava com mau dormir. E agora, que tudo parecia sossegar, o Antunes sentiu que lhe faltava qualquer coisa: faltava-lhe ler a última carta da sua mãe que falava da Maria. Aquela carta que ele não tinha querido ler.

O Antunes estava com uma espertina horrível: não tinha sono, não queria deitar-se ao lado da Judite, os seus sentidos estavam atentíssimos e não tinha em que ocupá-los, e sobretudo não podia adivinhar o que a carta da sua mãe dizia da Maria.

Nestas circunstâncias, o Antunes não era senhor dos seus gestos e estava a abrir, por abrir, uma das gavetas pequenas do toilette em cima do mármore. Dentro havia um livro em francês sem as primeiras folhas, um bilhete antigo de lotaria e uma moeda falsa. A Judite mal sabia ler português, de modo que o livro devia ser algum esquecimento de quem pensa ir conquistar Paris.

Na página que estava à vista o Antunes leu: “*La femme procède comme la puce, par sauts et par bonds, sans suite! Elle échappe par la hauter ou la profondeur de ses premières idées, et comme on ne peut plus rien y comprendre, il n’y a que deux solutions*: ou *l’écraser, ou se laisser dévorer par elle!”*

Estas palavras fizeram sobre o Antunes o efeito de um relâmpago que entra pelas casas até aos quartos mais escuros. Imediatamente procurou nas cartas a que lhe faltava ler e com a luz daquele relâmpago viu que a carta dizia assim:

“Não sei que adivinho, meu querido Luís. O médico hoje foi por três vezes a casa da Maria. Escuso dizer-te que é ela a doente. Foi hoje o primeiro dia que ela ainda não mandou perguntar por ti. Já sabes a razão. E tu, Luís, quando pensas em voltar? Ao menos escreve. Vou mandar saber pelo doutor como ela está e mando dizer-te.”

O Antunes vestiu num instante o casaco, procurou o chapéu e não sabia sair. Aquele momento era igual ao de um preso que já sabe que vai sair em liberdade, mas tem de esperar que se abra a porta. Até que veio a solução: tirou

do bolso as oito notas de conto e pô-las na mesa-de-cabeceira ao lado da Judite. Mal tinha terminado o gesto quando ela de um salto acordou estremunhada.

— Hã?! Quem está aí? O que foi? O que se passa?

Quando ela viu o quarto e o Antunes, deitou-se outra vez, como uma estátua de chumbo. O Antunes, vendo que ela ficava, começou a andar para a porta.

— Então não te deitas? — disse a Judite com mau modo.

O Antunes voltou-se de repente. Ela não podia abrir os olhos. O Antunes pensou em muitas coisas ao mesmo tempo para responder e disse uma:

— Eu volto já.

— Leva as chaves — disse a Judite, perdida de sono.

Efetivamente o Antunes obedeceu às palavras, procurou as chaves e saiu.

CAPÍTULO 47

UMA MORTE MATA OUTRO QUE SÓ MORRE PARA OUTRA PESSOA

O Antunes chegou ao hotel através de um sol abrasador. O porteiro entregou-lhe a correspondência: uma ordem com o dinheiro, um telegrama e uma carta. Abriu tudo ali mesmo. Tinham-lhe mandado o dobro do dinheiro! Em poucas palavras tudo dizia a mesma coisa: morreu a Maria!

Não lhe disse nada aquela notícia: morreu a Maria. A única surpresa que ele recebeu foi consigo próprio, por não lhe ter dito nada aquela notícia. Achava que devia sofrer com a triste notícia e tão inesperada. Contudo, não sentia nada, não recebera nenhuma impressão. Era apenas isto o que o intrigava: não ter nada para corresponder àquela morte!

Tudo isto ele observou e repreendeu-se: achava que devia ser humano para com uma vida que acabava para sempre e

a qual vivera por ele, senão apenas pela sua causa, e talvez que por isso mesmo morresse. Mas tudo quanto o Antunes fizesse em favor dos seus sentimentos devidos à morte da Maria era, sem sombra de dúvida, forçar a verdade. Quando o Antunes leu “morreu a Maria”, ele viu mais outras palavras que lá não estavam. Ele leu na sua vida mais do que diziam as cartas e o telegrama. Na sua vida estava escrito assim: “morreu a Maria, acabou-se a Judite”.

Com efeito, um peso imenso tinha-lhe saído de cima dos ombros. O ar entrava-lhe para os pulmões como uma novidade. Os aspetos das ruas eram serenos, sem repelões, e a multidão seguia discretamente, numerada: não havia pessoas, havia números, cada um para a sua vida. A noção das coisas era única, antiga e eterna. O Antunes experimentava a sensação do alívio, o terminar de um estado importuno, o fim de uma crise confusa, o nó cego que se desata.

Durante o caminho nem sequer soube aproveitar a sombra por causa do sol que torrava. Meteu a chave à porta e entrou naquele quarto de noite com a eletricidade acesa. A Judite estava no peso do sono, cloroformizada de

cansaço, esborrachada nos lençóis. Ele meteu as suas coisas na mala, dividiu o seu último dinheiro ao meio, ficavam duas notas de conto que juntou às oito em cima da mesa-de-cabeceira, pôs-lhe as chaves em cima e saiu para sempre: tinha morrido a Maria, tinha acabado a Judite.

CAPÍTULO 48

UM QUARTO ÀS ESCURAS PARA ESPERAR QUE O TEMPO PASSE

O novo quarto do Antunes no hotel era nas traseiras e dava para um jardim abandonado com hortaliças nos canteiros em vez de flores e um tanque com um repuxo do tempo em que foi palácio. As traseiras das outras casas davam para aquele jardim como bastidores de teatro vistos do avesso: não eram para serem vistos, o efeito era do outro lado.

O Antunes não queria nada, nem a luz do dia. Fechou as janelas com as portas de dentro e deitou-se. Desejava dormir e acordar só dali a muito tempo, quando já não se lembrasse de nada. Mas as janelas fechadas, em vez de apagarem a realidade, descobriam a câmara escura e focavam nitidamente dois retratos de mulheres que não estavam nas paredes negras do quarto às escuras. Eram

dois retratos bem seus conhecidos, mas não lhe evocavam absolutamente nada, não lhe diziam mais do que dois bilhetes-postais ilustrados com umas caras quaisquer. Não passavam de duas estampas usadas, para rasgar. As janelas fechadas pegaram-se com a noite e os dois retratos ficaram acesos até de madrugada.

De manhã veio a criada entregar-lhe uma carta. Perguntou-lhe se estava doente. Sabia que não tinha jantado ontem. O Antunes disse que estava bem. Não queria nada.

A carta era a maior de todas. Contava as últimas horas da Maria e a sua última palavra antes de morrer: “Luís!”

A criada voltou, porque chamavam o Antunes ao telefone. Era uma senhora. Mandava dizer que o senhor já sabia quem lhe telefonava. O Antunes disse que não estava. O porteiro não sabia e disse a verdade. Então o Antunes estava deitado, doente, de cama, com febre, mal. Foi engano do porteiro, já não estava no hotel, tinha recebido um telegrama e foi para casa, o que quisessem!

Todo o dia não se levantou, não comeu nada e as janelas continuaram fechadas. As imagens da Maria e da Judite estavam na mesma, como duas gravuras quaisquer para enfeitar as paredes de um quarto de hotel!

CAPÍTULO 49

ANTES DE NASCER PELA TERCEIRA VEZ

Só quando chegou à rua é que viu que não ia para parte alguma. Não havia nenhum lugar para onde ele fosse. A mesma multidão, as mesmas casas, as mesmas ruas e ele. Mas qualquer coisa de novo se passava na sua vida. Se sondava o seu íntimo, não havia nada até à profundidade. Do exterior nada lhe vinha, tudo encontrava resistência nos seus sentidos para o animar de imagens. Ele não se reconhecia: havia qualquer coisa de estranho na sua vida, qualquer coisa de estranho e dele próprio ao mesmo tempo.

Quis ir por essas ruas para estar o menos possível sozinho no quarto do hotel. Ao passar por diante de um café, viu umas caras das noites do clube sentadas a umas mesas postas no passeio e abrigadas por um toldo. A uma das mesas, com três homens, estava a Judite, incapaz de

reconhecer ninguém. Mal podia aguentar-se sentada. Caía sobre a mesa, partida pelo peito.

— Dou-te cem mil réis... duzentos... trezentos... toma lá quinhentos. Caramba! Mas hão de ser cinco gramas! — dizia a Judite, com a mala cheia de notas e a abrir e a fechar os olhos consecutivamente, por não poder tê-los sempre abertos.

O Antunes seguiu. Nada tinha alguma ligação com os seus pensamentos. A sua cabeça tinha parado, como um relógio sem corda. Os seus pensamentos ficaram desligados uns dos outros, dispersos, sem vez, sem continuação, destroçados, restos, escombros. A Judite e a morte da Maria acudiram-lhe como notícias de jornal, passadas com outros. Com ele não se passara nada. Aquelas ruas, aquelas casas, aquela gente, tudo, não era nada com ele.

CAPÍTULO 50

QUANDO SE NASCE PELA TERCEIRA VEZ HÁ SEMPRE RESTOS DAS DUAS PRIMEIRAS

No dia seguinte ao despertar já não se lembrava de que estava agora no hotel. Fez-lhe impressão o sossego daquele quarto. Sentia a falta da Judite, melhor, a da sua companhia, melhor ainda, apenas a falta de companhia, talvez sem ser a dela. Os seus ouvidos estavam feitos a mais ruídos e não apenas aos dos seus gestos. Os seus olhos tinham-se habituado a ver a sua atividade íntima entrelaçada pela de outrem, como duas iniciais vitalícias. A sua memória mal pegava na de ontem. Todos os seus hábitos foram decepados. Tinha sido salvo da catástrofe que houve no interior do quarto onde habitava.

Chegado à rua, o sol reluzia nas tabuletas e letreiros das casas. Todas as diferentes maneiras de ganhar dinheiro estavam ali em letras doiradas ou de cores. A aurora

daquela rua tinha aquele mar de tabuletas para se observar. Uma destas era de dias, novinha em folha, e com todo o ar de ter uma educação diferente da das outras. As suas letras salientes estavam feitas para de noite também e diziam simplesmente: MÉDICO.

O Antunes subiu ao andar. Uma enfermeira nova e bonita, vestida de branco, logo à entrada. A sala parecia a bordo. Boas ilustrações, ótimos maples. Os doentes deste médico eram gente chique e bem disposta, gente nova e moderna. Também se viajava pelas suas histórias. Tudo pintado de branco, higiénico tudo. O médico, jovem e elegante, com uma bata branca tão lisa como as paredes e os móveis, tudo branco, como um sonho. O Antunes despiu-se todo por mandado do médico. Foi visto por dentro e por fora, inspecionado, apalpado, experimentado, usaram-se aparelhos para cada órgão, instrumentos para cada sentido, fizeram-se sondas, auscultações, pesquisas, perguntas indiscretas, confissões, tudo, e não havia nada. Diagnóstico: normal. Receita: distrair-se, viajar, desportos, ar livre, higiene, evitar a noite, campo, província, ver mundo, muito ao ar livre, mais desportos, mais viagens,

mais higiene, muito campo, excelente província. Eram oitenta mil réis a primeira visita e ficava lá o nome.

De novo na rua, o Antunes continuava a não ver mais do que tabuletas, mas já lhes descontava uma. As construções antigas tinham de atual apenas as tabuletas. Ele era às portas, às janelas, nos andares, desde as lojas às águas-furtadas. E pela primeira vez o Antunes pensou que ele também queria ganhar dinheiro, o seu dinheiro.

Em frente do médico havia uma grande casa, a única que não tinha tabuleta. A única porta estava aberta. Tirava-se o chapéu ainda na rua, antes de entrar. Dava-se dinheiro a umas mãos estendidas à entrada. Dentro só havia mulheres. Todas ajoelhadas. Era como debaixo de um telheiro, para abrigar do mau tempo. Parecia mais longe da rua do que estava. Sem saber porquê, o Antunes sentiu que estava com pressa e não quis demorar-se. Aquelas abóbadas ressoavam de uma maneira que o apanhavam destreinado. Agora não era subir às nuvens o que pretendia o Antunes. Pelo menos, por enquanto, não. Talvez que lá voltasse às nuvens, mas agora tratava-se só de cá de baixo: acertar com o chão, ir por onde vão os outros, a par da

vida, sem ficar para trás, nem voar, nem tirar os pés da terra. Agora era cá outra coisa só com ele. A sua vida não podia deixar de continuar. Ele não sabia como. Bom ou mau, tudo era apenas passado. Era o seu único mestre. Havia de tê-lo sempre bem presente. Achava que o melhor era escrever para si uma confissão geral dos seus trinta anos. Por conseguinte, iria começar as suas memórias. Iria a uma papelaria. Há papéis bons, fortes, que duram muito tempo sem se desfazerem. E saiu. Não tinha pensado uma única vez em Maria. Quer dizer: esforçava-se para lhe dar um pensamento,, mas a Judite, com um empurrão, punha-se-lhe logo por diante de Maria.

Uma vez na rua, o sol de chapa nos olhos fê-lo parar nos degraus de pedra para refazer-se. Estava surpreendidíssimo com estas suas duas visitas! Seguramente procedia como um sonâmbulo. Tinha o chapéu na mão, apesar do sol na cabeça, e não acertava porquê. Até que deu porque vinha da igreja e ainda estava com o chapéu na mão. Ele tinha a impressão, a certeza de andar fora de si, a fazer coisas que não eram da sua vontade. Não quis ir ao médico, não quis ir a uma igreja;

contudo, foi procurar um médico e esteve numa igreja! O Antunes não acreditava em mistérios, pelo menos nunca lhe dera para pensar nessas coisas. Por isso mesmo, tudo quanto se passava agora com ele mais o intrigava e afligia. A toda a hora e a todo o instante, estavam a aparecer-lhe na sua vida pessoas e assuntos nos quais ele não tinha sequer pensado antes.

CAPÍTULO 51

ONDE SE SABE QUE AS TRÊS VIDAS DO PROTAGONISTA PASSAM TODAS NOS MESMOS SÍTIOS E COM AS MESMAS PERSONAGENS

O Antunes queria por força saber o que se estava passando com ele. Que é que queria dizer tudo aquilo que lhe estava acontecendo? Por enquanto apenas podia afirmar que não gostava mesmo nada da sua vida. A sua imaginação ou a realidade, uma delas era uma burla. Ou talvez que a burla fosse aquele difícil contacto entre a realidade e a sua imaginação. Mas o contacto não se produzia, apenas fazia faíscas. Não sabia em que tomada ir ligar-se para acender todas as suas lâmpadas. Sentia-se mal feito, contra si mesmo, ao contrário das suas intenções, sempre a ser jogado entre a sua imaginação e a realidade, como uma bola entre a gravidade e a elasticidade da sua própria borracha.

Havia na sua vida as suas culpas e também as dos outros. O resultado era um só: o Antunes. A sua ignorância, os seus sonhos incompletos, os seus gestos inacabados, a satisfação consumada de tanta coisa inesperada que lhe punham diante dos olhos para o experimentar, as faltas dos que não souberam ajudá-lo a ser por si, todas estas eram as causas pelas quais o Antunes acabava por ficar o único responsável da sua vida. Os seus erros e os dos outros eram o mesmo resultado presente da sua vida. Não havia vantagem em saber distinguir os erros de uns e de outros. Agora, não tinha outra coisa a fazer senão tomar a inteira responsabilidade. Ninguém pode escolher o que connosco se passa até à chegada da nossa consciência. E depois?

O Antunes reconhecia-se com direito à vida por ter já começado a pagar os seus tributos. Simplesmente, aqueles sonhos que dantes lhe aqueciam a imaginação já estavam agora mortos, e as coisas pareciam-lhe vazias de todo. parecia-lhe que se tinham despegado os fundos às coisas e que se havia perdido todo o seu conteúdo. Agora, não o buscava nenhum estímulo, tudo era ausente, perdido, surdo.

Seriam estes os aspetos da sua nova vida? Se eram, ele ainda preferia os outros, os passados, aqueles em que tinha sido infeliz. Hoje, a realidade estava finalmente patente ao Antunes no seu verdadeiro valor: trinta anos, e do seu o Antunes apenas tinha escrito muita coisa que necessitava ser decifrada.

CAPÍTULO 52

O PROTAGONISTA COMEÇA A DESCOBRIR O MUNDO ATRAVÉS DE UMA LENTE FEITA COM AS PERSONAGENS QUE ELE CONHECEU

Ali, naquele café separado do rio e do cais por um jardim público, lá estava o Antunes todos os dias para dar rendez-vous aos seus pensamentos. O lugar apropriava-se e era um hábito. Faltava-lhe um amigo, da mesma idade, de todas as suas mesmas idades; a dois leva-se melhor o barco, mas como não tinha esse amigo, ali nem em nenhuma outra parte, subentendia-o nas suas divagações.

A sua ligação com a Judite tinha sido uma compensação, uma desforra, um contrabalanço... de quê? A sua vida esteve toda inclinada para o lado oposto ao da Judite. Para onde? Houve um desequilíbrio para responder a outro desequilíbrio, necessário para pôr o fiel a zero, como um pêndulo vai obrigatoriamente de um a outro lado da

vertical a distâncias iguais, para cumprir a simetria, a gravidade e a oscilação. O desequilíbrio era para os dois lados: a Maria e a Judite eram ambas ainda o mesmo erro!

O facto era que se a Maria não tivesse morrido, como poderia agora o Antunes ter livres de novo os seus pensamentos? Enquanto a Maria fosse viva, ou melhor, enquanto ela fosse leal para com os pensamentos, que acreditava correspondentes aos do Antunes, nunca na sua vida ele conseguiria dar um passo fora do sítio onde a tinha deixado moralmente para sempre. A Maria era leal. Não se meteu a saber se devia ou não ser leal para com quem lhe acordou os seus sentimentos. Limitou-se a ser leal. Leal quer dizer: conforme a lei. Há uma lei que rege o fluido humano. A imaginação, espelho deste fluido humano, tem uma lealdade que não é destruível nem pelo próprio.

O fluido humano basta-se a si mesmo, e ou vive, porque vence os fluidos adversos, ou morre, porque não encontra outros fluidos humanos para a sua harmonia. É uma luz que se escoa ou que inunda tudo. Entretanto, antes que desapareça, influi favorável ou desfavoravelmente em

redor, conforme não pode deixar de ser leal e prosseguir em lealdade até ao fim.

A Maria estava para com o Antunes completamente metida dentro da sua lealdade, não respirava fora do seu ar, morreria ao primeiro esboço de pensamento acerca de que o seu mundo talvez não fosse exatamente como ela o vivia. E, antes mesmo de ter esta certeza, que não procurou, morreu. Chama-se a isto lealdade. É o que manda a lei.

E quando a Maria morreu o Antunes ficou, acto contínuo, liberto da Judite. A essa mesma hora estava terminada a missão da Judite junto do Antunes.

De facto, não tinha estado mais ninguém na vida do Antunes do que a Maria.

A maneira senhoril como o Antunes tratava a Judite devia-o a Judite à figura de mulher que estava na vida do Antunes: a Maria.

Em verdade, o Antunes nunca amara a Maria. Os pais do Antunes, cheios de boa intenção e de boa vontade, é que, sem querer, facilitavam aquela solução, que lhes parecia

indicada: duas boas pessoas, a Maria e o Luís, juntas num futuro cheio de prosperidades. pelo seu lado, o Antunes não pôde dar-se conta de que os seus sentimentos íntimos estavam, afinal, a ser manejados por quem não podia deixar de pôr boas mãos no assunto, e pusera francamente a sua lealdade onde o destino não lhe indicara.

E sempre assim, temos sempre que perder o nosso tempo em desfazer o bem que os outros fi/eram por nós.

CAPÍTULO 53

EPISÓDIO DE UM CACHO DE BANANAS QUE JÁ NÃO TEM NADA QUE VER COM O PROTAGONISTA

Há que tempos que um automóvel tinha parado em frente do café e ficado ao lado das mesas ao ar livre. Pela demora, o Antunes foi a pouco e pouco reparando que aquele automóvel era luxuosíssimo. Tinha-se apeado apenas o motorista e estava lá para dentro, no restaurante. Por entre as vidraças via-se um par e deviam achar-se muita graça um ao outro. Ela escangalhava-se mais a rir do que ele, mas ele também levava de vez em quando a mão à cara para rir, sem desmanchar o seu grave aspeto bem escanhoado. O motorista demorou-se tanto que ele achou melhor ir saber pessoalmente. Era enorme, fora da proporção portuguesa. Mais perto não parecia tão estrangeiro, mas aquele sobretudo claro era importado. Havia nele qualquer coisa que cheirava a fora de fronteiras. Tinha todo o ar de lhe

correr tudo muito bem, apesar daquela demora do motorista. Daí a pouco já não era só do motorista a demora, e a mulher achou por bem vir ela também assistir à razão do atraso. O Antunes não se recordava de ter visto nunca uma mulher tão elegante e tão ricamente vestida. O volumoso casaco de peles parecia guardar ainda a corpulência da enorme fera esfolada, e só deixava de fora uma máscara de pó-de-arroz e duas canelazinhas de menina. Dir-se-ia tratar-se de um objeto de luxo cujo estojo não tinha ficado bem fechado, e que podia desta maneira deslocar-se com o seu próprio estojo. Ao passar pela mesa do Antunes, de míope que era, roçou-lhe as peles pelo mármore a gozar o efeito naquela fisionomia. Era a Judite! Deixava atrás de si o ar todo desbotado de perfume. Um perfume que ele nunca tinha cheirado nem na intimidade da Judite. Era impossível que ela o não tivesse reconhecido, mas, pelo menos, procedeu exatamente como se o não tivesse. O Antunes sentia-se mais compensado por vê-la em rica do que com aquela falta de coragem do outro dia dos cinco gramas. Fora isto, a Judite já não lhe dizia mais nada. Conseguiu vê-la como a uma atriz que representasse um papel e apenas este papel lhe interessasse,

independentemente da atriz. Tudo quanto ficara da companhia que ela lhe fizera era como a lembrança de uma leitura algures. Nada mais. Já tinham acabado de vez um para o outro. Eram tão diferentes e não tiveram jamais nada que ver um com o outro, como é impossível encontrar seja onde for tamanha dissemelhança. Contudo, juntaram-se um dia! Como foi possível?! Como foi possível ter convivido com ela?! Ter tido com ela intimidade?! Essa coisa sagrada da vida de uma pessoa: a intimidade!

A única pessoa que ele conhecia intimamente era aquela mulher, aquela mesma mulher de quem ele tinha a certeza absoluta de lhe ser completamente estranha, intrusa e até inimiga da sua própria vida! A Judite e o Antunes entraram ambos na intimidade um do outro como ladrões que não sabem exatamente o que vão roubar. Percorreram todos os cantos, indagaram de todos os caminhos, revolveram tudo o que se procura e não se encontra, e ambas as intimidades foram impiedosamente devassadas um pelo outro. Ainda que alguém viesse depois a entrar pela primeira vez nas suas vidas, não poderia deixar de reparar em que já lá tinham andado os ladrões.

Mas agora, imponente de peles ou cobarde de cinco gramas, ela era-lhe tão indiferente como qualquer outra nas mesmas circunstâncias. Só uma coisa o Antunes via nela mais do que nas outras suas iguais: que apesar de tudo, coitada, ela queria viver! Ela não sabe, mas quer viver. Ela até dispensa o saber viver, contenta-se com viver. O Antunes tinha muito que aprender com ela, não a saber viver, mas a querer viver. Mas os que não sabem parece que estão nas mesmas condições dos que querem viver: é talvez porque o não possam!

O Antunes recordava-se, a si sozinho, lá na província, no seu quarto em casa dos pais, a querer saber viver nos seus livros, como os outros. Por esse tempo o seu aspeto era tal que deu azo a que outros dispusessem da sua vida como de um aparelho para consertar. Quando ele estava metido consigo, os que o quiseram ajudar puseram-no afinal fora de si. E como remédio uns arranjaram-lhe noiva e outros pespegaram-lhe com uma mulher nua nos braços. Era um corpo vivo que estava nos seus braços! Não tinha que ver com ele aquela mulher nua, porém ela pegou-lhe a vida, como uma coisa contagiosa. E o Antunes saía de facto do

seu letargo, da sua hibernação, essa única ponte por cima da barbacã, para chegar até à sua vida. Era isto o que fazia tanta pena àqueles que o estimavam deveras! E todos, todos à uma, lhe provocaram a cura antes de terminado o mal.

O Antunes não tirava os olhos do mármore da mesa. A sua vida andava ali por aqueles vários caprichos das veias do mármore. Aquela superfície de pedra polida tinha o tato e a cor de pele de mulher. Pele de mulher nua, com veias azuladas, indecisas umas, e outras com pedaços bem delineados, que davam a impressão de propositados, de terem significação, sentido, vontade, destino.

Do restaurante vinham para o automóvel o par, o motorista e todos os empregados daquela casa, e eram poucos para o que havia a meter dentro do carro. Voltavam outra vez para o resto dos embrulhos. Já havia gente no passeio e que não podia participar por outra forma nos preparativos daquele festim de arromba. Há vidas que é preciso encher com qualquer coisa de vez em quando. Os empregados da casa ajudavam com tanta alegria como se fosse para eles tudo o que ia naqueles embrulhos. A

senhora das peles dizia-lhes umas coisas e eles não podiam rir tudo por estarem vestidos de criados. Quis ela mesmo levar um grande cacho de bananas. As coisas que ela dizia referiam-se às bananas. Quando passou pela mesa do Antunes, tirou uma banana do cacho e deixou-lha em cima da mesa. Foi o ciou da festa. Alguns embrulhos caíram das mãos dos criados.

CAPÍTULO 54

O PROTAGONISTA ALUGA A SUA INDEPENDÊNCIA

Havia dias que o Antunes se encontrava num estado de espírito de que era urgente sair. Era como um passageiro com tudo pronto para seguir viagem e sem notícias do barco que o há de vir buscar.

À porta do hotel estava um groom com uma carta. O porteiro indicou-lhe o Antunes. O rapaz perfilou-se diante do sujeito. Este viu-lhe a farda, o nome da casa no boné, a cara, a carta na mão e, sem lha receber, deu-lhe uma boa gorjeta com estas palavras:

— Que não me encontraste. Que já saí de Lisboa.

O groom obedeceu como um soldado e foi-se contente com a farda e a gorjeta.

Em vistas disto, o Antunes pediu a sua conta no hotel. Fechou as malas, mandou-as descer à portaria e que já as

vinha buscar.

No café o Antunes começava a ter o seu lugar. Pediu o Diário de Notícias com o café.

As mesas encheram-se com um grupo de excursionistas estrangeiros. Andavam a ver as luzes dos países, os ares, os climas, o antigo e o moderno, a encherem-se de recordações para os tempos em que tivessem de ficar em casa. O aspeto daqueles estrangeiros era para o Antunes mais refrescante do que o dos refrescos que bebiam. E até que encontrou no jornal o que queria: “Independente, mobilado, a cavalheiro.”

— A única condição é a de não meter cá mulheres — disse a velhota, com cara de levar o santo dia deitada.

Sem lhe importar grande coisa, o Antunes observou na inflexão da sua voz que aquilo era uma maneira como outra qualquer de prolongar o negócio. Preferia a condição e fingir não perceber. Mas a vista era o melhor do quarto. Daquela água-furtada seguia-se o Tejo por aí acima, desde o mar até perder-se à esquerda. Em redor as casas ficavam devassadas por aquela janela de telhado, e as traseiras dos

prédios com a atividade das criadas davam ao Antunes a impressão de entrar no segredo dos andares. Uma por uma, cada janela por onde os seus olhos entravam sabiam-lhe a ninho.

A cama de ferro, a mesa de pinho, a cómoda indigente, o lavatório inventado e o espelho de lata justo para a cara... não havia mais remédio do que ir recompensar-se no panorama.

Do seu novo quarto, Lisboa parecia ao Antunes uma cidade escondida com as traseiras de fora. Interiormente, parecia-lhe que a sua vida acabava de bem merecer aquele franciscanismo. Mas o verdadeiro merecimento deste novo quarto para o Antunes consistia em que tudo o que a ele tinha acontecido até esta água-furtada era para rasgar. Só depois de bem rasgado tudo o de até este quarto é que o Antunes poderia então começar a pensar na maneira de arranjar para si uma nova alma mais competente.

Ao passar as suas coisas das malas para as gavetas, punha bom cuidado em que cada uma estivesse de facto indemne de recordação.

Quando duas pessoas separam as suas coisas que estiveram juntas, o que é de cada um é tão pouco que ainda é menos do que antes de conhecer aquele de quem se separa.

CAPÍTULO 55

O MAU PISO DA AZINHAGA DA INDEPENDÊNCIA

Janta que não janta, sai que não sai, foi-se deixando ficar. Para afazer-se àquele quarto. Apesar de ser uma água-furtada, deitado na cama a olhar pela janela, parecia-lhe estar numa trincheira de guerra. O quadrilátero oco da janela no céu. Uma voz cantava uma modinha. Seguramente uma criada. À parte o que cantava,, a voz era reconfortante para os bons ouvidos. Teria ela apenas passado bem o dia? , ou era a eterna voz feminina que só o masculino ouve? O Antunes ia estragando tudo, pois deu-lhe vontade de ir espreitar a dona da voz. Porém, reparou a tempo e continuou a deixar-se sonhar. Quis continuar a deixar-se sonhar, mas a voz já nem lhe parecia a de há bocado.

Ainda lhe faltava deitar mão de um recurso: dormir. Dormir mais do que o sono. Dormir sem sono, depois de ter

dormido o do sono. Mas o corpo já lhe refilava de estar deitado. Abriu um livro. Não conseguiu entrar no texto. Estava apenas impresso o papel branco, morto, gelado, sem gerar ilusão aquela composição tipográfica. Não se estabelecia a ligação entre o autor e leitor. A tinta negava-se a deixar de ser tinta, a parecer-se com qualquer efeito de combinação de palavras.

Subia uma barulheira de passos e vozes pela escada do prédio. Apurou o ouvido sem curiosidade, só para descobrir as imagens pelo ruído. Eram vozes de tudo: homens, mulheres, crianças e até de cães. Qualquer coisa alegre. Até mais do que alegre, festiva. Não se distinguiam as palavras, mas separavam-se perfeitamente os monólogos, dos coros e do cão. Impossível verificar se era só um ou mais cães. Um dos homens ainda não tinha a voz feita e era o da graça. Seguia-se-lhe sempre o coro das gargalhadas. Desde que começou a ouvir-se o barulho, percebia-se pelas entoações tratar-se de despedidas. Provavelmente alguma visita de merecer adeuses de escada.

Porém, ou a visita ou os daquele andar tinham de ser numerosos, ou ambos. A multidão não produz muito mais

som do que este. Mas em vez de descer para a rua, o barulho subia a escada e já estava a meter a chave à porta. Talvez a visita daquele andar fossem os daqui da água-furtada. Mas as primeiras frases que se distinguiram perfeitamente no corredor foram estas:

— Oh, que passeio tão bom, tão bom, tão bom!

E:

— Já aluguei o quarto.

Deviam casar-se admiravelmente estas duas frases, porque produziram uma explosão de alegria tão grande que logo em seguida o corredor caiu em silêncio. Em silêncio foi o que pareceu depois da explosão, mas a verdade é que havia um baile nos bicos dos pés. Os que bailavam deviam tapar a boca e o nariz para não rirem alto. A velhota provavelmente espetou o polegar para o quarto ocupado. Um tímido soprou um pschiu muito bem medido, mas ineficaz para o decoro do corredor. Até que uma menina estalava, se não atirasse com o riso todo cá para fora. Umas palmadas surdas soando a fazenda. Um cortejo nas pontas dos pés. Uma porta que se fecha. E todo o mundo enfim à

vontade. Isolada a barulheira, estava fora de perigo a liberdade.

A explicação do sossego do quarto ao alugá-lo era ser domingo. Os vizinhos daquele prédio tinham ido de passeio ao campo, restituir-se à natureza.

Saiu da cama e subiu os três degraus para chegar à janela. Já começava o primeiro aviso do anoitecer. Vinha uma aragem do Tejo, fria, na cara quente de estar deitado, o bastante para mudar para outro assunto. O rio movia-se com um certo rebuliço, que dava a ideia também de ir fechar por hoje. Em todo o caso via-se bem que era domingo, pois o ruído era diferente do dos dias úteis. No fundo dos pátios os andares mais baixos acendiam as luzes. O Antunes descobriu que a noite nascia da terra. Um transatlântico imenso custava a deslocar-se do cais, como um mau pensamento leva tempo a deixar-nos. O resto do dia juntava-se todo a oeste. A outra margem perdia o volume a achatava-se num plano. Cada vez ia cabendo mais tudo dentro de uma só olhadela. Poder-se-ia ver Portugal inteiro de uma só olhadela, como no mapa, em aeroplano?

— Palmeia e Almada. De cá, Sintra e Santarém. Mouros, Afonso Henriques. Os Cruzados. E desde então até hoje. Até aqui a esta água-furtada. Até mim. Tanta gente e tantos séculos encarreirados por aqui: as quinas, Avis, caravelas, o pelicano, a esfera armilar, Filipes, azul e branco, encarnado e verde, e continua. Nada para mim. Portugal.

CAPÍTULO 56

O PROTAGONISTA PROCURA OUTROS AMIGOS QUE NÃO SEJAM PESSOAS

Anoitecera. O Antunes tinha-se deixado ficar à janela. A ver aparecer as estrelas e a Lua. Aquilo parecia-lhe uma história verdadeira. Os exércitos dos astros estavam formados desde o princípio do mundo, invencíveis. Às vezes encontravam-se os mais importantes e isso refletia-se cá em baixo na Terra. Cada humano era o reflexo de um determinado desses encontros. Se não são infinitos os astros, são infinitas as combinações possíveis entre eles. Exatamente como com as palavras: o número de palavras não é infinito, mas é infinito o número de efeitos, conforme a disposição das palavras. Com vinte e seis letras do alfabeto escrevem-se todos os idiomas e não ficam escritas todas as palavras nem definitivos os dicionários.

A janela daquela água-furtada era um olho a ler este assunto no firmamento. Mas o Antunes gostaria, de preferência, de dar apenas com a parte que lhe dissesse respeito. Quando ela nasceu, aquela imensidade de estrelas que lhe pareciam paradas agora estavam em determinada posição. Ele, Antunes, era exatamente essa determinada posição das estrelas à hora em que ele nasceu na Terra. Àquela hora a Terra também estava numa certa posição como as estrelas. E tudo ficara escrito para toda a vida do Antunes desde aquela hora, minutos e segundos. Ficara escrito que ele namoraria na sua terra natal uma rapariga chamada Maria e que ela morreria em menos de quinze dias, durante a estada do Antunes em Lisboa, por ela não saber nem ter quem lhe explicasse aquela ausência. Ela tinha nascido para ele! Ficara escrito também, naquela hora, que ele conheceria em Lisboa uma rapariga que o leitor já sabe, vulgarmente conhecida pelo seu nome de guerra: Judite. E agora o Antunes entendia pela primeira vez a explicação de haver nomes de guerra: esses casos em que a sociedade quer mais do que os astros e não consegue afinal senão aniquilar ambos.

Estava escrito que a Judite entrasse um dia, melhor, uma noite, na vida do Antunes, apenas para que cumprisse o sestro que ordenaram os astros para a Maria. Apenas isto. A Judite nada tinha que ver com o Antunes senão o cumprir-se o caso de Maria. Foram mobilizadas várias vidas para que o fim de Maria se cumprisse à hora fixada pelos astros. Gente que a conhecia e gente que não a conhecia intervieram todos eficazmente naquele mandato. Nada poderia adiar aquele último instante, nem as cartas da mãe do Antunes, abertas depois de se ter cumprido tudo à risca.

O Antunes entendia estas coisas todas nas estrelas e sem ser por palavras recebidas no seu pensamento. Havia outros processos para a grande linguagem das estrelas chegar ao seu entendimento sem ser por meio das palavras. Não era só a cabeça, nem só o coração, nem só o coração e a cabeça juntos que se deixavam entrar assim pelas estrelas: era o seu corpo inteiro, ainda mais, a sua vida inteira que recebia as ordens de quem ele nunca havia pensado ser o único que lhas desse. Os astros mandam! E mandam uma coisa para cada um! E esta ordem

sereníssima dos astros é uma verdadeira anarquia para a sociedade!

CAPÍTULO 57

OS ANTIGOS AMIGOS DO PROTAGONISTA VISTOS DAS ESTRELAS

O Antunes descobriu pela segunda vez na mesma hora que a noite nascia da terra. Só era noite na Terra, nas estrelas nunca tinha havido noite até hoje. O Sol deixava de iluminar a Terra por umas horas cada dia, para que os mortais não se esquecessem de ver o seu destino escrito no céu. Sem o Sol e o eterno dia das estrelas, a Terra já teria morrido há muito tempo de frio, de pavor e de escuridão.

Mais refrescante ainda que a aragem da noite sobre o rio era a luz suave que vinha desde as estrelas até ao seu peito, essa luz propositadamente suave para durar indefinidamente.

Em face daquele solene espetáculo do firmamento tão limpo que quando mais se olha mais estrelas tem para nos

dar, o Antunes só gostava de saber a resposta para esta sua pergunta:

— Como é que, depois disto tudo, há ainda ingénuos na Terra que julgam que é pela sua vontade que se fazem as coisas no mundo? Se em vez de vontade lhe chamassem intervenção... sim, porque a vontade... quer dizer, a intervenção... E o Antunes concluía com os olhos bem abertos para as estrelas, como costumamos pôr as mãos para receber qualquer coisa que nos atirem:

— Oh, quem soubesse bem destas coisas!

Depois vinham-lhe da memória vários factos ter com ele naquela ignorância. Não faltara nenhum comparsa de espavento para levar a bom termo aquele desfecho de Maria que os astros já estavam fartos de saber. Não faltou nem o homem do “é necessário quem faça as coisas”. Chegara-lhe por fim o momento de ser verdade a sua frase. Fora efetivamente ele quem fez com que se fizesse o que os astros mandavam. Mas, ou os astros eram discretos ou fartaram-se de brincar com ele: serviram-se do homem do “é necessário quem faça as coisas” para intervir no cumprimento das suas ordens, mas por causa das dúvidas,

para se garantirem do resultado da sua intervenção, deram-lhe a entender que a vontade era a dele mesmo, e forte, forte vontade, de antes quebrar que torcer. Mas era falsa, tão falsa que ele não duvidava que era a sua e não era senão a dos astros. E a prova está em que não se referia aos que ele visava, mas a outra pessoa que não estava sequer nos pensamentos do tio do Antunes para este caso. Quem o tio do Antunes visava era o sobrinho, a virilidade dessa sua quase semente, ao passo que a pobre Maria nem sequer lhe tinha passado pela cabeça.

Não se pode ser melhor castigado como herói da vontade e da ação do que o modo como o foi este homem de “é necessário quem faça as coisas”. Recado mais bem feito, sem saber qual foi o recado, nenhum subalterno o teria feito mais à risca. Para quem sopra de imprescindível, aqui tem a prova; mas para quem julgue que também lá mete o bedelho... Devia haver uns olhos postiços para pôr naqueles para quem certas coisas são invisíveis.

Empenhado na sua autobiografia de ficar na história de ter feito todas as coisas da sua terra, o tio do Antunes partia sempre do princípio que todos eram estúpidos, de

modo que desta maneira nunca conseguiu comunicar com ninguém. Isto é, procedia com os outros como se estivesse sozinho. Não sabia estar sozinho e procedia com os outros como se estivesse sozinho.

A estes ociosos dos seus destinos, os astros aproveitam-lhes as horas vagas utilizando-os para serviços alheios às suas pessoas. Mas como as ordens dos astros são invariáveis, tanto faz que eles se empenhem noutros resultados. A única maneira de os entreter é convencendo-os de que podem o que querem.

CAPÍTULO 58

OS NOVOS AMIGOS DO PROTAGONISTA FALAM-LHE DA DIFERENÇA ENTRE TODOS JUNTOS E CADA QUAL EM SEPARADO

Cada um de nós não pode deixar de ser o próprio, e ainda que para isso lhe seja indispensável a maior das forças de vontade. Efetivamente, o que os astros mandam não é para ficar no céu. No céu ficam os astros apenas. Nós somos exatamente o que eles mandam. E, verdade verdadinha, antes obedecer aos astros do que a outros.

A nossa obediência aos astros é a um tempo involuntária e heroica. Involuntária, porque a vontade é a deles, e heroica, porque não há de ser vencida pela dos humanos. Há em cada pessoa um espírito de vitória e é o mais legítimo da sua vida íntima. Nenhuma alma em vida deixou de ser instada por este espírito de vitória. Ele é a mais bela expressão da cara humana, e a sua ausência a pior. O

espírito de vitória é... o espírito de vitória não é..., e estes pensamentos gaguejavam na cabeça do Antunes como se ele fosse também gago da fala. Tinha-se-lhe ido de repente a ideia tão clara, e as palavras não tiveram tempo de a agarrar.

Quando se quer outra vez uma ideia que nos fugiu, deitamos mão de qualquer imagem que se nos apresente, a ver se ela se liga com a que tínhamos antes; assim também o Antunes reparava que nunca ninguém o tinha admirado. Foi tão sensacional para ele esta descoberta que se passou inteiro para o seu novo pensamento. Tirando os pais, naturalmente, só a Maria ficava diante dele como diante de um génio. E então o Antunes ligou logo com a ideia perdida: o espírito de vitória tem um visor de referência imediata na admiração que inspiramos aos outros. Não há melhor compensação para a nossa vida do que a admiração dos outros pelo que merecemos, mas também não há pior momento humano do que aquele em que nos admiram sem acertar com o exato do nosso valor. A pessoa verdadeira prefere inimigos autênticos a admiradores sem pontaria. Pelo justo da admiração ou repulsa dos outros podemos

verificar se vamos bem com os astros, por conseguinte se não deturpamos o sentido do espírito de vitória.

A comunicação entre humanos faz-se pela admiração. Não são as ideias o que a humanidade admira senão o próprio dos sentimentos. Ótimos ou péssimos, é relativo, e pouco importa para admirar, basta que se ajustem perfeitamente àquele que com eles se move. Nos factos da nossa vida mandam os astros, nos nossos sentimentos mandamos nós e todos os que estiverem no nosso sangue, nas nossas ideias mandam os astros e os nossos sentimentos. Os factos decidem, os sentimentos revelam-nos, as ideias são resultados de factos e de sentimentos. Os factos e os sentimentos não se podem sintetizar, como se faz com as ideias, mas admiráveis só os sentimentos.

O Antunes recordava a cara linda da Maria diante dele e ainda via que ela gostava dele a valer, que ela dava-se-lhe como se ele lhe correspondesse, que ele lhe correspondia de facto, mas apenas por causa dela, por causa daquela sua maneira de se dar total, leal, fatal, por ser impossível dissuadi-la disso, por ser assim precisamente que os astros mandavam a ambos. Não era por engano que ela o

admirava com aquela paixão. Ele, pelo contrário, é que por engano esteve quase a receber aquela dádiva que sem dúvida alguma era a ele que se destinava. E, se não fossem os astros, aquilo tudo ia a caminho de um contrato legal, destes de que gosta a sociedade. Esteve quase a prevalecer o legal, isto é, conforme a lei para todos, sobre o leal, ou seja, conforme a lei para cada um.

CAPÍTULO 59

AS ESTRELAS SÃO PESCADORAS E ANDAM A PESCA DE GENTE

Quanto mais avançava a noite mais se aclarava o céu. Bem podia o sol andar a mostrar as coisas a toda a luz quando o Antunes só de noite é que as sabia ver todas juntas, ainda para lá das estrelas! E não era todas as noites. Há noites como esta que marcam na vida de uma pessoa. Nunca a sua cabeça estivera tão a gosto como hoje àquela janela e com todo o espaço para voar. Nenhuma janela de nenhum andar se pode comparar à independência de uma janela de telhado. O Antunes reparou que ao começar a noite as primeiras janelas a acenderem-se eram as dos pátios, e alta a noite as últimas a apagarem-se as das águas-furtadas. Não admira, ficam mais perto das estrelas, e é por isso que subiram para cima dos telhados, para as ouvir melhor. Se não houvesse as águas-furtadas, o

mundo estaria todo ainda por fazer e, além disso, em que outro sítio iriam ficar os descontentes? Quantas vezes o sol com a sua mania da pontualidade deixou por acabar a solução da humanidade numa água-furtada? Doce espetáculo da humanidade sem o contacto das gentes. Saudável refúgio que enche o quarto sem nada nas gavetas. Último patamar do mundo para descer ou subir, à escolha, à nossa escolha. A nossa vontade está-se a procurar no inconsciente da madrugada. Ou não é da vontade que se trata, é só do inconsciente, tão necessário nestes dias tão certos. Porque não me hei de explicar, se tenho em mim os dados? Hei de morrer sem saber dizer-me todo? Hei de acabar por não me dar a conhecer bem a mim nem aos outros?

Um rumor dentro de casa fê-lo despertar daquela evasão. O deserto não fica mais longe do mundo do que uma água-furtada. A sua garganta teve de tossir. Era o momento de mudar a posição do corpo no parapeito da janela. Ou as estrelas acessíveis ou a presença daquele quarto ligado à terra.

CAPÍTULO 60

A TERRA É ATÉ ONDE VEM TUDO O QUE SE VÊ DAS ESTRELAS

Há estrelas de primeira, segunda e mais grandezas, outras cuja classificação é difícil de fixar e ainda outras que os sábios estão por descobrir. Muito parecido com o que se passa com as pessoas. Se houvesse só uma estrela no céu, os homens matavam-se todos uns aos outros cá em baixo. Foi preciso prometer-lhes que havia uma para cada um.

Era na sua que o Antunes confiava. Do pouco mundo que lhe passara pela sua vida, fizera-o confiar apenas na sua estrela. Estavam ainda quentes na sua memória as várias opiniões alheias ao seu respeito. Eram todas parentes da do seu tio. As mais ingénuas não eram menos graves nem menos repelentes. Todas unânimes em acharem-no impróprio. Impróprio?! Não será ele o próprio?! Será possível o próprio para mais do que um?!

Dizia-se dele que, tendo do seu o bastante para se apresentar como toda a gente, andava que parecia com coisas emprestadas. Que tinha o condão de arrefecer o melhor jeito dos alfaiates. E quejandos.

Um dia no colégio correu que um aluno tinha caído à cisterna e morrido afogado. Era verdade. Dizia-se que era o Antunes. Ninguém acreditou. A todos parecia um feito nítido de mais para o indigitado. Efetivamente, quem tinha caído à cisterna e morrido afogado era outro aluno qualquer. Com a voz do povo desta maneira ao seu respeito, o que mais há de fazer um homem?

A voz do povo também ainda não tinha visto nenhum caso como o do Antunes. E era isto afinal o melhor do Antunes: um caso que não tinha igual, que não se parecia com nenhum outro, que a voz do povo ainda nunca tinha visto. A voz do povo tinha razão, tanta como o Antunes. Era legítimo que ambos ficassem na sua. Simplesmente, à voz do povo não lhe competiam os casos imprevistos.

Quando um homem que ainda não se encontrou tem todo o ar de ainda não se ter encontrado, bravo! Em vez de lástima merece respeito, é um sincero que nasce!

Ninguém no mundo se pode queixar de ter sido vítima da sua sinceridade. O que pode é cada um ficar surpreendido com o facto de a sua sinceridade o ter levado mais longe do que lho permite a sociedade. Este é outro caso.

Até hoje ainda nunca houve outro modo de cada um passar de uma idade para outra da sua vida a não ser pela sua sinceridade. Os modos de ludibriar essa passagem são sem conta. Mas a única maneira que existe no mundo para revelar cada um, a si e aos outros, está dentro de cada um mesmo, é a sua sinceridade.

A sociedade é uma mediania a transpor pessoalmente. Muitos sinceros caem-lhe nas malhas, não por terem sido sinceros mas por incapazes de fazer frente à opinião pública, que acha destoante tudo o que é pessoal. Começa por achar destoante, depois irrita-se e acaba por odiar. E este ódio cegou-a e fê-la inventar uma nova ciência chamada patologia, onde tudo o que é pessoal é doença, e à cura de todas as doenças do mundo chama-lhe mediania.

Não basta ser sincero. Não basta ser sincero uma vez, mas sempre. Para que a nossa vida não fique sendo apenas o reflexo de determinado momento em que fomos sinceros.

São tão diferentes as idades da vida de cada um que quem não vai por essa diferença é porque parou numa delas. As idades da vida não se passam por alto: ou se vivem ou ficam por viver. Ou se gasta a sinceridade de cada idade da vida, ou ela toma o incremento de um organismo dentro do nosso organismo, uma excrescência, uma protuberância, um tumor, um tumor maligno, ruim, um cancro!

Não basta ser sincero toda a vida. Depois de tudo ainda é necessário que a nossa sinceridade seja perigosa. Perigosa para o mesmo e para a sociedade. Não deixemos a sociedade assentar arraiais sem primeiro ter reconhecido pessoalmente a cada um. A ver se, por fim, ela deixa de se ofender com o nosso sincero caso pessoal. A ver se ela acaba por uma vez com aquilo de dar mostras bem duras de ter ficado ofendida com a nossa sinceridade. Ou terá de ser sempre assim? Para ela, a nossa sinceridade será sempre a impertinência de um extraviado, a loucura de um isolado?!

CAPÍTULO 61

ESBOÇAM-SE OS PRIMEIROS VISLUMBRES DA SEGUNDA NATUREZA NO PROTAGONISTA

O Antunes estava longe de se saber capaz de que aquilo lhe passasse sequer pela cabeça. Mas sentia o sangue correr-lhe tão à vontade por dentro das veias que se sorriu à ideia de que elas talvez tivessem estado entupidas até hoje. Com os braços cruzados sobre o parapeito, as mãos agarrando os bíceps, teve de olhá-los para certificar-se de que eram os seus, duros como buxo. Ou não sabia que tinha aqueles músculos ou ignorava que estivesse a fazer força. O que aquele momento tinha de nítido era que ele sentia projetar-se em redor de si e não o exterior que vinha projetar-se dentro dele. Uma consciência tão dona da presença da sua vida neste mundo nunca ele a saboreara tão gostosamente. Aqueles instantes tinham um ressaibo a merecidos. Um bastar ia-lhe até ao fim das respirações

fundas. O sentido daquelas palavras senhor de si fazia-o ele como se não o tivesse havido nunca. Levava a sua vontade a ir mover um por um cada músculo, nas pernas, no tronco, nos braços, na cabeça, nos pés, nas mãos, apenas a ver se respondiam à vontade, e tudo sem sair da posição de braços cruzados sobre o parapeito e as pernas traçadas por detrás.

CAPÍTULO 62

O TRAMPOLIM DO SALTO MORTAL PARA A SEGUNDA NATUREZA

O pensamento humano e a humanidade não são uma e a mesma coisa. O pensamento humano leva sempre uma incomensurável dianteira à marcha geral da humanidade. O que o pensamento humano quer imediatamente são exemplos pessoais. A humanidade é apenas um elemento, como a terra, a água, o ar e o fogo.

Há de facto diferença entre aqueles que têm capacidade para suportar sozinhos o peso da atmosfera e aqueles que apenas ombro a ombro resistiriam ao quotidiano. O pensamento humano sabe que tem o poder de restituir a alma aos apavorados.

CAPÍTULO 63

DERRADEIROS ENCONTRÕES DE VIZINHANÇA ENTRE A PRIMEIRA E SEGUNDA NATUREZAS

As circunstâncias tinham arrebatado o Antunes do geral e tinham feito cair sobre ele todo o rigor de um caso pessoal. Isto é, terminara o tempo de hesitar sobre o seu destino. As linhas das suas mãos estavam claras de mais para ser por acaso. O seu perfil, idem. E de tudo isto nasceu-lhe uma honra, a sua! Talvez que não servisse senão para fazer rir o mundo, mas era por enquanto. Ia começar a tomar conta pessoalmente do seu negócio.

O mundo admira de preferência o que ele chama sabedoria e experiência, mas nesta admiração deixa-se esmagar mais pela quantidade do que pela qualidade. Se bem que a qualidade é produto legítimo da quantidade, nem sempre esta foi bastante generosa para que ficasse só com aquela: o indispensável.

Todos sem exceção achavam o Antunes tímido, desconhecedor da vida, sem noção das realidades, ignorante de homens e de mulheres, joguete em mãos alheias, e sei lá que mais! Enfim, aquelas opiniões da gente sabida e experimentada que anda ao corrente dos conflitos da vizinhança e nunca ouviu falar no grande conflito de cada um consigo mesmo. Pois a honra do Antunes tinha esta faceta muito dele: nunca ter sido movido pelo desejo de experiência. Nunca o seu propósito fora o de vir a ter vaidade nos calos e outras cicatrizes. Passaria sempre de largo a todas as imponências exteriores que ameaçavam o seu caso pessoal. Preferia continuar à prova de fogo para toda e qualquer circunstância da vida humana do que a couraçar-se numa experiência que lhe tirasse aquele prazer de ir assistindo a cada instante pela primeira vez. Já antes de ter dado por isso que ele era um cultor da naturalidade. O seu feitio pedia-lhe isso. Exercitava-se constantemente, mas até hoje a sua naturalidade desfazia-se toda antes de chegar aos outros. Faltava-lhe continuar.

Um dos momentos mais sombrios da vida do Antunes lá na sua terra, sem ter com quem trocar impressões sobre

certas coisas, foi por causa de duas frases célebres que lhe apareceram ao mesmo tempo em cima da sua secretária:

“A experiência não instrui nada. — Pascal. ”

E:

“Nada se conhece senão por experiência. — Poincaré. ”

Nas duas frases a experiência é a mesma. Na primeira não instrui, logo, prejudica. Na segunda é admirável disciplina. Uma e outra, duas verdades. Lado a lado, revelavam ao Antunes o que qualquer amigo lhe diria, se trocassem impressões sobre o assunto: o Homem, isto é, o humano individualmente, não suporta o experimental da ciência. Tentá-lo é indignidade pura. A sorte da ciência é haver por cima dela verdades que não são científicas. É a sua sorte, porque, se não fossem elas, a ciência não teria esse estímulo para estender até lá o seu conhecimento. Ao homem o que é do homem, à ciência o que é da ciência.

Exemplo: Pasteur. Por isso, sempre que ouvia a Marselhesa, o Antunes tinha imediatamente três pp de peso no mais fundo da sua admiração: Pascal, Poincaré, Pasteur.

O que há de terrível na vida moderna são os aspetos do quotidiano atingirem um tal grau de nitidez que esta facilmente destrona aquela que devia estar em cada homem de hoje. De facto, não estamos feitos a poder receber os choques das mil e uma caras da realidade exterior e, sentindo-nos incompletos, cremos que é esse conhecimento que nos falta. Talvez. Mas o que nos falta com certeza é confiarmos mais em nós mesmos. Temos o instinto quando nos falte o conhecimento. O instinto dá-nos imaginação bastante para abreviarmos todo o conhecimento de que necessitamos para nosso uso. E assim poderemos deixar formarem-se serenamente os nossos legítimos sentimentos.

A ciência, que não tem outro conhecimento que o das suas experiências, necessita de um espaço de tempo de que cada um de nós não dispõe. Se sujeitássemos a nossa vida ao conhecimento da ciência, acontecer-nos-ia o que às lâmpadas elétricas que tiveram o mesmo processo perfeito de fabricação: nem todas acendem. E as que não acendem deitam-se fora. Não há tempo a perder com mistérios em ciência.

CAPÍTULO 64

FINALMENTE O PROTAGONISTA TOMA O PARTIDO DAS ESTRELAS

O Antunes sentia o prazer do seu entendimento e estava contente consigo mesmo por causa da vibração da sua presença à janela daquela água-furtada aberta para o ar. Não eram programas futuros que o animavam daquela maneira, mas sim, exatamente, o profundo sentido daquele momento da sua vida ali àquela janela sobre a noite, entre o seu passado, que ele conhecia como ninguém, e o seu futuro, que não necessitava de saber por enquanto. Tanto era assim que se desencostou do parapeito, acertou-se bem perpendicularmente ao chão, içou o mais que ia o corpo todo sobre si mesmo, ajustou bem as plantas dos pés ao solo, como as das estátuas nos seus pedestais, com ambas as mãos vibrou umas másculas palmadas no tórax, para lhe tirar o som, e não pôde resistir à tentação de dizer em voz

alta, acompanhada de gestos dos braços estendidos para fora da janela por cima do telhado:

— As ocasiões não se procuram, encontram-se. E quem é, além de nós mesmos, que lhe há de dar o a-propósito? Só quem não há de encontrar-se antes de chegar ao fim é que foge da realidade com medo de ser mordido por ela! Mas eu não tenho medo de viver. O meu medo é incomparavelmente maior do que esse: tenho medo de não viver!

Os olhos ficavam-lhe no céu. Porque não lhe teriam falado disto há mais tempo?! Oh, admirável destino: poder obedecer sem ser a homens!

O infinito era-lhe acessível. Via ao longe. O Antunes perguntava-se se seria o mesmo: ver ao longe e ver o longe.

Ver ao longe é um dom especial de certas pessoas, sobretudo daquelas que não é pelas realidades alheias que caminham. Não pode por conseguinte ver ao longe aquele que põe a sua vontade ao serviço de qualquer acto imediato que caiba dentro do espaço de tempo da sua própria existência. A nossa existência pessoal fica abrangida pelo

campo de ação das vontades que nos precederam. O nosso verdadeiro campo de ação está para além da nossa existência, no futuro. Pôr a nossa vontade ao serviço do imediato servirá apenas para que nos tire ainda mais tempo do pouco de que já dispomos para atendermos ao nosso caso pessoal. A realidade, sendo de facto o que já existe feito, não deixa por isso de ser quase sempre um empecilho. Em vez de passagem é muro, não se pode transpor sem agilidade. E quando o facto real é um resultado da nossa vontade, que a tanto se empenhou, de empecilho pode facilmente transformar-se em muralha opaca que nos não deixe ver a nós mesmos do lado em que ficámos. Chama-se a isto não saber ver ao longe. Quem não sabe ver ao longe levanta muros em redor de si e muralhas que lhe tapem o horizonte. Se não sabe ver ao longe, tanto lhe faz como não que exista o longe, por isso tapa-o. Isto é, inventa-se um buraco para si, por cobardia de não ter ido a passo acertar-se com a sua própria estatura. Apressa-se para que a sua autobiografia não fique desmerecida aos olhos dos presentes, fabrica coerência para todos os seus actos e esquece só que tudo partiu afinal de não ter podido prosseguir na lealdade que se devia a si mesmo.

Todos quantos intervêm na vida dos outros, quer seja no seu favor ou contra, são afinal de uma cobardia que escapa à observação dos melhor atentos. Cobardes por duas razões: primeira, por serem incapazes de se reconhecerem e darem a conhecer o seu próprio caso pessoal para a aceitação geral; segunda, porque, ao intervirem na vida dos outros, quer seja no seu favor ou contra, são incapazes também de abnegar da sua própria pessoa. Se alguém decide da sua vida para servir os outros e não renuncia a si mesmo, em que poderá então ser equânime e admirável, justo e elucidativo? Respeitemos os que a tanto se afoitaram e se decidiram, mas desprezemos os que o fingem.

A condição para saber ver ao longe é estarmos dentro de nós se se trata do próprio, ou de ter renunciado a si mesmo se se trata dos outros.

MORALIDADE DESTE ROMANCE:

Não te metas na vida alheia se não queres lá ficar.